



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

BRENA DE CASTRO NUNES CARNEIRO

**A ANTROPOLOGIA DE FEUERBACH COMO CRÍTICA À RELIGIÃO:
CONCEITUAÇÃO DO HOMEM E NATUREZA**

FORTALEZA

2021

BRENA DE CASTRO NUNES CARNEIRO

A ANTROPOLOGIA DE FEUERBACH COMO CRÍTICA À RELIGIÃO:
CONCEITUAÇÃO DO HOMEM E NATUREZA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C287a Carneiro, Brena de Castro Nunes.
A antropologia de Feuerbach como crítica à religião : conceituação do homem e natureza / Brena de Castro Nunes de Carneiro. – 2021.
96 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.
1. Homem. 2. Deus . 3. Natureza. 4. Antropologia. 5. Religião. I. Título.

CDD 100

BRENA DE CASTRO NUNES CARNEIRO

A ANTROPOLOGIA DE FEUERBACH COMO CRÍTICA À RELIGIÃO:
CONCEITUAÇÃO DO HOMEM E NATUREZA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovada em: 29/03/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Renato Almeida de Oliveira
Universidade Vale do Acaraú - Sobral (UVA)

Prof. Dr. André Luís Bonfim Sousa
Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

Para a minha família, meu companheiro e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a toda minha família, aqueles que, de maneira direta ou indireta, sempre contribuíram com o meu sonho de universidade. Agradeço, principalmente, à minha mãe, Elizabete, e ao meu pai, Félix, que sempre priorizaram os meus estudos, mesmo em meio a tantas dificuldades. À minha avô/mãe, Geralda (Dona Mundinha), que idealizou em mim o seu sonho de ter uma filha formada, e que todo dia se alegra com cada pequena vitória minha.

Ao meu companheiro, Douglas, presente que a filosofia me deu, que tem caminhado ao meu lado em todos os momentos até aqui. Que essa parceria perdure por muitos outros anos. Obrigada por todo o apoio sentimental, psicológico e financeiro (risos). Obrigada por não me deixar desistir e me proporcionar as condições necessárias para desenvolver este texto.

Aos meus amigos de corredores e salas de aula do Centro de Humanidades (CH) e do Instituto de Cultura e Arte (ICA), que tornaram a passagem pelo curso de Filosofia mais leve. Aos laços que se fizeram na filosofia, os quais levo para a vida (só a mundiça): Rafinha, Eva, Rayane, Andressa, Alan Celso, Day e Ivo. E um agradecimento todo especial: aos meus amigos orientadores, Luiz (o orientador que não compõe a banca) e Ediane, vocês moram no meu coração.

Aos amigos da vida, das relações do dia a dia: Lorena, Indra, Leanderson, Mateus, Lorrana e Perote.

A todos estes e aos demais amigos que sempre estiveram dispostos a dividir uma cerveja entre papos filosóficos, políticos ou simplesmente bobos, pois a vida necessita de calmantes.

Ao professor Eduardo Chagas, pela orientação recebida e por dispor de seu tempo na ajuda da construção deste trabalho. Aos professores André Bonfim e Renato Oliveira, pela disponibilidade em participar da banca de defesa.

Aos professores do curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), em especial àqueles que guardo um enorme carinho: Prof. Evanildo Costeski, Prof. Kléber Amora, Prof. Konrad Utz, Prof. Odílio Aguiar, Prof. Hugo Filgueiras e Profa. Ada Kroef.

Ao servidor Sebastião, por estar sempre atento e disposto à comunidade acadêmica da Pós-graduação em Filosofia da UFC.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

À Universidade Federal do Ceará (UFC), por me proporcionar vivências que jamais imaginei desfrutar.

Por fim, agradeço à Filosofia, que mesmo em meio tantas desvalorizações, permanece resistindo.

A pedra não nasce. Não cresce, não morre. Ao contrário do homem que nasce, cresce e morre. Mas o que adianta ser uma pedra? Prefiro ser eu o homem que morrerá um dia sem ter inveja da pedra. (Mario Gomes, poeta marginal fortalezense)

RESUMO

A crítica religiosa feita por Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) é constituída por uma ressignificação que tem o homem como objeto principal da religião. Com isso, desenvolve o que ficou conhecido como *ateísmo antropológico*. Neste texto desenvolvemos alguns pontos que julgamos ser importantes para tal contribuição de análise acerca do tema. Demonstramos como Feuerbach entende a essência da religião como essência antropológica. Analisamos o que o autor entende por religião e por teologia; a religião cristã, como manifestação dos sentimentos e desejos humanos, e como a mesma é envenenada pelas doutrinas teológicas; as concepções de natureza nas religiões panteístas e no cristianismo e como se dá a relação do homem com ela em ambos momentos. A teoria do homem integral só atinge a sua completude através de uma análise que conceitua o homem como ser individual, sensível e plural, sua relação com a religião e sua relação com a natureza. Feuerbach pretende a superação da alienação religiosa através da emancipação da consciência e do reconhecimento do homem com o seu meio. Assim, este trabalho tem por objetivo central tratar da teoria do homem integral defendida pelo filósofo alemão. Para tanto, perpassamos por debates que julgamos ser de suma importância para a defesa de tal argumentação. Para amparar nossa pesquisa, utilizamos como obra principal “A essência do cristianismo” (1841). Porém, também desenvolvemos leituras minuciosas de outras obras que julgamos interessantes para compor a argumentação da pesquisa, tais como “Preleções sobre a essência da religião” (1851), “A essência da religião” (1846), “Princípios da filosofia do futuro” (1843) e “Para a crítica da filosofia de Hegel” (1839). Para apoio secundário, foi feita uma revisão bibliográfica de comentadores que também trabalham o tema da antropologia feuerbachiana.

Palavras-chave: Homem. Deus. Natureza. Religião. Teologia. Ateísmo. Antropologia.

ABSTRACT

The religious criticism made by Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) is constituted by a reframing that has man as the main object of religion. With this, he develops what became known as anthropological atheism. In the following text, we will develop some points that we believe are important for such an analysis contribution on the theme. We will demonstrate how Feuerbach understands the essence of religion as an anthropological essence. We will analyze what the author understands by religion and what he understands by theology. The Christian religion as a manifestation of human feelings and desires and how it is poisoned by theological doctrines. The conceptions of nature in pantheistic religions and in Christianity and how the relationship between man and her occurs in both moments. The integral man theory only reaches its completion through an analysis that conceptualizes man as an individual, sensitive and plural being, his relationship with religion and his relationship with nature. Feuerbach intends to overcome religious alienation through the emancipation of conscience and the recognition of man with his environment. Thus, the work in question has as its central objective to deal with the theory of integral man defended by the German philosopher. For this, we will go through debates that we believe to be of paramount importance in defending such arguments. To support our research, we used as the main work *The essence of Christianity* (1841). However, we also developed detailed readings of other works that we found interesting to compose the arguments of such research, such as, *Lectures on the essence of religion* (1851), *The essence of religion* (1846), *Principles of the philosophy of the future* (1843) and *For the critique of Hegel's philosophy* (1839). For secondary support, a bibliographic review was made of commentators who also work on the theme of Feuerbachian anthropology.

Keywords: Man. God. Nature. Religion. Theology. Atheism. Anthropology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A REDUÇÃO ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO	18
2.1	A questão da consciência na filosofia de Feuerbach	19
2.2	Homem e essência genérica	27
2.3	A cisão entre Deus e homem feita pela teologia	36
3	A FACE POSITIVA E NEGATIVA DA RELIGIÃO	45
3.1	A face positiva da religião	45
3.2	A face negativa da religião	53
3.2.1	<i>A fé enquanto produto da teologia</i>	58
3.2.2	<i>Filosofia especulativa enquanto teologia</i>	61
4	CONCEPÇÃO DE NATUREZA E CRÍTICA TEOLÓGICA	66
4.1	Noção geral de natureza em Feuerbach	66
4.1.1	<i>A vontade condicionada na natureza</i>	76
4.2	Natureza no panteísmo e a aproximação de Feuerbach com as religiões naturais 76	
4.3	A concepção de natureza nas religiões cristãs	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão moderno que demarcou um importante momento da filosofia. Sua relevância se destaca, além de outros motivos que ficarão visíveis ao decorrer do texto, pelas contribuições que auxiliaram o desenvolvimento da teoria humanista. Conhecido especialmente por sua crítica à religião, rompeu não apenas com as doutrinas teológicas, mas também com as teorias idealistas e o que chamou de *filosofia especulativa*.

Feuerbach é caracterizado enquanto filósofo materialista, com todas as ressalvas que tal afirmação merece, pois além de estar preocupado com a matéria, com o corpo, está também preocupado com a sensibilidade. Podemos afirmar que é um materialista que superou até mesmo as significações que o termo acarreta. Ele parte da matéria, porém, não exclui o espírito.

Apesar de a tradição filosófica da academia ter parecido demonstrar desinteresse pelas teorias de Feuerbach, por ter sido encoberto por seus contemporâneos Hegel e Marx, é inegável que as contribuições acerca da filosofia feuerbachiana têm crescido de maneira exponencial nos últimos anos. Basta vermos as referências bibliográficas utilizadas no nosso texto e a atualidade de muitas das produções. Assim, enxergamos que as teorias do nosso autor ainda têm muito para oferecer e os estudos acerca de sua filosofia está longe de ser esgotado. Portanto, vemos a importância de estimular o desenvolvimento do pensamento em torno de seus textos, dentre os quais alguns ainda se fazem pouco compreendidos, isso pelo fato de, por muito tempo, terem se encontrado numa espécie de esquecimento.

Assim como Feuerbach, que afirma que a sua obra é para todos, pois defende uma filosofia que seja abrangente, que consiga permear em todas as camadas da sociedade, o nosso texto busca trazer as colocações do autor de maneira clara e objetiva. Como afirmamos anteriormente, apesar de objetivo, o filósofo alemão ainda parece pouco compreendido. Pelo fato de carregar consigo a imagem de ateu, algumas das análises de suas obras podem estar carregadas de uma visão completamente equivocada, caracterizando-o, assim, como um autor que faz uma absoluta negação da religião. Em contraponto a tal pensamento, temos que afirmar que o que ele expõe é a ressignificação da religião e do objeto religioso, conseguindo, até mesmo, enxergar uma face positiva na mesma.

Em outras palavras, quando falamos em Ludwig Feuerbach é comum que venha à nossa mente, de maneira imediata, a figura de um filósofo ateu. Porém, o que buscamos demonstrar nesta pesquisa vai além da figura de um negacionista da existência de Deus, até

porque acreditamos que esse não seja o intuito do autor, mas a defesa de sua teoria crítica acerca da essência da religião. Tal crítica contém não só a negação da teologia, mas também a defesa e valorização da humanidade que se perdeu no âmbito religioso. Tendo isso, o autor não merece destaque por sua simples crítica religiosa, e sim por seu ateísmo antropológico, levando a foco a sua afirmação de que teologia é antropologia.

A crítica religiosa que não tem a pretensão de mostrar provas que comprovem a não existência de Deus, mas a importância da figura do homem, faz o filósofo desenvolver o que caracterizamos como *ateísmo humanista*. O intuito de Feuerbach e o que vamos defender em nosso texto é a libertação humana por fora da religião. De maneira mais detalhada, compreender como a religião se constitui, desvendar a sua essência, demonstrar a posição que o homem ocupa na verdade da religião e fazê-lo consciente de sua essencialidade.

Para adentrarmos no que se trata a discussão, de fato, do nosso trabalho, temos que deixar compreensível que os termos *religião e teologia*, apesar de carregarem terminologias diferentes, por muitas vezes se encontraram enquanto sinônimos, não só nesta pesquisa, mas também nos próprios escritos feuerbachianos. O que irá determiná-los pode acabar sendo o contexto em que estiverem inseridos. Por isso, antes de qualquer coisa que tenha referência conteudista, temos que expor ao que se refere cada termo. Nos escritos de “A essência do cristianismo” podemos enxergar de maneira mais detalhada as definições de ambos os termos. “Religião” está voltada para a origem, faz referência ao sentimento. Enquanto “teologia” é a parte racional e dogmática da religião. Na obra citada, à religião compete a primeira parte, que Feuerbach caracteriza como o momento positivo ou antropológico. Já à teologia compete a segunda parte, o que o filósofo caracterizou como a essência negativa. Observaremos que tais aspectos têm um capítulo exclusivo no nosso texto para melhor compreensão.

No trabalho em questão, esforçamo-nos para demonstrar, de maneira linear, o que julgamos ser os principais pontos da filosofia feuerbachiana, pelo menos no que compete ao objetivo geral do texto, que é: entender a teoria do homem integral defendida pelo autor. A partir disso, dividimos o trabalho em alguns momentos que estão situados dentro de três capítulos, os quais, na realidade, estão ao longo de todo o texto se relacionando, a ver: “o espaço que o homem ocupa na religião, tanto na visão de Feuerbach como na visão teológica”; “Como que a teologia faz a manobra de negar o homem através de seus próprios conceitos e atributos?”; “Como se caracteriza o ateísmo antropológico de Feuerbach?”; “Os aspectos positivos e negativos da religião”; “religião enquanto sentimento e enquanto dogma (teologia)”; “como a

religião cristã postula Deus através da negação do homem e da negação da natureza?"; e "A concepção de Feuerbach referente a algumas doutrinas religiosas".

Diante do exposto, segue-se que o objeto principal do nosso trabalho se encontra em "A essência do cristianismo" (1841), o que, para muitos estudiosos de Feuerbach, seria sua obra magna. Portanto, sabendo que as contribuições feuerbachianas não seguem uma ordem sistemática, é necessária a pontuação de que não se faz possível uma pesquisa estreita se se tem por objetivo analisar os pontos que aqui foram determinados. Assim, demais obras também foram indispensáveis para compor os pilares do nosso texto, são elas, em ordem de importância para nossa contribuição filosófica: "Preleções sobre a essência da religião" (1851), "A essência da religião" (1846), "Princípios da filosofia do futuro" (1843) e "Para a crítica da filosofia de Hegel" (1839). Não esquecendo dos comentadores, tais como, Draiton Gonzaga de Souza, Adriana Veríssimo Serrão e Eduardo Ferreira Chagas, dentre outros.

Este texto se divide em três capítulos, são eles: (i) "A redução antropológica da religião"; (ii) "A face positiva e negativa da religião" e (iii) "Concepção de natureza e crítica teológica". Onde se encontra o ponto de relação entre tais capítulos? Na importância que os mesmos carregam para demonstrarmos a teoria do homem integral através da crítica religiosa. Para leitores iniciantes na filosofia de Feuerbach pode parecer um pouco desconexo um capítulo que se dedique totalmente à natureza em um texto que tem como base a antropologia. Porém, a nosso ver, a crítica religiosa, que tem por objetivo ressignificar o objeto religioso, só se faz completa se entendermos a importância que é dada à natureza na teoria do filósofo alemão.

Feuerbach afirma ser a natureza o primeiro objeto religioso, talvez por tal afirmação devesse essa explanação se dedicar ao primeiro capítulo da nossa dissertação. Porém, preferimos dividi-la tendo em vista aquilo que julgamos ser a ordem de importância para o presente estudo. Assim, o primeiro e o segundo momento fazem referência a uma análise daquilo que é exposto, de maneira geral, em "A essência do cristianismo", a saber: o esvaziamento do homem e da sua essência e a crítica à religião, principalmente à teologia cristã.

Observamos em Feuerbach a presença de dois métodos para a construção do seu ateísmo antropológico, são eles: o genético-crítico e o histórico-filosófico. De maneira geral, o primeiro diz respeito à *redução*, ou seja, a antropologia ocupando o lugar da religião, redução no sentido de ressignificação da essência, o que iremos entender com "teologia é antropologia"; já o segundo se constitui através da análise dos textos do cristianismo clássico. É em tais métodos que se ampara a crítica do nosso autor.

Perante isso, iniciamos mostrando o que Feuerbach entende por consciência e qual a importância dessa análise para a construção de sua crítica. Ela é a diferença essencial entre o homem e o animal, sendo através da mesma que os homens pensam a religião. A consciência se constitui enquanto princípio da religião no homem. Tudo o que existe na religião, na persona de Deus, existe, pois, antes de mais nada, na consciência humana, no gênero humano ou, ainda, na natureza.

Não é apenas a racionalidade que o autor coloca como aquilo que difere o homem do animal, mas a capacidade presente em tal racionalidade, que é o fato de pensar a religião. Assim, a religião é o que diferencia o homem do animal. Como o Deus do homem está preocupado com as questões humanas, principalmente se falarmos de religiões de cunho cristão, o Deus dos animais, caso tivessem, estaria igualmente preocupado com as questões dos animais, e mais, seria também a imagem e semelhança de tal animal que está a imaginar Deus.

Apesar de ser um filósofo materialista, como já informado, Feuerbach toma como importância indispensável de sua pesquisa a sensibilidade. Ela constitui a essencialidade humana. O homem é um ser que só pode ser determinado através da matéria (corpo) e sensibilidade. A humanidade se determina através dos seus atributos e estes não podem ser tirados da figura humana, pois anularia o indivíduo. Tendo isso, Feuerbach determina o que chamamos de *tripé* da essência humana: razão, vontade e amor. Tais predicados, que são inerentes aos seres humanos, são furtados pela religião.

Para a religião, e aqui estamos nos referindo à cristã, Deus é anterior ao homem. Tudo o que há neste só existe porque existe antes em Deus, sendo este o responsável por determinar a humanidade e a natureza. Tal pensamento acarreta o esvaziamento da essência do gênero, criando, além disso, uma dependência de Deus. O homem religioso se nega frente à figura divina. Para Feuerbach, a religião furta a essência humana, remete à divindade os atributos que são típicos da essência do ser humano. Por isso, diz que sua filosofia é uma redução antropológica da religião, pois a superação religiosa acontecerá por meio da tomada de consciência do homem consigo e com o outro, excluindo o sobrenatural. O intuito é, então, o resgate do homem enquanto objeto de si mesmo.

Já o segundo momento da nossa dissertação está reservado para demonstrarmos o que o autor enxerga como sendo a face positiva e a negativa da religião. Feuerbach faz uma diferenciação entre religião e teologia. Naquela, existem características positivas e podemos chegar logo a afirmar que tal positividade diz respeito à antropologia presente na mesma. Já a face negativa está reservada à teologia, que é o momento racional da religião, pois nessa a

negação entre Deus e homem não é proposital, não se constituindo, além do mais, enquanto algo essencial para sua determinação. Já na teologia, o distanciamento entre Deus e homem é feito de maneira proposital, sendo este apenas um instrumento para a satisfação de Deus. Além disso, Feuerbach ainda afirma uma positividade na religião, acredita ser ela primordial para que o homem tome consciência de sua essência, pois faz a demonstração através da figura divina.

No que compete à face negativa da religião, podemos destacar a fé teológica, o que o nosso filósofo caracteriza como produto do egoísmo. O processo da fé faz com que o homem exclua a necessidade de suas relações e se volte somente para Deus, suas ações estão condicionadas a agradá-lo, visando um retorno, uma recompensa. Além disso, ainda faz um contraponto entre amor e fé: enquanto aquele uni, esta separa.

Por fim, ainda na análise acerca da face negativa da religião, iremos ver a aproximação que a filosofia especulativa tem com a teologia. Aqui, ficará visível a crítica que Feuerbach desenvolve a Hegel e à especulação. A filosofia especulativa cometeu os mesmos erros que a teologia, pois se distanciou da humanidade. Para Feuerbach, cabe à filosofia o lugar de remodeladora da sociedade, ou seja, ela é de extrema importância para a tomada da consciência humana, para a superação da alienação. Porém, no âmbito da especulação, a filosofia não só se torna desinteressante para a sociedade, como também se perde de sua capacidade de ocupar o lugar da religião. É isso que Feuerbach defende, uma filosofia a serviço do povo, que dialogue com sua essência e suas necessidades. Para tanto, afirma a necessidade de uma reforma da mesma, o que chama de uma *nova filosofia*. Tal teoria tem em si uma filosofia que abranja não só a racionalidade, mas também a sensibilidade.

Chegaremos, então, ao terceiro e último capítulo da nossa dissertação, em que faremos uma análise da natureza dentro do que está exposto na filosofia feuerbachiana, e retornamos, mais uma vez, ao que pode ser um questionamento de alguns leitores: por que uma análise da natureza em um texto que se propõe tratar da antropologia? A nosso ver, um texto que tem por intuito determinar a teoria do homem integral em Ludwig Feuerbach só se faz completo se inserirmos a discussão sobre a natureza. Ela é a responsável por fazer a humanidade se deparar com a necessidade de criar uma entidade que atribua a ela toda a importância que não cabe dentro da sua objetividade. Por isso, constitui-se enquanto o primeiro objeto da religião.

A defesa do homem integral, que Feuerbach introduz em “A essência do cristianismo”, só atinge a sua completude na análise acerca da natureza. As obras que melhor podemos enxergar tal definição são, a nosso ver, respectivamente em grau de importância

acerca do tema: “A essência da religião” e “Preleções sobre a essência da religião¹”. Somente através de uma análise detalhada sobre homem, sensibilidade e natureza é que se encontra completa a teoria do homem integral.

A crítica que o autor desenvolve à religião está intrinsicamente relacionada com a visão de natureza, pois, para Feuerbach, o sentimento religioso está diretamente ligado à necessidade que os indivíduos encontraram de superar as barreiras naturais, como a morte, utilizando, assim, a religião como um conforto para questões que não conseguem explicar ou, até mesmo, que não conseguem manipular. O filósofo nos explica que a ideia de um Deus criador de tudo e de todos, que determine tudo aquilo que acontece no universo, faz com que os indivíduos criem esperanças e imaginem uma vida eterna e perfeita longe de tudo aquilo que os caracteriza enquanto seres finitos. Diante disso, analisaremos como a religião cristã nega a natureza e, em consonância, o corpo humano.

No que tange à concepção de natureza em Feuerbach, iremos observar que existe uma aproximação do filósofo com as religiões naturais, com o panteísmo, ao mesmo tempo em que há, em contraponto, um afastamento com as religiões monoteístas, em especial com o cristianismo. Apesar de o filósofo descartar todo e qualquer misticismo presente nas religiões, ele consegue enxergar uma positividade nas pagãs, pois nelas ainda existe uma valorização da natureza, a qual foi sendo esquecida ao passo que o monoteísmo foi se instaurando nas sociedades. Nas religiões naturais, os homens externalizam a sua essência para a natureza, os deuses presentes são objetos reais que existem na mesma, e aqui a utilidade deles é exposta de maneira desvelada. Já no cristianismo, a natureza é recusada pelo homem e anulada pela figura de Deus, e a utilidade da entidade cristã aparece de maneira sutil.

Feuerbach defende que um homem completo, integral, só existe em consonância consigo, com o outro e com a natureza. O ateísmo antropológico que tem por intuito afirmar o homem frente à figura de Deus só se encontra completo quando entendemos a concepção de natureza, pois a filosofia feuerbachiana, da mesma forma, mostra-se preocupada não só com o equilíbrio do homem com o seu semelhante, mas também do homem com o seu habitat.

Na análise do autor acerca da natureza percebemos que o mesmo não despreza totalmente a religião, a exemplo de sua aproximação com as religiões naturais. Mas, diferente disso, acreditamos que pretende ele uma ressignificação. Dessa forma, atrevemos dizer que o

¹ Em *A essência do cristianismo* também existe uma análise sobre a natureza, porém faz-se importante destacar que em tal momento o autor se refere a natureza dentro do âmbito da religião cristã. A obras que têm como foco a teoria da natureza feuerbachiana são as que já foram citadas no parágrafo.

que existe na filosofia de Feuerbach em relação à religião é uma *suprassunção*. Apesar deste ser termo puramente hegeliano, acreditamos que o sentido pode se encaixar muito bem nos escritos que pretendem uma contribuição para os textos de Feuerbach, pois acarreta consigo a significação de uma superação preservando o conceito, não uma simples negação que tenha consigo a categoria da exclusão, mas uma espécie de reestruturação.

A resignificação que Feuerbach pretende nos parece ainda mais urgente na contemporaneidade, pois a religião está cada vez mais perdendo espaço para a teologia. Parece-nos que o que está ficando para a humanidade é apenas a face negativa, o egoísmo, o sentimento mediado por finalidades, a instituição da Igreja, a recusa da natureza. Para além de uma filosofia que trate de um ateísmo, acreditamos que estamos a falar de uma filosofia que trate do homem, que está preocupada com a humanidade. Por isso, enxergamos a urgência em disseminar as obras de Feuerbach de maneira clara e objetiva. O fazer entender a filosofia feuerbachiana pretende uma harmonia entre homem e natureza.

2 A REDUÇÃO ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO

A teoria filosófica de Ludwig Feuerbach trata da tentativa de desvendar perante os homens o verdadeiro objeto religioso. Podemos observar tal afirmativa, de maneira mais desvela, na obra “A essência do cristianismo”, em que o autor faz uma descrição minuciosa, através da crítica da religião cristã, daquilo que afirmou ser a gênese religiosa, a saber: a antropologia. Percebe-se, nas obras do autor em questão, uma *suprassunção*² diante do conceito de religião da modernidade e da filosofia hegeliana, quando o mesmo vai de encontro à tradição filosófica no que diz respeito à teologia cristã. Dentro da crítica da religião é conceituado o resgate do homem pelo homem e a busca da realidade por fora do dualismo. Em relação à apreciação religiosa desenvolvida pelo filósofo, analisaremos como esse vislumbra uma emancipação humana por fora da religião e, conseqüentemente, o esforço para defender a retomada do homem enquanto seu próprio objeto. Trataremos, então, da superação da religião e do resgate do homem enquanto ser sensível.

Apesar de algo que não se fará muito presente em nosso texto, vemos a importância de pontuar, de maneira objetiva, a metodologia utilizada pelo autor para amparar a sua teoria. Tal discussão aparece, geralmente, de maneira secundária, ou até inexistente, no debate sobre a filosofia de Feuerbach, porém, acreditamos que não pode deixar de ser citada. Para desenvolver sua análise crítica em torno da religião, Feuerbach incorre em alguns métodos, dentre os quais iremos destacar o histórico-filosófico e o genético-crítico. Ambos têm por intuito compreender a religião através de uma análise filosófica. Não cabe a ele uma crítica da negação da religião, mas antes um mergulho em sua origem, com o intuito de esclarecer, desvelar sua essência.

O método histórico-filosófico trata de uma imersão nas obras do cristianismo clássico, mas também de uma análise social, pois a religião também se molda de acordo com as épocas. Já o genético-crítico pode se caracterizar como um complemento do primeiro, desenvolvendo-se em dois momentos: “(i) exposição dos elementos próprios da religião e (ii) elaboração de uma *redução* em que a antropologia aparece como fundo para os elementos da religião” (LIMA FILHO, 2017, p. 31). Ou seja, diz respeito ao método utilizado para fundamentar a afirmação de que teologia é antropologia.

² O termo aqui é utilizado, como já exposto na introdução do nosso texto, pelo seu carácter significativo, ou seja, enquanto superação que contém a preservação dos conceitos.

Tendo entendido isso, o nosso leitor pode se debruçar no nosso texto munido do entendimento que se faz indispensável para uma leitura livre de preconceitos acerca da filosofia feuerbachiana. Ou seja, que cabe ao nosso autor uma ressignificação da religião e do seu objeto, e que ele se ampara nos próprios escritos religiosos para o desenvolvimento de tal interpretação.

2.1 A questão da consciência na filosofia de Feuerbach

A proposta de Feuerbach é que a antropologia ocupe o seu espaço de significação que foi comprometido pela religião, e aqui nos referimos à cristã. Para tal virada de posição, Feuerbach busca em suas obras demonstrar pontos importantes para a superação da alienação religiosa. Os argumentos que são desenvolvidos pelo autor mostram uma outra narrativa a partir dos conceitos da própria religião, narrativa que se funda na filosofia e na antropologia, que exclui as nuances sobrenaturais presentes no seio da religião, que tem por intuito a libertação da alienação religiosa. Ou seja, cabe à filosofia o papel de remodeladora da consciência dos homens. Uma nova filosofia, separada da teologia e da filosofia especulativa.

A filosofia deverá tornar-se causa e assunto da Humanidade (*Sache der Menschheit*) e assumir a missão regeneradora de modelação da consciência dos homens, conduzida por valores suficientemente fortes para que possa cumprir a função de mundividência alternativa e suficientemente próximos da Humanidade para que esta os possa aceitar e reconhecer-se neles (SERRÃO, 1999, p. 31).

A filosofia servirá de instrumento para a libertação da consciência que está transfigurada pelas doutrinas teológicas. Assim, ao longo de nossa explanação, vamos entender a conceituação de consciência na filosofia feuerbachiana, como ela é instrumento da religião e da teologia e como pode ser feita a libertação que o nosso filósofo almeja.

Logo nos primeiros capítulos de “A Essência do cristianismo” se abre uma reflexão de como é determinada a diferença entre homem e animal. É importante termos dois pontos como fundamentais para tal distinção, são eles: a consciência e a religião. Nas palavras de Feuerbach, “[...] a religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2013, p. 35). É com essa frase que ele inicia a sua obra mestra, e é a partir dela que vamos analisar como religião e consciência estão em constante conexão na visão do autor.

Já foi dito que a diferença essencial entre o homem e o animal consiste na religião, que, de acordo com Feuerbach, não faz parte da realidade do segundo grupo citado, isso porque “*pensar a religião*” quer dizer “*ser consciente*”. Consciência no sentido de racionalidade não é atribuída aos animais, e sim a “[...] consciência no sentido de si próprio

[...]” (FEUERBACH, 2013, p. 35), de reconhecimento de si, uma consciência do tipo instintiva. Já nos homens, é do tipo rigorosa, de reconhecimento. É o que Feuerbach caracteriza como vida *dupla*, pois se relaciona consigo e com o seu gênero, tem consciência do outro. Souza descreve como consciência no sentido *rigoroso* a que pertence aos homens, e consciência no sentido *amplo* a que está presente nos animais.

Consciência em sentido amplo seria o sentimento de si próprio, o discernimento sensorial, que também caracteriza os animais. Segundo Feuerbach, o animal pode ser objeto para si, não como gênero, mas apenas como indivíduo. A consciência, porém, em sentido rigoroso “existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua quiddidade” (SOUZA, 1994, p. 44).

O homem, diferente dos demais animais, é um ser sensível, por isso sua racionalidade também abrange a categoria da sensibilidade. O reconhecimento nesse grupo é de si e do outro, é a relação do *eu* e do *tu*, tendo a capacidade de se colocar no lugar do seu semelhante. Já no animal, o reconhecimento do outro é apenas instintivo, não sensível, suas relações não são permeadas pela sensibilidade, é antes uma troca fisiológica. O reconhecimento é reconhecimento de espacialidade através dos seus sentidos, ou seja, de seu instinto.

Como o animal, porém, não pensa, não há nele a substância racional necessária para uni-lo ao gênero. Assim, sua unidade não persiste, não prossegue e se dispersa em diferentes indivíduos. Desta maneira, o animal é em si nada mais do que um ser singular, isolado, separado substancialmente dos outros, sem uma relação real com sua origem (CHAGAS, 2016, p. 21).

Feuerbach defende a universalidade da razão, e afirmar tal sequência é o mesmo que defender a relação entre os indivíduos. Ou seja, a razão é universal por conta da categoria do reconhecimento presente nela. O que isto quer dizer? Ora, para o filósofo alemão, se a razão não fosse universal não seria possível a conexão entre os homens. Não existiria nada significativo que os diferenciasse dos outros animais. Não seria estabelecida a noção de gênero, pois não haveria reconhecimento.

Nesse sentido, Chagas (2016, p. 25), citando Feuerbach, nos diz que: “Assim ele afirma que ‘se [...] a razão não fosse una e universal, nem poderíamos, em absoluto, sair de nós mesmos em direção a um outro, nem poderíamos nos compreender mutuamente, nem quereríamos ou poderíamos comunicar nossos pensamentos aos outros’”. É por isso, por a razão humana ser universal, que a consciência humana é do tipo rigorosa.

A consciência é a característica de um ser perfeito³; a ideia de Deus é formulada através dela. Portanto, só o homem, enquanto um ser perfeito, possui tal. Diferente dos animais,

³É característica essencialmente necessária ao ser humano, só é enquanto ser que pensa. “O homem de nenhum modo se distingue do animal só pelo pensamento. Pelo contrário, o seu ser total é o que o distingue do animal. Sem dúvida, aquele que não pensa não é homem algum; não é porque o pensar seja a causa do ser humano, mas

os homens possuem uma vida dupla, o que Feuerbach caracteriza como a consciência do *eu* e do *tu*; melhor dizendo, uma vida interior e outra exterior. Perante isso, o filósofo nos demonstra que a sua intenção é mostrar que a religião tem como essência, ou seja, como pressuposto, a consciência. Pois, só está presente nos homens, e não nos animais, devido a sua racionalidade.

O homem pensa, i.e., ele conversa, fala consigo mesmo. O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções de gênero) sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo *eu* e *tu*; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Ou seja, deve se ter entendido que existe diferença entre instinto (presente nos animais) e consciência, no sentido de saber/racionalidade (presente nos homens). O primeiro não se caracteriza enquanto consciência racional, pois não tem generalidade, assim é determinado enquanto limitado. Para uma consciência ser denominada enquanto tal é necessário que esteja presente nela o conceito de infinito, ilimitação. Assim, tais adjetivos atribuídos a Deus – como, ilimitado, eterno, dentre outros – só estão nele presentes porque existem na consciência e no gênero humano. Feuerbach nos explica tal sequência afirmando que Deus é uma projeção daquele que o pensa. Se o Deus do homem é constituído por características típicas da consciência humana, o Deus dos animais – se assim fosse pensado – teria em si características típicas da categoria de animais responsáveis por formularem tal ideia.

Aquela consciência em sentido estrito, como consciência do gênero, que a princípio Feuerbach invocou como fundamento da religião, revela-se agora como consciência da infinitude da própria essência, isto é, assumiu em si a religião mesma. A religião serviu de *termo médio* neste silogismo, cujo ponto de partida foi a consciência como distintiva do homem; este ponto de partida era fenomenologicamente evidente graças à religião. A religião foi o primeiro dado distintivo do homem e somente na busca do fundamento do comportamento religioso chegou-se à consciência (SOUZA, 1994, p. 47).

É, pois, pelos homens possuírem consciência racional que têm a capacidade de pensarem objetos. No caso da religião, o objeto é Deus. A religião não é outra coisa senão a capacidade do homem em se distinguir da sua própria essência, pois ele é capacitado para exteriorizá-la de si mesmo. Ou seja, ele se coloca como seu próprio objeto de maneira inconsciente. Inconsciente, pois, acredita ser esse outro objeto algo distinto de si.

Os homens se reconhecem através dos objetos, daquilo que representam para eles, “Pelo fato dele os ver e os ver da forma que ele os vê, tudo isso já é um testemunho da sua própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 38). Sua essência é determinada pela consciência,

porque unicamente é uma consequência e uma propriedade necessária do mesmo ser humano” (FEUERBACH, 2002, p. 96).

não existe nada nos homens que não passe por seus sentidos. Se têm em si a noção de infinitude, é, pois, porque têm em si a infinitude da essência humana. A existência individual é finita, já a essência humana é infinita⁴. Porém, a diferença de ambas só pode ser reconhecida através da consciência. Assim, Serrão nos explica que a distinção entre a finitude do indivíduo e a infinitude da essência só podem ser entendidas através da consciência.

Mas a distinção entre a existência finita, que define a individualidade de um indivíduo, e a essência infinita, que pertence a todos, apenas pode ser reconhecida pela consciência. Não aquela consciência no sentido amplo, graças a qual se dá a apreensão perceptiva de um objeto sensível, mas a consciência de si, a relação que um ser mantém com a sua essência interior [...] A natureza mais genuína humana não se encontra no fato de ser exteriormente um elemento de um gênero, quanto no fato de ser interiormente consciente de ser elemento de um gênero; ou, noutros termos, na capacidade de poder apreender subjetivamente, em si, um poder infinito objetivo. A consciência é assim a estrutura humana mais fundamental (SERRÃO, 1999, p. 51/52).

Ou seja, o homem, enquanto indivíduo, é limitado, porém, enquanto gênero, é infinito, daí a noção de infinitude. Jamais se pode tirar da limitação do indivíduo a limitação de todo o gênero, no entanto, os homens tendem a fazer isso, pois não aceitam as suas insuficiências, suas barreiras enquanto ser pessoal. É no momento de elevação dos defeitos, das limitações individuais como limitações do gênero, que a religião se apoia. Perante isso, Feuerbach nos diz:

Toda limitação da razão ou da essência do homem em geral baseia-se num engano, num erro. De fato pode e mesmo deve o indivíduo humano – aqui ele não é diferente do animal – sentir-se e conhecer-se como limitado; mas ele só pode ter consciência das suas limitações, da sua finitude porque a perfeição, a infinitude do gênero é um objeto para ele, seja um objeto do sentido, da consciência moral ou da consciência pensante. Se ele, porém, fizer das suas limitações as limitações do gênero, explica-se isso pelo engano dele se considerar idêntico ao gênero – um engano ou ilusão que, de resto, relaciona-se intimamente com o comodismo, a preguiça, a vaidade e a ambição do indivíduo (FEUERBACH, 2013, p. 40).

Relacionar sua limitação com a do todo é egoísmo e, além disto, falta de aceitação de suas carências. Pode se caracterizar, até mesmo, como não compreensão da existência da essência genérica.

Religião é a consciência do infinito, e só os humanos têm esse tipo de consciência, que está relacionada à infinitude da consciência humana, pois não se pode pensar aquilo que lhe é estranho. “A consciência do infinito não é nada mais do que a consciência da infinitude da consciência” (FEUERBACH, 2013, p. 36). Na religião não existe nada de sobrenatural, ela

⁴ Acerca da essência humana, Serrão nos afirma que: “É antes uma realidade infinita, uma energia inteiramente espiritual que penetra e anima cada ser singular, que está ‘no’ indivíduo ‘acima’ de tudo o que nele é particular, não sendo, portanto, afetada, limitada nem determinada pelas condições finitas da existência” (SERRÃO, 1993, p. 13).

é produto da razão, e esta é a entidade reguladora do homem, tudo o que é pensado é decorrência dela. O Deus do homem, na verdade, é a essência do próprio homem.

A visão de Feuerbach acerca da razão nos diz que ela é inerente aos homens. A humanidade não pode ser pensada fora dos limites da razão e nem da natureza, a teoria do homem integral defende tal abrangência. Enquanto alguns filósofos discorrem sobre a finitude e limitação da razão⁵, Feuerbach a descreve como universal, ilimitada e que existe por si mesma. Ele rejeita qualquer transcendência capaz de limitá-la, pois isso seria negá-la, anulá-la.⁶ Ou seja, “[...] ela pertence a todo homem e, como tal, não pode ser extinta, porque os homens, na medida em que são seres pensantes e inseparáveis do ato de pensar, não podem existir fora da natureza da razão” (CHAGAS, 2016, p. 18).

Como dito anteriormente, a religião tem como pressuposto a consciência. Porém, diante de tal afirmativa, faz-se necessário dizer que o momento em que a religião se encontra presente se caracteriza pela consciência alienada, ou seja, uma consciência imperfeita ou, ainda, infantilizada. A humanidade é o fundamento e o objeto da religião, ela precisa do homem, da consciência humana para existir. Assim, Souza nos explica que a explanação acerca de “A Essência do cristianismo” está dividida em duas partes: *a essência humana é o fundamento da religião e a essência humana é o objeto da religião*.

A primeira parte desta proposição (*a essência humana é o fundamento da religião*) está claramente fundamentada no fato de que a religião é algo especificamente humano e, portanto, deve ter sua razão de ser na essência do homem, funda-se a diferença específica humana.

A segunda parte (*a essência humana é o objeto da religião*) deduz-se da primeira, ou melhor, da maneira a entender a consciência como especificamente humana, pois somente a consciência em sentido estrito, isto é, enquanto consciência do gênero – da essência humana universal e não somente do ser individual – é a consciência propriamente humana. E assim, a consciência fundante da religião fornece ao mesmo tempo a esta o seu objeto: a essência humana. Com isso, evidenciam-se o fundamento e o objeto da religião (SOUZA, 1994, p. 45).

Respectivamente, a religião sendo algo humano tem a sua origem, a sua razão, no próprio homem; e a consciência necessária para se pensar a religião só existe nos homens, pois, estes têm noção de gênero, dando assim o que é necessário para se pensar o objeto. É a partir de tal análise que Feuerbach defende a sua tese de que teologia é antropologia, uma vez que, para ele, Deus é o próprio homem, e tudo o que existe em Deus existe antes no gênero humano,

⁵ Na antiguidade alguns filósofos enxergavam limitações na razão ao compará-la aos sentimentos, às opiniões aos dogmas.

⁶ Serrão, em análise a Feuerbach, afirma que: “Determinar limites à razão, ou ao gênero que a encarna, significaria introduzir o ponto de vista da comparação com uma entidade superior relativamente à qual a razão se poderia saber como finita, mas também na qual contraditoriamente, ao ultrapassar-se e sair de si mesma para se ver como limitada, se colocaria imediatamente como razão e não-razão, como sua negação” (SERRÃO, 1999, p. 34).

e o que está para além do homem é a natureza. Ou ainda, que os conceitos religiosos são, em suma, conceitos antropológicos.

A razão é o substrato da conceituação de homem⁷, de sua existência enquanto tal. Assim como um indivíduo sem consciência não é homem, um Deus sem consciência também não é Deus. E em Deus ela “[...] nada mais é que a consciência da consciência como uma entidade absoluta ou divina” (FEUERBACH, 2013, p. 91). Ou seja, a consciência da religião é, na verdade, a consciência que o homem tem de si mesmo, ainda que nesse momento ela esteja alienada à religião.

Deus não é apenas produto da razão, mas também produto do sentimento, dos desejos, sua essência tem em si a presença da sensibilidade humana. O sentimento é o que existe de mais puro e divino nos homens. Ele só pode ser reconhecido através de si mesmo, através de sua essência. Assim é com Deus, que só pode ser reconhecido através da essência do sentimento, que é a natureza de Deus. Essa mudança de objeto, da essência do sentimento para um ser metafísico – Deus, faz com que ocorra um estranhamento, uma transfiguração da essência do sentimento. Isso porque a religião toma o sentimento como um princípio religioso e anula a sua efetividade por si mesmo. De acordo com Feuerbach, “[...] o sentimento é ateu, no sentido da crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior; o sentimento nega um Deus objetivo – ele é um Deus para si mesmo” (FEUERBACH, 2013, p. 43). O sentimento do indivíduo tem que partir de si, e nunca de outro. Diante disso, o filósofo afirma que formulações de um ser metafísico sempre terão origem na essência do homem, na sua imaginação.

Feuerbach defende que Deus não é uma entidade autossuficiente, ou seja, só é o que é para o homem, ele não é em si, mas para mim. O indivíduo não pode ter acesso àquilo que Deus é fora da sua consciência, pois ele só é a partir e enquanto é pensando pelo humano. Deus só aparece de acordo com as determinações da imaginação do sujeito. Não é possível provar que o ser transcendente tenha alguma ação da qual não seja proveniente da imaginação humana.

A diferença entre o objeto como ele é em si e o objeto como ele é para mim só posso estabelecer quando um objeto pode realmente aparecer para mim de outra forma diferente da que ele me aparece, mas não quando ele me aparece na maneira em que ele me aparece de acordo com meu critério absoluto, i.e., como ele deve aparecer para mim (FEUERBACH, 2013, p. 47).

⁷ Vale destacar que, apesar de Feuerbach fazer uma defesa da razão, ele não se caracteriza, a nosso ver, como um filósofo racionalista. Pelo menos não em relação a um racionalismo tradicional, engessado. Ou seja, enquanto um filósofo que deposita toda a sua teoria na racionalidade e que se desenvolve a partir dela. Para além disso, a teoria feuerbachiana transcende a razão, transcende no sentido de uma teoria mais abrangente que leva em consideração até mesmo aquilo que lhe é distinto, a saber, o amor ou sentimento.

Ou seja, esse objeto tem que ser autônomo em relação ao homem, caso contrário esse Deus é apenas *para mim*. Ele tem que se manifestar de outras maneiras que não através da consciência humana ou, ainda, pela afirmação de sua manifestação apenas pelas palavras daqueles que nele creem. Perante isso, Feuerbach nos explica que Deus é uma projeção do ser. “Deus não é originalmente nenhum nome próprio, nenhum ser em si e por si, mas essencialmente uma qualidade determinada por outro ser; [...] nada mais do que uma expressão do sentimento e da fantasia humana” (CHAGAS, 2014, p. 81). Deus é, então, a autoconsciência humana, porém o homem religioso não tem entendimento disso, fazendo, assim, que tal ausência de conhecimento seja o que fundamenta a religião, a alienação da consciência. Assim, em consonância com Feuerbach, Souza nos afirma que:

[...] a religião é a primeira – ainda que indireta, isto é, através da consciência do outro (de Deus) – autoconsciência do homem, que, quando se converte em consciência direta, desaparece como religião, pois esta se funda na suposta separação entre a essência – objeto da religião – e a essência – objeto da consciência –, e superada a separação, emerge a antropologia como negação e assunção da religião (SOUZA, 1994, p. 47).

A religião é a primeira consciência do homem, a autoconsciência, porém, é o seu momento alienado e infantil. É quando o humano se exterioriza e admira a sua essência em outro objeto, acreditando que este é superior e diferente de si. A teologia provoca a separação, de maneira proposital, do homem consigo mesmo, afirmando um Deus anterior a ele, que é tudo o que o homem não é. O homem é imperfeito e pecador, enquanto Deus é perfeito e santo. “Mas na religião o homem objetiva a sua própria essência secreta. O que deve ser demonstrado é então que esta oposição, que esta cisão entre Deus e homem, com a qual se inicia a religião, é uma cisão do homem com a sua própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 63). A religião se afirma à medida que nega o indivíduo e o coloca em uma posição de inferioridade frente a Deus.

Só existe uma cisão, uma separação, quando anteriormente existiu uma união entre essas essências, no caso a essência de Deus (afirmada pela religião) e a essência do homem. “Cisão só é possível entre dois seres que se separaram, mas que devem e podem ser um único e que conseqüentemente são um único em essência e verdade” (FEUERBACH, 2013, p. 63). Tudo o que pertence a Deus parte, na verdade, de uma única essência, a humana.

Em suma, Deus é um produto da razão. Os predicados presentes em Deus são tais quais os predicados que partem da racionalidade humana, e/ou do gênero, e/ou da natureza, a autonomia dele nada mais é do que a autonomia da razão. É esta que classifica os homens como tal, é no exercício do pensar que o ser humano se efetiva. Não existe nada transcendente capaz de subjugar a razão, ela tem sua origem e essência em si mesma. “[...] ela não pode ser colocada

abaixo de nenhum ente supremo, de nenhum gênero, porque ela mesma é o princípio supremo de todas as hierarquias, princípios este que subordina todas as coisas e seres” (FEUERBACH, 2013, p. 70).

A teologia faz o movimento contrário, onde não só o homem, mas também a razão, é produto e está subjugado à Deus. O mesmo acontece com a noção de natureza, de mundo. Ou seja, a narrativa da doutrina religiosa é “[...] que o mundo surgiu das ideias, dos pensamentos de um ser espiritual” (FEUERBACH, 2009, p. 144). A teologia esvazia não só o homem, mas também a natureza; e é justo, pois, é nesse ponto que Feuerbach busca desmistificar a figura divina, fazer com que o homem tome consciência de sua essência, entendendo que Deus é, na verdade, produto da razão humana.

Feuerbach demonstra que esta discórdia principal entre deus e o homem, que a teologia afirma, é, na realidade, a oposição entre o homem e a sua própria essência. Para ele, a segregação de Deus do homem é nada mais do que uma obra da inteligência, do intelecto, pois deus *per se*, sem corpo, ‘sem carne e sangue’, sem as necessidades e os impulsos sensíveis, é um puro *abstractum*, um puro *res rationis*, isto é, uma essência puramente pensada. [...] Deus é, então, a manifestação do pensar ou o pensar mesmo, que se transforma numa essência universal, infinita ou num *être suprême* (CHAGAS, 2014, p. 83).

Deus é, então, a imagem de tudo aquilo que os homens almejam ser, a representação dos desejos, produto da imaginação humana. Só através da razão os homens idealizam tudo aquilo que não conseguem ser enquanto indivíduos. Só um ser que morre é capaz de idealizar a vida eterna. É através da necessidade que tais fantasias são desenvolvidas, e através das limitações humanas, que Deus é postulado. A imaginação é o conteúdo da religião: “A imagem será então a natureza específica do conteúdo religioso; a imaginação, o seu órgão e faculdade criadora” (SERRÃO, 1999, p. 64). Tudo o que está presente em Deus é uma projeção das vontades humanas, dos desejos mais íntimos, da busca incansável do homem pela perfeição e pela explicação de tudo.

Falta-lhes o entendimento que a humanidade e a natureza bastam, que a noção do Deus completo e perfeito é, na verdade, a própria humanidade, o próprio gênero humano. Entender a sua limitação e compreender que ela não é a representação do todo, que o que falta nele pode encontrar no outro, que o indivíduo perfeito é, efetivamente, a soma de todas as qualidades humanas.

Falta aqui completamente a visão objetiva, a consciência de que o Tu pertence à perfeição do Eu, de que só o homem completa o homem, de que só em conjunto podem os homens ser o que e como o homem pode e deve ser. [...] Portanto, os homens se completam mutuamente tanto moral, quanto física, quanto intelectualmente, de forma que eles, tomando o seu todo, são como devem ser, representam o homem perfeito (FEUERBACH, 2013, p. 167).

A relação do *Eu* e *Tu* é o que alicerça a religião, pois os homens, enquanto seres conscientes, podem sair da sua particularidade e se relacionarem com o seu gênero, sendo por esse movimento que se deparam com suas limitações. Com a busca por superá-las, recorrem à religião. Podemos dizer então que a religião é instintiva, e chega até a ser um momento de preservação do homem consigo mesmo, pois o fundamento da religião, enquanto sentimento de preservação, é egoísta. Ao mesmo tempo em que a relação com o outro, com o *tu*, é responsável por demonstrar ao homem suas limitações, sendo, também, nessa relação que atinge o entendimento da infinitude, pois a enxerga no gênero. No momento de alienação religiosa essa infinitude genérica perde seu espaço para o objeto metafísico. Ou seja, o que temos que ter em mente é que a religião é uma espécie de rito de passagem da consciência humana, e o que Feuerbach busca em sua filosofia é a superação desse momento para alcançar a consciência livre.

Reconhecer a verdade de Deus é reconhecer o próprio ser humano, reconhecer-se enquanto objeto de si mesmo. Para Serrão (1994), a redução que Feuerbach faz de Deus enquanto o próprio homem chega a ser um movimento socrático: “Conhece-te a ti mesmo⁸”. É tomando consciência de si e admitindo as qualidades divinas como produtos da razão e do gênero que o homem será capaz de superar a alienação religiosa. A essência da religião deve servir como uma fonte, um fio condutor para os homens entenderem a sua própria natureza, e é por isso que não existe uma plena negação da religião na filosofia feuerbachiana. Ela está aí, está dada, faz parte das histórias das sociedades, não se supera a mesma com a simples negação, mas com a libertação da consciência, com a ressignificação do seu objeto. Para alcançar tal libertação é necessário o conhecimento da sua essência e o conhecimento e reconhecimento do homem para consigo e com o seu gênero.

2.2 Homem e essência genérica

A obra “A Essência do cristianismo” está servindo como pilar para o capítulo em questão – apesar da indispensabilidade de percorremos um grande leque das produções de Feuerbach⁹, em que observamos, de maneira mais desvelada, a crítica à religião cristã e os aspectos da antropologia feuerbachiana. Perante tal escrito, analisamos a relação do homem

⁸ “[...] – quem é esse criador dos Deuses? –, interrogação condutora de um processo maiêutico bem expresso no ‘conhece-te a ti mesmo’ socrático que *Das Wesen des Christentums* elege como lema inspirador” (SERRÃO, 1994, p. 63).

⁹ Como já citamos na introdução do nosso texto, obras como “Preleções sobre a essência da religião”.

com o objeto e nos deparamos com as particularidades de Deus. Após uma análise detalhada da descrição que o autor faz sobre a consciência, como a religião se funda no seio da racionalidade e a capacidade de interação do homem com o outro, iremos adentrar agora na discussão sobre gênero. O homem é o único capaz de ter consciência de gênero, pois a sua racionalidade permite uma análise metódica das relações.

A discussão sobre a existência do gênero, ou seja, sobre a existência de uma essência humana, é fundamentada através de uma análise do conteúdo da religião¹⁰, que, como já seguimos afirmando em nosso texto, é um conteúdo puramente antropológico. Feuerbach nos afirma que tudo o que se apresenta enquanto predicado de Deus é proveniente da consciência e/ou da essência humana. Como exemplo, podemos utilizar o conceito de infinitude, que é algo que não existe no homem individual, mas que existe presente na capacidade de ilimitação da razão e, como defendido pelo filósofo alemão, na infinitude do gênero. Ou seja, “[...] a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem de sua essência não finita, não limitada, mas infinita” (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Os homens são unidos pelo pensamento, é isso que os definem enquanto gênero. Diferente dos animais, que, como não pensam, não se unem aos outros de sua espécie, ou como as plantas, como a natureza, enfim. Tal capacidade de reconhecimento só é encontrada na humanidade. Ou seja, a essência humana, a capacidade de racionalidade, é responsável pela constituição do gênero.

O gênero humano é constituído por atributos que compõe a essência humana, o que caracterizamos como o *tripé* conceitual articulado pelo autor, a saber: a *razão*, a *vontade* e o *amor*. Esses são a trindade divina humana, porém, que a doutrina teológica afirma enquanto provenientes de Deus. Dizer que tais predicados não são inerentes aos homens, mas antes características que só existem neles pela vontade de Deus, é o mesmo que negar a humanidade. A teologia faz o movimento de afastar o homem da sua essência, de esvaziamento do indivíduo, do gênero. Em outras palavras, o que a teologia extrai e afasta do sujeito, Feuerbach coloca como parte integrante de sua essencialidade; a *razão*, a *vontade* e o *coração* são os princípios básicos que fundamenta o homem, nas palavras do autor:

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência (FEUERBACH, 2013, p. 36).

¹⁰ Observamos que aqui Feuerbach insere o método genético-crítico para a fundamentação de tal argumento.

A essência da razão, enquanto consciência, é inata ao indivíduo. Ou seja, “[...] ela pertence a todo homem e, como tal, não pode ser extinta, porque os homens, na medida em que são seres pensantes e inseparáveis do ato de pensar, não podem existir fora da natureza da razão” (CHAGAS, 2016, p. 18). Portanto, é importante dizer que, apesar de tal característica ser inata aos seres humanos, o conhecimento do mundo e das coisas não é *a priori*, ou seja, o indivíduo se desenvolve a partir das condições materiais, o que será de suma importância para o desenvolvimento e graus de conhecimentos.

Portanto, o ser humano não nasce religioso, ele se torna a partir das suas relações com uma sociedade que possui crenças. Nas palavras de Chagas (2016, p. 19): “Todos os homens coincidem no fato de que pensam, e o pensamento (a razão absoluta) não é particular, mas, como expresso, geral, universal. A razão constitui, então, a humanidade do homem, o seu gênero; ela é uma razão comum aos homens”. A razão é o que os une, responsável pelo reconhecimento.

Já a vontade, enquanto “dever”, tem de se relacionar com o bem de si e do outro, e os atos morais devem ter a sua finalidade no mundo material, e não visando uma recompensa que se relaciona com uma possível salvação transcendente, pois a moral tanto parte dos homens quanto deve ser para o bem da humanidade. Essa moralidade se molda de acordo com as experiências e necessidades das sociedades. Assim, não é algo engessado e relaciona-se com as contingências. O Deus cristão é constituído em cima da noção de moralidade, essa é o aparato da religião.

Porém, tal moral presente em Deus nada mais é do que “[...] a essência moral do homem posta como essência absoluta [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 74). O cristianismo exige que o homem seja moralmente igual a Deus, pois assim garantirá o seu lugar no paraíso. Feuerbach afirma que a narrativa religiosa de uma perfeição moral, se não a maior provocadora entre a cisão Deus e homem, é, certamente, a que mais causa sofrimento, pois coloca frente ao sujeito um ser que julga e condena, além de antepor a moral, que é tipicamente humana, em um ser abstrato.

Como então pode o homem ser libertado desta cisão entre si e o ser perfeito, deste sofrimento da consciência de pecador, deste martírio do sentimento de nulidade? Como pode ele evitar o golpe mortal do pecado? Somente tornando-se consciente do coração, do amor como o poder ou a verdade mais elevada e absoluta, e considerando a divindade não só como uma lei, como um ser moral e racional, mas como um ser que ama, que tem coração e que é ele próprio, subjetivamente, um ser humano (FEUERBACH, 2013, p. 75).

A superação da anulação que a teologia faz do homem só se faz possível através do sentimento, do coração. É através do reconhecimento do amor como objeto de si próprio que o

martírio religioso pode ser sobrepujado. A moral, por fora da doutrina, deve ser permeada pelo amor. Ele é o elemento que une os homens, “[...] é o elo que liga o eu ao outro, permeado pela sensibilidade, que dá início à comunicabilidade, numa ação iniciada pela fala e que busca nessa união a felicidade da completude, fundamentando o ser integral” (MELO, 2012, p. 23).

Ou seja, o amor é aquilo que unifica os indivíduos enquanto gênero, ele é superior a Deus, é necessário negar tal entidade fantasiosa em detrimento do amor: “[...] porque se não renunciarmos a Deus por amor, renunciaremos ao amor em nome de Deus e teremos, ao invés do predicado do amor, o Deus, a entidade cruel do fanatismo religioso” (FEUERBACH, 2013, p. 80). O amor tem que ser efetivado por si próprio e não por conta de Deus ou pelos mandamentos religiosos. É o sentimento mais puro presente nos homens e não pode a religião tomar o seu lugar. “O coração só pode se dirigir ao coração, ele só encontra consolo em si mesmo, em sua própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 81).

Assim, razão, vontade e coração:

Não são perfeições que o homem tenha plenitude, mas delas participa e é mediante elas que o homem se define; são forças constitutivas, elementos ou princípios que o animam e o determina. Estas qualidades são de tal maneira perfeitas, que têm em si mesmas o fim de seu ser e de sua existência e, assim, determinam o ser e o fim do homem, cuja ação, portanto, será sempre imanente (SOUZA, 1994, p. 52).

O homem é determinado não por Deus, mas por suas qualidades. Razão, vontade e coração são forças infinitas. Se pusessemos uma finitude nas tais estaríamos as anulando, e, assim, anulando o próprio homem, pois são inerentes ao ser humano. Tais funções são genéricas, ou seja, são responsáveis pela realização do gênero, sem as quais o ser humano não pode existir. Aqui, não é aceita a afirmativa de que o homem e a razão são limitados. De acordo com Feuerbach, o indivíduo só pode ter consciência da sua limitação, e nunca deve relacionar a limitação de si com a do seu gênero¹¹. Nesse sentido, a noção de onipotente que o homem relaciona a Deus, tem fundamento na ilimitação da consciência e do gênero humano.

Uma limitação que reconheço como minha limitação, esta me humilha, me envergonha e me intranquiliza. Então, para me libertar desse sentimento de vergonha, desta intranquilidade, faço das limitações da minha individualidade as limitações da própria essência humana. O que é incompreensível para mim há de ser também incompreensível para os outros; o que me importa mais? Não é minha culpa; isso não reside na minha inteligência: reside na inteligência do próprio gênero humano. Mas é loucura, uma loucura ridícula e criminosa, qualificar como infinito, limitado, o que faz a natureza do homem, a natureza do gênero que é a essência absoluta do indivíduo (FEUERBACH, 2013, p. 40).

¹¹ Não aceitar a sua limitação como característica particular e elevá-la ao nível do gênero, da essência humana, faz com que tal pensamento sirva como suporte para a religião. Serrão (1999, p. 53) nos diz que: “É no momento em que uma deficiência individual se estende à totalidade dos homens, quando um defeito particular não é reconhecido como tal mas considerado como defeito de todos, que se instala a ilusão religiosa”.

Com isso, queremos dizer que diferentemente do gênero, o indivíduo é limitado, deve se reconhecer e se aceitar enquanto tal. A essência humana não diz respeito ao sujeito particular, mas sim em comunidade, uma vez que a mesma só se realiza, só existe e só é possível na coletividade. A vida em sociedade é necessária para que haja a aproximação com atributos que por ventura não possua. Ou seja, as relações com os outros são necessárias tanto para a completude do “eu” quanto para o gênero, a teoria do homem integral preserva as relações. Porém, é também através da tomada de consciência do gênero que os indivíduos reconhecem as suas carências. O fato de não as aceitar faz com que a humanidade recaia na religião, pois é através desta que acreditam ser possível o singular chegar à perfeição pertencente à essência humana.

Só através do movimento de troca que o homem compreende a si mesmo e o universo. Este, sem o outro, seria nulo, assim como o homem sem as relações também seria. Pois, para a distinção e entendimento do universo é preciso a distinção e o entendimento entre si e o outro. “A consciência do mundo é então proporcionada ao Eu através da consciência do Tu” (FEUERBACH, 2013, p. 105). É a relação entre ser e existir, a primeira deve à natureza e a segunda à comunidade. O ser humano só é em consonância consigo, com o outro e com a natureza, Deus nada tem a ver com sua existência. É na comunidade que está presente a essência do homem. O ser humano unido é melhor em quantidade e qualidade, é nessa união que existe a ilimitação do gênero humano.

O objeto de sentido não deve estar em um ser exterior aos homens, mas sim neles mesmos. Porém, o sujeito individual não é um ser completo, por isso se faz necessária a relação *eu e tu*, “[...] o homem com o homem – a unidade do eu e do tu – é Deus” (FEUERBACH, 2002, p. 98). A raça humana é a única capaz de exercer a consciência genérica, é a única que pode se colocar como objeto de si mesma. O homem só é em relação consigo, com as contingências, não existe apartado da comunidade. Aristóteles já dizia que a vida em comunidade é necessária até mesmo para o desenvolvimento da linguagem. Ou seja, a interação é fundamental para o progresso individual e em grupo. É fundamental tanto para o progresso racional quanto para o sentimental.

A vida em sociedade que os homens são capazes de construir e o reconhecimento através do outro não diz respeito apenas ao predicado da racionalidade, mas a comunidade também é constituída sob os alicerces do amor. É através do amor que o homem entende a necessidade do outro. Tal necessidade o faz se deparar com a sua incapacidade de viver só. “Defeituoso, incompleto, débil, carente é o indivíduo; mas forte, perfeito, satisfeito, sem

carência, autossuficiente, infinito é o amor [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 167). Sem amor não existe relações, ele é a ferramenta primordial para se alcançar o homem perfeito. Porém, é importante saber que, assim como as relações são necessárias, as diferenças também são, caso contrário, gênero e indivíduo seriam iguais e os homens já não teriam mais nada a aprender uns com os outros.

As diferenças também se constituem enquanto necessárias para o desenvolvimento pessoal e social. Feuerbach defende que o homem não é um ser engessado, os seus atributos, as suas qualidades, assim como os seus defeitos, são produtos de suas vivências. Aqui vemos, de maneira escrachada, em que ponto a teologia peca, quando afirma que o único ser que o homem tem dependência é de Deus. Tal afirmativa deixa latente o egoísmo religioso, mas também o desinteresse que pode provocar nos indivíduos pelas relações sociais.

A filosofia feuerbachiana não pretende uma simples negação e desprezo à religião, mas uma superação, ou, como muitos comentadores bem colocam, uma redução, ou, como já afirmamos, uma ressignificação, que, como já sabemos, consiste na afirmação: teologia é antropologia. A redução da teologia em antropologia consiste na retomada do homem como o seu próprio objeto que será possível ao passo que reconheça a perfeição do gênero e não a atribua ao sobrenatural. Nas palavras de Chagas (2014, p. 80):

A acepção antropológica de deus, é isto, a *reduktion* da teologia (*Theologie*) em antropologia (*Anthropologie*) ou da essência universal de deus na essência natural do homem é o ponto central em torno do qual gira a obra principal de Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*.

Perante isso, podemos chegar ao entendimento que a filosofia de Feuerbach está bem mais preocupada em resgatar o homem integral do que mesmo em fazer uma negação vazia da existência de Deus. O resgate do homem integral passa pela superação da consciência alienada.

Serrão (1993) nos explica que Feuerbach chega a conceber um lado positivo e um negativo na essência humana¹². A religião cristã, por sua vez, faz questão de destacar os dois lados: o positivo, apossando-se dele e atribuindo à Deus, e o negativo, fazendo com que os homens se sintam inferiores frente ao ser metafísico.

As doutrinas teológicas fazem os homens crer que a religião é rito indispensável. Porém, se existe algo ao qual o homem é verdadeiramente dependente, esse algo é a comunidade (o gênero) e a natureza. A teologia provoca no homem o estranhamento de sua

¹² “[...] Feuerbach acabará por reconhecer, embora implicitamente, o duplo sentido, positivo e negativo, de ‘humanidade’ ou essência humana, como um complexo que se aliam ‘forças’ e ‘fraquezas’ [...]” (SERRÃO, 1993, p. 17).

própria essência, assim: “O homem universal adora sua essência universal como se fosse um Deus [...]” (FEUERBACH, 2008, p. 25, tradução nossa). Perante isso, a redução antropológica da filosofia feuerbachiana consiste em fazer com que a humanidade se reconheça em si mesma, excluindo o sobrenatural. A essência da religião é, na verdade, a essência genérica do homem. Ao passo que:

O objetivo principal de *A essência do cristianismo* é demonstrar que a essência da religião (do cristianismo), a sua essência divina, é a essência do homem, que a teologia é, na verdade, antropologia, que a suposta unidade entre a essência divina e a humana é a unidade da essência humana consigo mesma, ou que a suposta diferença entre a essência divina e a humana é apenas a diferença entre indivíduo e gênero (SOUZA, 1994, p. 34).

Para a religião, Deus é a causa de tudo o que existe, o propósito das coisas se encontra nele. Tanto o homem quanto a natureza são provenientes da vontade de Deus, ele é o criador. Todos os predicados humanos estão ali presentes, pois são expressões dos predicados pertencentes a Deus. É essa a narrativa religiosa. Porém, a filosofia feuerbachiana faz o movimento contrário, é aí que se encontra a redução antropológica da religião. Não é Deus responsável por criar o homem, mas sim o homem responsável por criá-lo e pensá-lo. O ser místico da religião é a essência do homem elevado ao absoluto. “Tudo aquilo que parece ser divino nada mais é do que algo simplesmente humano” (SOUZA, 1994, p. 33).

A essência nada mais é do que o gênero humano e todos os predicados contidos em Deus, na verdade, são predicados do gênero. Ele é a manifestação dos sentimentos mais íntimos dos homens, e esses sentimentos são exteriorizados através da religião. “Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor” (FEUERBACH, 2013, p. 44).

Quanto mais o homem se reconhece limitado frente ao gênero e não aceita a sua natureza, maior a vontade de transpor as barreiras das suas incapacidades. É na imagem de Deus que o sonho se realiza. Ele é a figura responsável pela salvação humana que está fadada ao pesadelo da morte, é a promessa da vida eterna. O que os homens são capazes de idealizar através da vontade e do coração, Deus é capaz de efetivar. Assim:

Os deuses são os desejos do homem personificados, corporificados, realizados; são os limites naturais do coração e da vontade do homem superados; são entidades da vontade ilimitada, entidades cujas forças físicas andam de mãos dadas com as forças de sua vontade (FEUERBACH, 2008, p. 62, tradução nossa).

Ou seja, a religião é o reflexo dos desejos humanos, a imagem de Deus é a imagem daquilo tudo o que o homem idealiza ser. Não obstante, os predicados divinos são genuinamente humanos, provenientes da essência humana e em Deus, assim como no gênero, são ilimitados.

É com os olhos do psicólogo, e não na perspectiva de um teólogo, que Feuerbach conduz esta leitura genética ou psico-antropológica que, gradual e imperceptivelmente, se vai desenvolvendo como uma investigação regressiva, que parte da individualidade para a intimidade, e da intimidade para a sua raiz mais fundante – o desejo. A religião não é explicável como uma simples atitude desprovida da consciência, uma vez que nela se manifesta, não o ainda não racional do homem, mas o outro lado da razão. A experiência religiosa nasce do vazio da tensão entre realidade e idealidade, existência e possibilidade, do desfasamento entre o sentimento da finitude e a tendência para a sua superação. Deus é apenas o nome do ser ideal que satisfaz os desejos humanos – é a soma dos desejos do coração (SERRÃO, 1993, p. 17).

Chegamos, então, ao entendimento de que a essência de Deus, a essência da religião, fala e dialoga muito mais com o próprio homem do que com Deus e a teologia, pois estes são a essência do humano exteriorizada, objetivada em um ser fantasioso. Porém, é necessário saber que ao destacar tal sequência não estaria Feuerbach afirmando que o homem tem consciência de que a essência de Deus é, na verdade, a sua essência objetivada. Pelo contrário, o homem não tem compreensão de tal afirmativa, daí é que está o princípio que fundamenta a essência da religião. “O homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si, antes de encontrá-la dentro de si” (FEUERBACH, 2013, p. 45).

Seguimos entendendo como se caracteriza a antropologia feuerbachiana que se ampara na crítica da resignificação, a saber: Deus nada mais é do que o homem abstraído das suas limitações, o que venha a ser, a própria essência humana. É o ser livre das fraquezas do corpo, das incapacidades individuais, sem carências. “Deus é, simplesmente, o homem liberto dos limites que condicionam a existência dos indivíduos” (SOUZA, 1994, p. 54). Todas as qualidades divinas são perfeitamente encontradas no gênero.

De acordo com Feuerbach, um ente para ser caracterizado enquanto Deus precisa satisfazer os desejos humanos e preencher as lacunas das suas carências. A entidade deve ser um misto de razão, vontade e coração, assim como o ser humano. “Somente um ser que traz em si o homem total pode satisfazer o homem total” (FEUERBACH, 2013, p. 91). Ou seja, a religião nada mais é do que a capacidade que o homem tem de exteriorizar a sua essência e depois encontrá-la dentro de si. Tendo isso, Feuerbach nos explica que:

Mas Deus como um ser extramundano nada mais é do que a essência humana abstraída do mundo e voltada para si, liberta de todas as cadeias e implicações com o mesmo, superadora do mundo, realizada, contemplada como uma essência objetiva; ou então nada mais é do que a consciência da capacidade de se abstrair de tudo que mais existe fora de si e de poder existir somente para si e consigo, como, na religião, é ela objeto para o homem como um ser especial e diverso dele (FEUERBACH, 2013, p. 92).

Com a essência que foi abstraída e voltada para si, podemos pontuar, além do estranhamento que o homem sofre consigo mesmo, a necessidade do reconhecimento e da diferença entre Deus e homem. Ou seja, ele precisa se aproximar do ser humano para que sua

figura faça sentido na composição de sua vida. Porém, também precisa se diferenciar dele para que creia ter a necessidade daquilo que não pode encontrar em outro se não em Deus e na religião.

Do mesmo modo que Deus é uma essência que se abstrai do mundo, assim quer ser o homem. Na religião, ele vive uma vida paralela, em que a sua causa última é viver uma vida longe do mundo, das tentações da carne, longe da natureza que o limita. A religião é sentimento, a relação do homem com Deus é sempre uma relação afetiva e, em religiões como o cristianismo, uma relação de buscas compensatórias. Ou seja, o religioso abre mão de certos prazeres mundanos, mas por meio disso acredita estar sendo bem visto aos olhos de Deus.

A teoria do ideal asceta, que observamos em Nietzsche, influenciado por Feuerbach, explica-nos muito bem essa busca de recompensa divina através dos sacrifícios¹³. Assim, Nietzsche, em sua “Genealogia da moral”, diz-nos que o asceta “[...] experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e auto sacrífico” (NIETZSCHE, 2009 p. 99). Pois, a religião não apenas esvazia o homem de sentido ao tomar para si todos os seus predicados, também provoca o estranhamento do homem com a sua própria essência, com a sua natureza, com os desejos e necessidades que são típicos da essência humana.

Portanto, Deus enquanto objeto é apenas a projeção do sentimento de autopreservação do homem individual. Produto da consciência e dos desejos humanos que se efetiva através da essência genérica quando atribuída a um ser metafísico. Tudo o que ele é tem como ponto de partida a essência humana. Tudo o que está presente em Deus está, antes de tudo, presente no gênero. “São teus predicados antropomorfismos, será também o sujeito deles um antropomorfismo” (FEUERBACH, 2013, p. 48). Ou seja, se os predicados de Deus são predicados humanos, é certo que sua figura só poderá se encontrar na humanidade, e aqui humanidade está fazendo referência à essência. Feuerbach busca a superação da teologia ao demonstrar que a mesma é um aglomerado de antropomorfismos, mas que afirma um Deus desantropomorfizado, pois: “A religião nada sabe de antropomorfismos: os antropomorfismos não são para ela antropomorfismos” (FEUERBACH, 2013, p. 55). Para ela tais predicados são típicos de Deus, são partes integrantes da essência da religião.

¹³ A crítica de Nietzsche ao ideal ascético se constitui, dentre alguns outros pontos, na idealização e valorização de um para além da vida. O sacerdote asceta pensa e efetua as suas ações idealizando em uma possível “bonificação” em outra vida, em outra existência que estará completamente livre de todo o sofrimento, e que fará sua penúria ter valido a pena. A moral do asceta desemboca no agir de tal forma sempre pensando em sua “salvação”. É a moralidade não pela moralidade, mas pelos prazeres que espera e almeja ser recompensado.

Assim, Deus e religião só são por conta do ser humano, não existe nenhum objeto nesses que esteja fora do gênero. Tudo o que a religião faz é atribuir uma divindade à essência humana. Por fim, ele é a personificação dos desejos, em que, erroneamente, o homem busca completude por não aceitar suas limitações. Porém, um ser completo só é através da razão, da vontade e do coração, e a resposta para as carências humanas se encontram em tais predicados e na sua relação com o seu gênero. A religião é apenas um momento de consolo alienante.

2.3 A cisão entre Deus e homem feita pela teologia

A proposta filosófica da obra aqui trabalhada e o objetivo central de nossa dissertação são resgatar o homem integral através da superação da religião, da sua remodelação. “A crítica de Feuerbach pretende mostrar que o verdadeiro começo não é supra-humano ou extrassensível como denota o cristianismo, mas a realidade efetiva, com os objetos sensíveis, naturais” (SOUSA, 2016, p. 88). Ou seja, que os escritos clássicos da religião se fundamentam no homem real, na antropologia. Enquanto a religião pretende uma defesa do metafísico, Feuerbach pretende uma defesa da realidade material.

Aqui chegamos ao ponto de conclusão do nosso capítulo, em que iremos mostrar de maneira objetiva quais são as afirmativas que a religião, ou melhor, a doutrina teológica, utiliza-se para separar o homem de sua essência, para afirmar que Deus e homem são opostos. Enquanto aquele é o ser livre de limitações, este é limitado, enquanto Deus é válido e afirmação, o homem é nulo e negação. Porém, todas as características de Deus são humanas. No entanto, a religião se funda através de necessidades humanas e assim ela se assegura.

Chegamos ao cerne da filosofia feuerbachiana, que pode ser sintetizada na assertiva *a teologia é antropologia*. Todos os atributos de Deus nada mais são do que atributos humanos tornados universais e postos acima do homem. Desse modo, Deus deixa de ser a gênese do homem e torna-se seu produto. É nessa inversão que consiste a crítica de Feuerbach à Teologia (OLIVEIRA, 2008, p. 63).

Ou seja, não é o homem que é produto de Deus, mas antes, este que é produto daquele. A teologia é responsável pelo esvaziamento dos indivíduos, cria a diferença e, por vezes, o maniqueísmo entre Deus e o homem. Nas várias maneiras de disseminações religiosas não é difícil chegarmos ao entendimento de que Deus, enquanto criador de tudo e de todos, é bom; e o homem, enquanto criatura e servo deste Deus, é pecador. Assim, de acordo com o cristianismo, a humanidade é produto de Deus e tudo o que a ela pertence é proveniente de um ser metafísico. De tal maneira, através dessa afirmativa se percebe a negação do homem e, conseqüentemente, a criação e valorização de um ser *desantropomorfizado*.

Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades (FEUERBACH, 2013, p. 63).

A personalidade de Deus está carregada de atributos humanos. Porém, a alienação religiosa faz com que o indivíduo enxergue seus atributos enquanto exteriores e superiores a si. Portanto, o caminho percorrido por Feuerbach, quando falamos da redução antropológica da religião, consiste na passagem do sobrenatural para o natural. Para o reencontro do homem com sua essência e, conseqüentemente, com seus predicados.

A religião é, então, o momento em que o homem toma conhecimento do seu conteúdo e o transpõe para um ser metafísico acima dele. Ou seja, ela é a primeira etapa da autoconsciência do ser humano, porém, de maneira indireta, pois está voltada para Deus e não para o homem em si. Os predicados que são típicos do gênero são aqui atribuídos apenas a um indivíduo, o Universal, Deus; que pela narrativa religiosa é o ideal de homem perfeito. Um único indivíduo com todas as atribuições do que há de melhor na humanidade, ou seja, “[...] a universalidade extensiva do gênero é concentrada e substituída pela figura de um ser único e exclusivo [...]” (SERRÃO, 1993, p. 14).

A figura de Deus fala bem mais sobre o homem do que a entidade em si, isso porque: “Deus, o ser absoluto, é, em verdade, o predicado essencial dos indivíduos humanos projetado fora deles. [...] Deus é simplesmente a forma do homem separado de seu conteúdo e, por causa dessa falsa separação, os homens, abdicam de suas essências, alienam-se” (SAMPAIO, 2006, p. 52). Tal alienação faz Feuerbach chegar a comparar a religião com o momento da vida infantil, atribuindo à consciência religiosa uma consciência infantilizada.

De maneira mais detalhada, nosso autor defende a religião como momento necessário na vida dos indivíduos, ou seja, assim como a infância é uma circunstância necessária da vida do homem adulto, a religião também é uma circunstância necessária para se chegar à emancipação da consciência. Ou ainda, assim como a criança vê a sua essência projetada em um adulto, o mesmo acontece com o homem religioso que enxerga a sua essência em Deus, porém, sem ter noção desse movimento de exteriorização.

O homem objetiva a sua própria essência (por isso se encaixa enquanto o primeiro momento de autoconsciência) e faz um desvirtuamento ao atribuí-la a Deus (por isso uma autoconsciência indireta, alienada). A alienação é um momento importante e colabora com a evolução da humanidade (enquanto estágio necessário), porém, para que tal evolução aconteça

ela precisa ser superada¹⁴. Portanto, coube à filosofia feuerbachiana desvendar a verdade por trás da essência da religião, que é a própria essência humana. Ou seja, não se conhece o homem a partir de Deus, como um produto da divindade, mas se conhece Deus a partir do homem.

Deus, nessa perspectiva, nada mais é do que a essência humana, ou seja, a espécie humana, a humanidade intrínseca dos homens particulares abstraída deles e apresentada como se existisse em si, fora de todos, como se fosse a verdade transcendente. Deus é então um erro psicológico; erro este que, contudo, tem seu valor didático, pois serve para expor aos olhos dos homens a verdade e a virtude gerais deles mesmos, porque não é mais do que o conjunto das boas qualidades humanas reunidas num objeto aparentemente real que passa por ser a imagem da perfeição de que carecemos (SAMPAIO, 2006, p. 73).

Assim, o erro psicológico ao qual o comentador se refere é a figura de Deus, o sentimento religioso penetrado pelas doutrinas cristãs. A afirmação popular de que os indivíduos aprendem com os erros se encaixa muito bem nesse momento da teoria feuerbachiana. É apenas se inserindo, cometendo o erro e tendo consciência disso que se pode chegar ao acerto, e o acerto aqui é o reconhecimento da religião como autoconsciência humana.

A verdade do sujeito está em tudo aquilo que o determina, ou seja, nos seus predicados. Nas palavras de Feuerbach, “[...] a certeza e a realidade da tua existência estão apenas na certeza e na realidade de tuas qualidades humanas. O que é sujeito está apenas no predicado; o predicado é a verdade do sujeito. Sujeito e predicado distinguem-se apenas como *existência* e *essência*” (FEUERBACH, 2013, p. 49). Portanto, o sujeito não pode negar os predicados, pois lhe são intatos. Nega o sujeito ao atribuir todos esses predicados a um ser transcendente. Aquele que é visto como ateu é quem nega Deus, porém, este não nega os predicados, que são genuinamente humanos, se assim fosse, o indivíduo, ao negar Deus e seus predicados, estaria se anulando. “Anular todas as qualidades é o mesmo que a anular a própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 46). Portanto:

Feuerbach, com o objetivo de demonstrar que a essência divina nada mais é do que a humana, conserva os predicados da essência divina e os atribui ao seu verdadeiro sujeito, a essência humana. Considerar Deus como sujeito é a ilusão fundamental da religião. Nega, pois, os predicados atribuídos a Deus, levando à própria negação do sujeito-Deus, visto que, na sua concepção, ‘a negação dos predicados é por isso a negação do sujeito’ (EC, p. 66). Declara que ‘se os predicados divinos são qualidades da essência humana, também o sujeito dos mesmos pertence à essência humana’ (EC, p. 66) (SOUZA, 1994, p. 55).

Negar a divindade não é o mesmo que negar os predicados presentes nela, como o amor, a justiça, a bondade, etc.; pois esses existem por si mesmos, têm sua origem nos homens e não em Deus. “Uma qualidade não é divina pelo fato de Deus a possuir, mas Deus a possui

¹⁴ Feuerbach acredita que o rito de passagem da primeira autoconsciência alienada para a autoconsciência livre só será possível através da superação da teologia. Assim, vê a necessidade de uma nova filosofia que terá como propósito ocupar o lugar da filosofia especulativa, que, de acordo com o autor, é um desdobramento da teologia.

porque ela é divina em si e por si, porque sem ela Deus seria um ser imperfeito” (FEUERBACH, 2013, p. 52). Deus precisa mais das qualidades do que essas precisam dele, pois o mesmo só é através delas. Não existe um predicado que seja tão somente divino. Porém, para algumas religiões, como é no caso do cristianismo, tudo se baseia na existência de Deus, pois se fundamentam na essência dele, afirmando, assim, que: “Se não existe Deus, dizem eles, nenhum conceito universal será uma verdade, não existe sabedoria, virtude, justiça, lei, sociedade, tudo será pura arbitrariedade, tudo cairá no caos, no nada” (FEUERBACH, 2009, p. 140). Ou seja, essas coisas não teriam valor por si mesmas, mas apenas se determinadas e pensadas por um Deus que lhes atribuisse valor. Quando a religião afirma que os predicados que constituem a essência humana foram ali postos por Deus, também é um processo de cisão do homem com sua essência e anulação.

Deus é bom, o homem é mau; Deus é fiel, o homem é pecador; Deus é infinito, o homem finito. É através do desvirtuamento das qualidades humanas que a teologia se consolida. Ela não apenas faz o movimento de tomar para si os atributos, mas também provoca o estranhamento do homem consigo mesmo e com sua essência. “Com essa separação/projeção, o mundo fica desdobrado em dois ‘reinos’ distintos: o divino, o Céu, superior, pleno, de um lado, e, do outro, o humano e temporal, a Terra, inferior, falha” (SOUZA, 2009, p. 251). O ato de retirar os predicados humanos e pertencê-los a Deus consiste no ato de tirar as determinações humanas. Sendo assim, Feuerbach não nega os atributos que estão presentes em Deus, mas os direciona para o seu verdadeiro sujeito, a humanidade.

De acordo com a doutrina cristã, o homem, a humanidade no geral, sempre irá ocupar uma posição de inferioridade frente a Deus, pois o indivíduo é falho. Como bem vimos no tópico anterior, os homens são, sim, falhos enquanto seres singulares, porém, sua perfeição existe enquanto gênero e suas qualidades podem ser melhores desenvolvidas através das relações. A teologia provoca manobras, como apartar o homem de sua essência, para que torne mais difícil, ou até mesmo impossível, o homem chegar à autoconsciência. Por isso, provoca o estranhamento do homem consigo mesmo, e cria uma essência da religião construída sobre os pilares da essência humana.

No entanto, não é apenas a cisão que constitui a religião, mas também a aproximação, fazer o homem se reconhecer no seu Deus é importante para o asseguramento da doutrina. Ou seja, ela não pode apenas afastar o homem de Deus, também tem que proporcionar

uma afinidade entre os mesmos. Algumas semelhanças¹⁵ se fazem necessárias para que o homem se reconheça em Deus, mas que também entenda que ocupa um lugar de inferioridade perante ele. Também é de suma importância que exista humanidade em Deus, para que seja possível o processo de reconhecimento. “Se fosse um outro quanto à essência em que poderia interessar ao homem a sua existência ou não existência?” (FEUERBACH, 2013, p. 72). O homem tem que se enxergar em Deus para, assim, conceber a importância deste.

Na religião o homem quer se satisfazer; a religião é o seu bem supremo. Mas como poderia ele encontrar consolo e paz em Deus se este fosse um ser essencialmente diverso? Como posso participar da paz de um ser se não possuo a sua essência? Se a sua essência fosse outra, também a sua paz seria essencialmente outra, não uma paz para mim (FEUERBACH, 2013, p. 73).

Quanto maiores as semelhanças entre Deus e o homem, mais será feito o distanciamento por parte da teologia, para que assim se enxerguem como inferiores frente ao todo poderoso. Deus só é enquanto o homem não é. Se o homem reconhece em si a sua essência, Deus deixa de ser necessário. Por isso, a religião esvazia o homem de sentido e atribui tudo o que existe a Deus. O próprio homem “[...] nega a Deus pelo seu saber e pensar para estabelecer em Deus o seu saber e pensar” (FEUERBACH, 2013, p. 56), ou seja, nega a si mesmo, sua própria essência para encontrá-la em um ser tido como superior. É o sujeito se colocando enquanto objeto do seu próprio objeto.

O homem – e este é o segredo da religião – objetiva a sua essência e se faz novamente um objeto deste ser objetivado, transformando em sujeito, em pessoa; ele se pensa, é objeto para si, mas como objeto de um objeto, de um outro ser. Assim também é aqui. O homem é objeto de Deus (FEUERBACH, 2013, p. 59).

A religião cristã postula um Deus anterior ao homem e à natureza, ele é o criador, afirma que a humanidade depende dele. Ela faz a inversão dos valores: “As coisas na teologia não são pensadas e desejadas porque elas existem, mas elas existem porque são pensadas e desejadas” (FEUERBACH, 2009, p. 136). Ou seja, na teologia as coisas não existem por si só, mas são produtos da vontade divina. A vida só existe à medida que Deus quer, os homens só se encontram na Terra mediante a vontade dele e aqui ficarão somente até quando ele quiser. Assim como ele dá vida, também pode tirar. O princípio da criação anula o homem e a natureza. Deus é um ente anterior à humanidade. O ser perfeito que é capaz de castigar caso os indivíduos não vivam tal quais as suas regras. Deus é objeto do desejo, mas também fruto do medo, pois os indivíduos temem a finitude da vida.

¹⁵ Como, por exemplo, a própria afirmativa de que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, que a figura de Deus é tal qual a figura da humanidade.

O esvaziamento que a teologia cristã faz dos indivíduos, a cisão com sua essencialidade, não acontece apenas quando esta furta os predicados humanos, mas também se afirma à medida que se coloca superior ao homem um ser (Deus) sem corporeidade, sem as necessidades biológicas próprias da humanidade. O cristianismo admitiu, até mesmo, o nascimento de um ser que não passou pela construção do ato sexual, pois tem este, como algo impuro, repudia os prazeres do corpo. Cristo nasce somente por conta da vontade de Deus, no ventre de uma mulher pura e virgem. Assim, contradiz não só a essência humana, mas também a natureza.

[...] a concepção de Maria, não maculada pelo esperma masculino que é o próprio contágio do pecado original, foi o primeiro ato de purificação de uma humanidade maculada pelo pecado, i.e., pela natureza. Somente porque o Deus-homem não era contagiado pelo pecado original pôde ele, o Puro, purificador da humanidade aos olhos de Deus, para o qual era o processo da procriação natural uma abominação, porque ele próprio nada mais é do que a afetividade sobrenatural (FEUERBACH, 2013, p. 152).

O processo de geração de Cristo é uma das provas que a instituição religiosa nos dá que abomina a fisiologia humana. Em tal conto, existe uma negação física e moral da natureza. Física, por admitir uma criação que não contenha a troca de materiais genéticos, e ainda, pelo pai, que é um ente imaterial, ser capaz de gerar um ser material, utilizando como instrumento o corpo humano. Moral, pelo fato de a geração não passar pelo ato sexual, pois este é visto como impuro. E aqui percebemos uma das contradições presentes na religião cristã: se o ato sexual é visto como impuro, por que Deus não exclui sua necessidade para a procriação dos indivíduos? Tal pergunta retórica serve para nos afirmar que as determinações religiosas só são possíveis se também forem possíveis dentro do âmbito natural, material.

Faz necessário dizermos, também, que a religião afasta o homem de sua essência quando admiti uma vida celestial. Colocá-la em posição de superioridade frente à vida concreta é o mesmo que desvalorizar a realidade, a corporeidade e a natureza. O mundo real nada importa frente à promessa de uma vida eterna e de um mundo paralelo onde as limitações da natureza não existem. A promessa do paraíso cristão também passa pelo processo de desvalorização da essência humana, pois o homem que será digno dela terá que abdicar de questões que constituem a natureza humana.

Quando a vida celestial é uma verdade, é a vida terrena uma mentira, quando a fantasia é tudo a realidade não é nada. Quem crê numa vida celestial eterna, para ele esta vida perde o seu valor. Ou antes, já perdeu o seu valor: a crença na vida celestial é exatamente a crença na nulidade e imprestabilidade desta vida. Não posso imaginar o além sem ansiar por ele, sem olhar para esta vida miserável com um olhar de misericórdia ou de desprezo. A vida celestial não pode ser um objeto, uma lei da fé sem ser ao mesmo tempo uma lei moral: ela deve determinar os seus atos se a minha vida deve ficar em concordância com minha fé: eu não posso me prender às coisas

transitórias deste mundo. Eu não posso mas também não quero, pois o que são as coisas daqui diante da majestade da vida celestial? (FEUERBACH, 2013, p. 172).

De acordo com a moralidade cristã, os sacrifícios são necessários para uma garantia de vida pós-morte. “A vida monástica e ascética em geral é a vida celestial da maneira que ela pode se manter e se conservar aqui” (FEUERBACH, 2013, p. 173). Ou seja, é a negação do corpo para a purificação da alma, pois o corpo é objeto de pecado. O celibato, a vida ascética, é uma maneira de provar o amor por Deus. A religião é egoísta, pois faz o homem acreditar que tudo o que precisa encontrará em Deus. Até mesmo o casamento, a união que pode ser vista como ato puro e correto de estabelecer uma união entre duas pessoas, fazendo com que, naquele espaço, as relações sexuais sejam aceitas e denominadas como ato de amor e necessário para o processo de geração, já nem aparece mais no Novo Testamento, pois o matrimônio se constitui enquanto ato moral e não religioso.

Para Feuerbach, isso acontece, pois, a religião, além de mostrar que o único que a humanidade tem necessidade é de Deus, ainda defende a santificação da virgindade. “A vida celibatária, ascética em geral é o caminho direto para a vida celestial imortal, pois o céu nada mais é que a vida sobrenatural, assexuada, absolutamente subjetiva.” (FEUERBACH, 2013, p. 177). Ou seja, renegar os seus valores e desejos humanos é o passaporte para a vida eterna, viver em detrimento, temente e amando somente a Deus é necessário para garantir a eternidade da alma, pois uma vida celestial nada mais é do que uma vida livre do corpo e da natureza.

Por isso o matrimônio não é sagrado no cristianismo – ou pelo menos só ilusória e aparentemente –, pois o princípio natural do casamento, o amor sexual (ainda que o casamento burguês contradiga infinitas vezes esse princípio) é no cristianismo um princípio profano, excluído do céu. Mas aquilo que o homem exclui do seu céu, exclui ele também da sua verdadeira essência (FEUERBACH, 2013, p. 178).

A religião, além de fazer a negação do corpo, ainda admite uma noção de alma, espírito, que está além da matéria. Nesse sentido, o corpo não é de interesse do cristianismo, e apenas a alma importa para a eternidade. O corpo “existente” na vida pós-morte é um corpo sem as determinações reais, um corpo que não sente dor e não definha. Ou seja, a negação que a religião faz dele acontece justamente por ser objeto de revelação concreta das limitações humanas.

A religião estabelece um Deus sem corporeidade, trata-se de um espírito sem corpo e sem os desejos típicos da essência humana. Para o filósofo, isso é inadmissível, admitir uma consciência sem corpo anula a consciência, pois esta necessita da matéria para existir. “Retira o corpo da tua personalidade e retirarás dela a sua estrutura” (FEUERBACH, 2013, p. 112). Ou

seja, o corpo, apesar de ser aquele que determina a limitação do indivíduo, também é o que o classifica enquanto tal, enquanto sendo um misto de corpo e espírito¹⁶.

É complexo imaginarmos que um filósofo com a narrativa de Feuerbach admita, ainda assim, a existência do espírito. Porém, temos que deixar explicitado aqui que sua denominação não diz respeito tal qual a significação religiosa. Primeiramente, o espírito narrado por Feuerbach diz respeito à consciência, perante isso, só existe em consonância com o corpo. Não diz respeito à descrição religiosa que coloca o espírito superior ao corpo, ou ainda, que admite uma existência paralela, ou melhor dizendo, uma existência que pode se sustentar mesmo sem estar em conformidade com o corpo. Para a religião, o corpo é finito, mas a alma é infinita. Já para o filósofo, espírito só existe à medida que também existe o corpo. O filósofo chega até mesmo a afirmar que ele é o que existe de mais elevado no homem, pois é o responsável pela capacidade de reconhecimento. O espírito aqui faz referência à consciência e não a uma alma transcendente que se sustenta sem o corpo, não é algo que existe por si só.

Se o espírito é uma atividade do homem, não sendo uma essência em si, ele não existe sem órgãos, não é separável do corpo e então só pode ser explicado pela essência da natureza, mas não por Deus, porque esse Deus ou espírito divino do qual o espírito humano deve ser derivado é apenas essa atividade espiritual abstraída do corpo e de todos os órgãos corporais, mas pensada e concebida como uma atividade autônoma (FEUERBACH, 2009, p. 177).

A teologia faz a inversão ao afirmar que Deus vem antes do homem, quando, na verdade, é o homem quem vem antes de Deus. Ela diz: “Deus é para ela o princípio; o homem vem depois” (FEUERBACH, 2013, p. 134). Então, exercendo sua filosofia crítica da redução, Feuerbach afirma: “O princípio é exatamente o homem, depois vem a essência objetiva do homem: Deus” (FEUERBACH, 2013, p. 134). É justamente essa inversão feita pela religião que o filósofo quer que a humanidade enxergue e supere. Ou seja, a filosofia feuerbachiana consiste em superar a negação e o distanciamento que a religião faz entre Deus e o homem, do objeto religioso que só é em contraposição ao homem e que furta as suas características se posicionando enquanto superior. Anular tal objeto é necessário, pois adorar Deus, nos moldes da religião contemporânea (pois esta perdeu o seu sentido original), implica negar o homem. Portanto, para a ressignificação do objeto religioso, a humanidade precisa se afirmar à medida que nega Deus, entender que o objeto religioso é ele próprio.

Primeiramente o homem cria Deus, sem saber e querer, conforme a sua imagem e só depois este Deus cria o homem, sabendo e querendo, conforme a sua imagem. [...] Naturalmente, pois a revelação de Deus nada mais é do que a revelação, o auto desdobramento (*Selbstentfaltung*) da essência humana (FEUERBACH, 2013, p. 134).

¹⁶ Espírito aqui é usado como consciência. Feuerbach admite a existência do espírito, porém, não como é admitido na religião, em formato de uma alma que pode viver separada do corpo, mas como uma consciência que é complexa de explicação, mas que necessita do corpo para se afirmar.

A religião se trata da relação do homem com a sua própria essência, porém, isso acontece de maneira estranhada quando há a inversão, ou seja, quando a religião afirma Deus como um ser externo e oposto ao homem. Porém, Deus nada mais é do que a essência do homem em geral. Para Feuerbach, a religião em sua origem não diferencia essencialmente homem e Deus, isso só acontece quando a religião se distânciava do sentimento. Para o melhor entendimento, o filósofo nos explica que a diferenciação entre Deus e homem sempre existiu na religião, no entanto, esse discurso não era essencial dentro da esfera religiosa, não tinha um peso significativo.

O discurso sobre homem e Deus, enquanto seres opostos, aparece quando a religião se torna teologia, quando a razão se insere na religião; “[...] então cisão inicialmente tranquila entre Deus e o homem torna-se uma distinção intencional [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 203). Enquanto a religião, no seu momento inicial, se aproximava do homem, o processo de esvaziamento coube à teologia, pois esta nega o homem propositalmente, fazendo, assim, com que Feuerbach a afirme enquanto o lado obscuro da religião.

A realidade é sacrificada em detrimento da fantasia religiosa, da imagem de um ser completo e perfeito. Portanto, concluímos que a religião faz com que o ser humano negue a vida como é, como está posta em sua natureza, mas não nega a essência da vida em si, a essência da humanidade em si, ou seja: “A crença no além renuncia ao mundo, mas não à sua essência; ele apenas não me agrada tal como é” (FEUERBACH, 2013, p. 189). Não nega a vida, mas sim a limitação presente nela, não nega a natureza, mas sim o sofrimento que essa o faz passar.

Portanto, o homem só será verdadeiramente livre, integral, quando chegar ao entendimento que a essência de Deus é a própria essência humana. Que a cisão de Deus e do homem é a cisão do homem com o seu gênero. Percebamos até aqui que Feuerbach não está preocupado em nos dar uma teoria comprobatória da existência ou não existência, ele apenas quer resgatar o objeto religioso e superar a negação que a religião faz da humanidade.

A filosofia feuerbachiana se ocupa com o reencontro, a reconexão do homem consigo mesmo, e esse reencontro é atrapalhado pela teologia. A batalha de Feuerbach é afirmar, através de sua filosofia, que o homem é tão necessário para Deus quanto este é para aquele. Para isso, é importante rebater toda essa negação que a teologia provoca na humanidade.

3 A FACE POSITIVA E NEGATIVA DA RELIGIÃO

3.1 A face positiva da religião

Feuerbach, apesar de toda a sua crítica direcionada à religião, afirma também um lado positivo (e como já sabemos, negativo) nela. Neste primeiro momento, vamos nos atentar à face positiva presente na religião e entender como o filósofo desenvolve sua argumentação referente à mesma. Dessa forma, é necessário compreendermos que a religião é composta por dois momentos, em sua essência, origem e em seu estágio teológico.

É na obra “A essência do cristianismo” que percebemos, de maneira bem demarcada, o que o filósofo pretende dizer com “lado positivo” e “lado negativo” da religião. Tal escrito está dividido em três partes: (i) “Introdução”, (ii) “Essência verdadeira” e (iii) “Essência falsa”. A segunda parte, ele denomina como a essência antropológica da religião; e a terceira, a essência teológica da religião. Com isso, entendemos positivo como antropologia e negativo como teologia. Ou seja, respectivamente, aquilo que se aproxima do homem e aquilo que se distancia da essência humana.

Uma leitura superficial acerca das obras feuerbachianas pode colocar o autor em uma posição de inimigo da religião. Porém, o que fica claro após leituras detalhadas é que a crítica não é direcionada puramente à instituição religiosa, mas ao movimento provocado pela mesma, que é o de se sobrepor à humanidade. Alguns comentadores de Feuerbach, como é o caso de Espíndola, chegaram a esse entendimento nos afirmando que, de acordo com o autor: “Não se trata no seu caso, portanto, de negar absolutamente essa instituição, mas avaliá-la de modo sério” (ESPÍNDOLA, 2015, p. 86).

Portanto, a partir disso, iremos demonstrar que Feuerbach não enxerga na religião apenas um carácter meramente negativo, pois também acredita que o estágio religioso é primordial para o homem obter o conhecimento de sua própria essência. A face positiva da religião diz respeito à preservação do homem, assim, através de nossa explanação, podemos observar em quais momentos ela se faz presente.

Apesar de toda a argumentação anterior, a partir da qual percebemos que a teologia esvazia o homem de sentido ao furtar a sua essência, a religião, em contrapartida, possibilita que o mesmo a conheça. Ainda que de maneira estranhada, ela se faz enquanto momento necessário para que o ser humano se reconheça enquanto seu próprio objeto, ou seja, ela possibilita “[...] a descoberta da essência infinita do ser humano” (SOUZA, 1994, p. 74).

Porém, para tal reconhecimento do sujeito com sua essência, é necessária a passagem do momento negativo da religião para o positivo, que só será possível quando os indivíduos superarem a consciência infantil, que, como Feuerbach já bem colocou, é característica da consciência religiosa. Em outras palavras, o estágio religioso é quando os indivíduos possuem uma consciência imatura, em que ainda não há autoconsciência.

A crítica da humanidade à sua fase infantil, ligada aos sistemas religiosos, é um aspecto fundamental imanente à relação do homem com o seu ser. O gênero humano só poderá se revelar quando for seu próprio Deus, quando o indivíduo suprimir sua infantilidade e se reapropriar de seu ser que foi furtado pelo misticismo. Este ser não está para fora, mas, por um lado, presente nele mesmo de forma imediata e, por outro, revelado de forma mediata na sua dependência vital para com a natureza (COSTA, 2013, p. 71).

Ou seja, o momento de imaturidade da consciência só será superado quando a humanidade atingir a consciência adulta. O que isso quer dizer? A consciência imatura é aquela que está inserida no âmbito religioso; e a consciência adulta é aquela que se elevou, ou seja, saiu do âmbito religioso, atingiu a autoconsciência.

Como já expomos, o homem se conhece através do objeto, e no primeiro momento o objeto de reconhecimento humano é Deus, que, na verdade, é a essência exteriorizada dele. Ou seja, a religião possibilita que o ser humano enxergue sua essência. É através disso que Feuerbach chega a afirmar que pretende não uma argumentação negativa da religião, mas positiva. Positiva no sentido de que sendo a religião a responsável por demonstrar ao homem a sua essência, coube ao filósofo afirmá-la enquanto originária nele.

A meta de minhas obras, assim como de minhas preleções, é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos de além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa, mas positiva, nego apenas para afirmar; nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem (FEUERBACH, 2009, p. 36).

A crítica de Feuerbach à religião não se caracteriza enquanto uma simples negação que visa o fim desta, mas sim a superação ou, como já bem utilizamos o termo hegeliano, uma *suprassunção*, fazendo com que homem saia do momento alienante e se reconheça enquanto seu próprio objeto, que seja capaz de se relacionar com a realidade e não com o sobrenatural. Como vimos anteriormente, o filósofo descreve a religião enquanto sendo a consciência infantil da humanidade que precisa ser amadurecida para superar a alienação.

O objetivo de “A essência do cristianismo” é, então, descartar a relação metafísica que o homem estabelece com a entidade. O desenvolvimento desse argumento perpassa pelo conceito do *eu e tu*, pois enquanto que para a religião o sujeito é Deus, para Feuerbach é o próprio homem, e a projeção da divindade só acontece, pois o homem tem consciência de

gênero. Sendo assim, o primeiro e único objeto da religião é o ser humano. Portanto, o que pretende a filosofia feuerbachiana é apenas a mudança do objeto religioso.

Porém, chegando até aqui, faz-se necessário afirmar que o amor, enquanto inerente ao ser humano, não pode ser descartado. Apesar de a razão ser responsável pelo reconhecimento e consciência de gênero, é o amor o bem supremo da humanidade, pois é necessário para a relação com o outro: “Só o amor, admiração, a veneração, em suma, o afeto transforma o indivíduo em gênero [...]” (FEUERBACH, 2012, p. 26).

A religião se funda no sentimento e, nesse momento originário, a sua essência não está carregada de dogmas teológicos. As diferenças entre Deus e homem sempre se fizeram presentes nas narrativas religiosas, porém, não constituía a essencialidade destas no primeiro momento. Afirmer que o coração é o órgão da religião é dizer que Deus é amor. Ou seja, apesar de a religião ser produto da consciência humana, da razão, esta não basta, pois enquanto lei, oprime e condena; já o coração, perdoa. O sentimento é de suma importância para o processo de reconhecimento do homem em Deus.

A lei condena, mas o coração se compadece do pecador. A lei só me afirma como um ser abstrato, mas o coração como um ser real. O coração dá a mim a consciência de que sou homem, mas a lei só me dá a consciência de ser pecador, de ser um nada. A lei subordina o homem a si mesma, o amor o liberta (FEUERBACH, 2013, p. 75).

Ou seja, é como havíamos postulado anteriormente na discussão entre moral e amor. Este, é o único capaz de superar a moral dogmática. Aquela deve se relacionar com o amor para a sua completude.

Assim, a moral, e entendemos também como parte racional da religião, é insuficiente, o amor é necessário. Ele é o elo entre o perfeito e o imperfeito, a parte que representa a humanidade presente em Deus. Pois, é por ser um ente repleto de amor que a ele é dada a capacidade de perdoar e amar os seres imperfeitos. Apesar de a religião afirmar que a moral foi constituída por Deus, Feuerbach afirma que essa capacidade de perdoar, independentemente das leis morais, pelo simples arrependimento, determina-o “[...] como um ser não moral, como um ser mais do que moral, em síntese, como um ser humano” (FEUERBACH, 2013, p. 76).

O amor é o laço de união, o princípio de mediação entre o perfeito e o imperfeito, entre o ser sem pecado e o pecador, entre o geral e o individual, a lei e o coração, o divino e o humano. O amor é o próprio Deus e sem ele não há Deus. O amor transforma o homem em Deus e o Deus no homem (FEUERBACH, 2013, p. 75).

A compaixão expressa a similaridade entre homem e Deus. Dessa forma, para o filósofo, só se pode ter compaixão pelo seu semelhante. O acalento que o homem acredita

encontrar em Deus, na verdade, encontra no próprio coração. O amor de Deus pelo homem é a maior prova de que, na verdade, ao adorar Deus, o homem está a adorar a sua própria essência.

A prova mais evidente, irrefutável de que na religião o homem se contempla como um objeto divino, como uma meta divina, que ele então na religião só se relaciona consigo mesmo, com a sua própria essência – a prova mais evidente e irrefutável é o amor de Deus pelo homem, a base e o centro da religião (FEUERBACH, 2013, p. 83).

Ou seja, Deus é a expressão do amor, da realização dos desejos humanos. É a certeza de que não existem barreiras para o sentimento, para a afetividade. “Deus é o amor – i.e., a afetividade é o Deus do homem; sim, o Deus em si, o ente absoluto” (FEUERBACH, 2013, p. 137). O homem imagina a afetividade enquanto Deus e através dela afirma a onipotência dele. Porém, é, em verdade, a própria efetividade humana ilimitada, os desejos do coração realizados em um único ser.

A religião fala do homem consigo mesmo, até a oração se constitui enquanto o voltar-se para si do homem. Ou seja, o movimento que o crente faz de recorrer a Deus para garantir atenção e a resolução das suas súplicas, na verdade, é o movimento que o homem faz de retornar para dentro de si mesmo, buscando acalento. Nas palavras do autor: “Por isso o homem dá as costas à natureza, aos objetos visíveis em geral – volta-se para dentro, para aqui, escondido dos poderes invisíveis, encontrar atenção para os seus sofrimentos” (FEUERBACH, 2013, p. 138). Já que a natureza não se importa com as questões humanas, o homem se volta para si, acreditando estar dialogando com Deus, para superar seus medos, pois a religião é, também, consequência deles.

Deus é o SIM da afetividade humana – a oração é a confiança incondicional da afetividade humana na identidade absoluta do subjetivo e do objetivo, a certeza de que o poder do coração é maior do que o poder da natureza, que a sede do coração é a necessidade que sobre tudo impera, que é o destino do mundo (FEUERBACH, 2013, p. 139).

O momento da encarnação, quando Deus se projeta em um ser concreto, faz menção à misericórdia que ele tem pelo homem. “A encarnação foi uma lágrima da compaixão divina, logo, apenas um fenômeno de um ser que sente humanamente e que, por isso, é essencialmente humano” (FEUERBACH, 2013, p. 77). Ou seja, é a misericórdia que o homem sente por si mesmo e por seus semelhantes. A encarnação é, em verdade, o homem endeusado. A religião utiliza o discurso do Deus encarnado para afirmar a compaixão que ele tem pelos indivíduos. Deus desce dos céus para salvar aqueles que nele acreditam e ainda coloca o homem com a capacidade de se tornar Deus. Porém, Feuerbach nos afirma que esse movimento é apenas ilusório, pois Deus já é em si e por si a essência humana.

A encarnação é, então, a prova do valor humano presente na religião. O ser perfeito e celestial desce do seu trono para se rebaixar aos homens por compaixão. A necessidade de afirmar a encarnação se mostra enquanto representação valorativa da essência humana. “Como pode o valor humano ser expresso de modo mais elevado do que quando o próprio Deus se torna homem por causa do homem, quando o homem é a finalidade e o objeto do amor divino?” (FEUERBACH, 2013, p. 83). A compaixão de Deus também serve como sustentação para a religião, o homem o ama pelo fato de Deus também o amá-lo. A crença em Deus jamais se sustentaria se a sua essência fosse completamente adversa da essência humana e se o mesmo não estivesse a serviço da humanidade.

Religiões como o cristianismo, que têm como objeto um Deus pessoal, que é estabelecido enquanto imagem e semelhança do homem, carregam consigo uma positividade, ainda mais se falarmos de cristianismo clássico¹⁷. Ao admitir um Deus que possui características humanas, essa religião abre espaço para que o homem se entenda melhor. Como dissemos anteriormente, é a primeira autoconsciência do indivíduo, ainda que alienada. A personificação de Deus contribui para o conhecimento dos atributos e virtudes humanas, “[...] todo progresso na religião é por isso um mais profundo conhecimento de si mesmo” (FEUERBACH, 2013, p. 45).

A imagem de Jesus é a melhor representação do deus humano, é a divindade não apenas com os atributos espirituais, mas também concretos, é o deus que sente, que perdoa, que sofre. A sua personalidade consiste no deus sofredor. Enquanto Deus é a representação do absoluto, do ilimitado, da perfeição, Cristo é a representação das mazelas humanas¹⁸. Ele sofre porque ele ama, porque ele ama o homem, o amor e o sofrimento se unem. O Deus cristão é para os homens aquele que sai da sua posição de superioridade para servi-los, abandona a sua calma para se preocupar com as questões humanas, sofre porque sente o sofrimento humano. Demonstrando, assim, que ele tem a capacidade de sofrer.

Deus sofre não significa em verdade nada mais que: Deus é um coração. O coração é a fonte, o cerne de todo sofrimento. Um ser sem sofrimento é um ser sem coração. O mistério do Deus que sofre é então o mistério do sentimento; um Deus que sofre é um Deus sensível ou sentimental (FEUERBACH, 2013, p. 88).

¹⁷ Lembremos do método histórico-filosófico, em que Feuerbach se detém às escrituras clássicas para encontrar a essência que ele afirma sendo a antropológica. Para o nosso autor, o único que merece ser estudado é o cristianismo clássico, que ainda não havia sido envenenado pela doutrina. Diferente da modernidade, momento em que o cristianismo já foi negado, ele não existe mais na sua essência, mas apenas na teologia. Ele não é mais instrumento do amor, mas apenas da razão. Tendo isso, Feuerbach nos afirma que: “O Cristianismo já não corresponde nem ao homem teórico, nem ao homem prático; já não satisfaz o espírito, nem sequer satisfaz o coração, porque temos outros interesses diversos da beatitude celeste e eterna” (FEUERBACH, 2002, p. 14).

¹⁸ “Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda a miséria humana” (FEUERBACH, 2013, p. 85).

A imagem do deus sofredor é o apelo da religião para aqueles que nela creem, só quem ama pode sentir a dor do outro, por isso o sofrimento se ampara no amor. A crucificação de Jesus Cristo é a representação da dor através da imagem, e o processo da ressurreição é a validação dos sacrifícios, pois também se constituem enquanto parte integrante da religião.

Representar Deus como um ser que sofre pode se caracterizar, também, como a aceitação dos sofrimentos dos homens. Um ser que não sofre é um ser sem coração e, levando em consideração que para os religiosos Deus é a maior representação da perfeição, não se poderia tirar desse Deus a característica do sofrimento. Se assim fosse, os sofredores ficariam desamparados. O sentimento é sagrado para os homens, assim, um Deus que não sente é nulo.

Todo esse processo imaginário de um Deus que sofre pelos homens, que vem à Terra, sacrifica-se e morre por eles, não é nada além do que o sentimento de preservação que o homem tem por si mesmo. A negação de si em detrimento desse ser superior é apenas alucinação. Assim, respectivamente, Feuerbach desenvolve o questionamento e afirma que:

Por que então renega-se o homem na religião? Para conseguir o favor de seus deuses, que lhe proporcionam tudo o que deseja. [...] O homem não se nega então para negar-se – tal negação é, quando acontece, pura loucura e demência religiosa – ele se nega, pelo menos quando o homem tem intenções humanas, para se afirmar através dessa negação. A negação é apenas uma forma, um meio de autoafirmação, do amor-próprio. O ponto em que isso mais se evidencia na religião é o sacrifício (FEUERBACH, 2009, p. 83).

A negação que o homem faz de si na religião é apenas negação com finalidades. Ou seja, é determinada pelo desejo de autopreservação, de eternidade, de recompensa divina, é amor-próprio.

No cristianismo, Jesus é o ser humano mais perfeito e, para os cristãos, o ideal de tudo aquilo que almejam ser. Ele possui imensuravelmente todos os atributos humanos, não tem falhas, ama, é justo e moral. É objeto não apenas de adoração, mas também de inspiração. Cristo é “[...] objeto do homem, objeto do sentimento, do coração” (FEUERBACH, 2013, p. 94). Já para Feuerbach, consiste no encontro do homem com sua sensibilidade.

Cristo é a representação do Deus na Terra. É parte essencial para o movimento de aproximação que a religião faz entre o homem e a divindade. Além disso, é provável de ser o argumento mais forte que ela utiliza para desenvolver a justificativa acerca da salvação da humanidade. Pois, se Deus deu o seu único filho para morrer pelos homens pecadores e pôde ressuscitá-lo, os mortais também podem ser dignos de salvação, porém, se, e somente se, seguirem os seus mandamentos.

A religião cristã se aproxima do homem através da imagem de Cristo, trazendo consigo a afirmativa do deus pessoal e não apenas do deus distante que só aparece através de

demonstrações. Cristo é necessário, pois, de acordo com Feuerbach, a visão se constitui enquanto último sentido necessário para a certeza da existência das divindades. “Ver a Deus é o supremo desenho, o supremo triunfo do coração. Cristo é este desejo realizado, este triunfo” (FEUERBACH, 2013, p. 157). Cristo realiza o último desejo da religião, o Deus pessoal, que se manifestou perante a visão. Deus é a essência, enquanto Cristo é a manifestação dessa essência. Perante isso, Feuerbach conclui que assim a religião cristã pode ser denominada enquanto a religião completa.

A crença no poder da oração é idêntica à crença do poder no milagre, e esta é igual à crença na fé, ou seja, a oração¹⁹ pressupõe a fé. Ela “[...] não é nada mais que a inabalável certeza da realidade [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 142), ou seja, a crença na verdade da essência humana. É na fé que a ilimitação se realiza, ela é a representação dos desejos humanos em oposição às limitações estabelecidas pela razão e pela natureza.

A fé desata os desejos humanos dos grilhões da razão natural; ela permite o que a natureza e a razão negam; ela torna o homem feliz porque tranquiliza os seus desejos mais subjetivos. E nenhuma dúvida abala a verdadeira fé. [...] Mas na fé já desaparece o princípio da dúvida, porque para a fé já é o subjetivo em e por si considerado como objetivo, o próprio absoluto. A fé nada mais é do que a crença na divindade do homem (FEUERBACH, 2013, p. 142).

Anteriormente, no nosso primeiro capítulo, afirmamos a razão enquanto ilimitada, infinita. O homem tem noção de infinitude e ilimitação por conta da infinitude e ilimitação da consciência. Porém, no parágrafo acima, foi admitido que a razão impõe limitações ao ser humano, algo que pode parecer ambíguo para o leitor. Tal afirmação faz referência à incapacidade da razão de afirmar a ressurreição, que é uma narrativa religiosa, portanto, a limitação da razão está presente para as religiões. Não se pode afirmar a vida após a morte, pois a consciência não independe do corpo. Assim, a imortalidade não é passível de uma explicação racional, por isso é tão somente um desejo que se perpetua através da fé.

A confirmação bíblica da ressurreição de Cristo é a prova para o cristão que crê na imortalidade. “A ressurreição de Cristo é por isso a ânsia satisfeita que o homem tem de uma certeza imediata da sua contribuição pessoal após a morte – é a imortalidade pessoal como um fato sensorial, indubitável” (FEUERBACH, 2013, p. 149). Porém, a afirmativa de tal acontecimento não é nada além do que o desejo de preservação que o homem tem por si mesmo, pois é comum dos homens terem em si o instinto de conservação da vida.

O sentimento de dependência é o que fundamenta a religião, tem nele a sua base, porém, o objeto desse sentimento é o medo da morte, a autopreservação. “Os antigos ateus e

¹⁹ É o processo de diálogo do homem com a entidade, que, em verdade, é um monólogo do homem consigo mesmo.

mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declararam ser o medo, que nada mais é do que o sentimento mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola mestra da religião” (FEUERBACH, 2009, p. 38). No entanto, é importante dizer que, apesar do medo ser um dos fundamentos da religião, é a fé que a sustenta. Se ele não é a causa essencial que fundamenta a religião, é ainda uma parte importante que a integra.

Feuerbach admitir um carácter positivo na religião é o mesmo que dizer que esse consegue enxergar uma humanidade na mesma, pois os sujeitos são os mesmos, ou seja, o próprio homem. É importante termos o entendimento dessa linha tênue entre aspecto positivo da religião, por terem em si o mesmo sujeito, e o aspecto alienante, enquanto o homem se exterioriza de si e se coloca enquanto objeto. Para isso, faz-se necessário entendermos o cerne da argumentação enquanto momento positivo da religião, que é, justamente, como já foi dito, o fato de a religião ser para o homem e servir como instrumento de revelação e/ou conhecimento da essência do mesmo, isso acontece, pois, o seu conteúdo é antropológico. Ou seja, ainda que produto de esvaziamento do homem, ela também o liberta das suas limitações através da figura de Deus.

A essência divina é a essência humana transfigurada pela morte da abstração – o espírito falecido do homem. Na religião o homem se liberta das limitações da vida; aqui deixa ele desaparecer o que o oprime, trava e impressiona negativamente; Deus é o sentimento que o homem tem de si mesmo libertado de qualquer obstáculo; livre, feliz, realizado o homem só se sente em sua religião, porque só aqui vive ele para o seu gênero, festeja o seu domingo (FEUERBACH, 2013, p. 117).

Também existe na religião o conceito de felicidade. O homem religioso se sente pleno na sua crença, ela o acalma e o faz se sentir seguro em relação aos seus medos. Ainda que a felicidade no âmbito religioso seja uma felicidade mediada pela alienação, ela tem o seu carácter valorativo. Aqui abrimos um parêntese para uma colocação que acreditamos ser uma defesa da filosofia feuerbachiana. O que queremos dizer é que enxergamos que a filosofia de Feuerbach não pretende excluir os bons sentimentos provocados pela religião, mas antes, fazer com que os mesmos não sejam ações com finalidades religiosas, ou ainda, que sejam ressignificados para além do âmbito religioso, que encontrem seus valores dentro da perspectiva da vida social, da comunidade.

O lado positivo da religião está presente quando ela ainda se conserva em sua essência, antes da teologia. Feuerbach acredita que a noção de um ser ilimitado na religião serve para superar a consciência subjetiva, dessa forma, a onisciência é, então, a ampliação da consciência humana. Lembremos que na origem da religião a diferença entre Deus e homem era apenas quantitativa, e é no seu estágio teológico que existe a diferenciação de maneira não

só racional e proposital, mas com o intuito de esvaziar o homem. Portanto, Feuerbach enxerga uma face positiva na religião, pois esta é instrumento para a construção do seu ateísmo humanista, que diz respeito à substituição da crença em Deus pela crença no homem. Assim, o filósofo propõe que:

Para querermos e efetuarmos isto, devemos substituir o amor a Deus pelo amor aos homens como a única religião, a fé em Deus pela fé no homem em si mesmo, em sua capacidade, pela fé na qual o destino da humanidade não depende de um ser exterior ou superior a ela, mas sim dela mesma, na qual o único demônio do homem é o homem rude, supersticioso, egoísta, cruel, mas também na qual o único Deus do homem é o próprio homem (FEUERBACH, 2009, p. 317).

Assim, percebemos que o intuito de Feuerbach é ressaltar a religião do homem. Isso só será possível através da tomada de consciência da sociedade. É voltar-se para si, encontrar em si a essência que foi posta para fora, que foi projetada em outro. Foi necessário passarmos por todos os momentos aqui expostos para entendermos a face positiva da religião, que existe enquanto a verdade dela é a preservação do homem. Ela acontece quando o amor é colocado como fundamento religioso, pois faz referência às relações dos sujeitos com os seus semelhantes. Serve como alicerce para o salto da tomada de consciência da verdadeira essência religiosa, que é a própria essência humana. Faz-se presente até mesmo na imagem do Deus cristão, que surge não apenas como um ser igual ao homem, mas como um ser que tem por intuito demonstrar a possibilidade da salvação da humanidade. Observamos que toda a narrativa religiosa diz respeito ao ser humano, pois enquanto Deus é objeto para o homem, este é objeto para a religião. Tudo o que nela está presente ou faz relação ao ser humano ou é para a humanidade, assim, ela é positiva enquanto é antropologia. Já a sua face negativa diz respeito à teologia, que vamos discutir mais à frente.

3.2 A face negativa da religião

Enquanto Feuerbach admite um lado positivo na religião pelo fato de acreditar que sua essência é a antropologia, que existe a proclamação dos adjetivos humanos, e que pode servir para a humanidade alcançar a autoconsciência livre, admite o seu lado negativo enquanto teologia que esvazia por completo a humanidade. Na demonstração a seguir, podemos entender como o autor desenvolve a sua argumentação acerca da religião, enquanto teologia, ser a face negativa da instituição religiosa. Analisamos, também, o momento da fé enquanto produto meramente teológico, carregado de medo e egoísmo. E ainda, faz-se necessário, também, a

caracterização que Feuerbach desenvolve da teologia enquanto filosofia especulativa e como pode ser feita a superação desta.

Além da obra “A essência do cristianismo”, para entendermos a conceituação sobre teologia e o entrelaçamento com a filosofia especulativa, também vamos utilizar, nesse momento, a obra “Princípios da filosofia do futuro” (1843), que, de acordo com a nossa interpretação, é o texto esclarecedor acerca do tema, o qual nos serviu não só para entender a crítica teológica, mas para apresentar um esclarecimento da aproximação da filosofia especulativa com a teologia.

Já foi possível perceber que a face negativa da religião diz respeito ao esvaziamento da essência humana. Ou seja, da diferenciação proposital causada entre Deus e o homem, como já bem observamos na passagem “1.3” desta pesquisa. Porém, o negativismo que Feuerbach enxerga vai além da anulação da humanidade, mas também se faz presente na anulação dos conceitos, como foi feito com o amor, o sentimento e a moral. A face negativa da religião se estende até mesmo à natureza, principalmente se falarmos em religião cristão. O que existe de negativo na religião é tudo aquilo que dificulta a afirmação do homem enquanto ser integral.

Feuerbach afirma que “[...] a religião não tem a consciência da humanidade do seu conteúdo; ela antes se opõe ao humano, ou pelo menos não confessa que o seu conteúdo é humano” (FEUERBACH, 2013, p. 267). Ou seja, acreditamos ser por essa possibilidade de saber e não confessar que o filósofo enxerga que é feita uma negação proposital do conteúdo. A última sequência da citação se encaixa no âmbito da teologia, que, diferente da religião, tem consciência da humanidade presente no seu conteúdo, e o termo humanidade aqui não faz referência à bondade ou à compaixão, mas apenas à questão do gênero. A teologia tem consciência de seu conteúdo antropológico, mas, para garantir a alienação de seus servos, faz o esvaziamento da essência.

Faremos agora um paralelo da crítica feuerbachiana à teologia com a contemporaneidade. O filósofo afirma que religião é sentimento, que ela tem sua origem no amor. Porém, é permeada pela teologia e se afasta de maneira exponencial do sentimento. Basta vermos as doutrinas que são repassadas nas instituições religiosas. São ensinamentos egoístas, materialistas²⁰, de superioridade daqueles que creem na entidade. São ensinamentos retirados dos próprios escritos religiosos e, muitas das vezes, interpretados a favor daqueles que são “dignos”²¹. Ou seja, o que queremos demonstrar com tal inquietação é justamente a explanação

²⁰ Termo utilizado no sentido de consumismo.

²¹ O conceito de dignidade do homem religioso será melhor exposto na nossa passagem acerca da fé.

feita por Feuerbach lá em “Princípios da filosofia do futuro”, que a religião perdeu o seu sentido inicial.

O Cristianismo é negado – negado mesmo por aqueles que ainda parecem sustentá-lo; mas não se quer dizer em voz alta que é negado. Não se diz isso por razões de política, faz-se disso um segredo; alimenta-se a este respeito, de modo intencional ou não, uma ilusão; mas faz-se passar a negação do Cristianismo por Cristianismo, faz-se do Cristianismo um simples nome (FEUERBACH, 2002, 14).

O caráter negativo da religião não faz apenas com que os crentes adorem sua essência objetivada, faz também com que se coloquem em posição de inferioridade, subordinação. Na teologia, a diferença entre homem e entidade deixa de ser meramente quantitativa e passa a ser qualitativa, torna-se requisito indispensável para a doutrina. Ou seja, em outros termos, a diferença é classificada como algo essencial para estabelecer a superioridade de Deus em relação ao homem. A sua incompreensibilidade se torna necessária para ocupar o posto de superioridade. Questionar como Deus criou as coisas é o mesmo que questionar a sua existência, não cabe ao pensamento religioso esse tipo de questão. A aversão a tais questionamentos demarca o paralelo entre ciência e religião.

A consciência religiosa associa o mundo diretamente a Deus; ela deriva tudo de Deus, porque nada é objeto para ela em sua especialidade e realidade, enquanto objeto da razão. Tudo vem de Deus – isto é bastante, isto satisfaz plenamente a consciência religiosa. A pergunta “*como* Deus criou?” é uma dúvida indireta de que Deus criou o mundo. Com esta pergunta chegou o homem ao ateísmo, materialismo, naturalismo (FEUERBACH, 2013, p. 222).

Os questionamentos acerca da essência religiosa são os primeiros passos para que a humanidade tome consciência da sua essência para que seja feita a ressignificação. A filosofia se enquadra nesse momento como incitadora do pensamento crítico.

A face negativa da religião também aparece nos sacrifícios que são feitos em nome de Deus, os quais visam, geralmente, uma recompensa, se não no plano material, no plano celestial, como, por exemplo, a vida eterna. É a teoria do ideal asceta posta em prática, “O sacrifício é uma privação de um bem precioso” (FEUERBACH, 2009, p. 84). Os padres da Igreja abrem mão de sua natureza sexual, do casamento, dentre outras coisas, pois acreditam encontrar em Deus tudo o que precisam. Se Deus não tem necessidade de determinadas questões, o homem santo também não precisa ter. Os sacrifícios que a religião cristã reivindica são os sacrifícios dos desejos, das relações, os sacrifícios da alma.

A religião cristã é habitualmente enaltecida como tendo abolido o sacrifício humano. Mas apenas substituiu o sacrifício humano sangrento por sacrifícios de outro tipo – ao invés do sacrifício humano corporal, introduziu o sacrifício humano psíquico, espiritual, o sacrifício humano que, em verdade, não na aparência, mas no fato e na realidade é um sacrifício humano (FEUERBACH, 2009, p. 88).

Por estarem no momento da consciência alienada, os crentes acreditam que quanto maior o sacrifício, mais perto estarão de Deus. Quanto mais negada a humanidade, mais a teologia se distancia da sensibilidade. Porém, apesar de alienada, é ainda uma consciência egoísta que visa a salvação.

Paralelo ao egoísmo, Feuerbach admite como caráter fundador da religião o sentimento de dependência. Ambos têm em comum o desejo de conservação da vida. Assim, “Onde não há egoísmo não há também sentimento de dependência” (FEUERBACH, 2009, p. 96). A dependência de outro ser é a dependência de ter algo para mim. Um ser que olhe por mim, que me proteja, que me ajude e que possa me proporcionar uma vida melhor e eterna. Percebamos que esse outro ser (Deus) está sempre fazendo referência a mim, aos meus desejos. E mesmo quando afirmado esse Deus por si mesmo – exemplo: “Deus é amor”, é objetivando suas atitudes amorosas para comigo. Porém, o intuito da religião é desinteressar o homem das questões terrenas para se voltar somente a Deus.

Disso decorre o caráter fantasioso da religião, que desvia o olhar humano das necessidades do *aquém* (*Diesseits*), para concentrá-lo num imaginado *além* (*Jenseits*). Deste modo, a religião, sobretudo o cristianismo, faz com que o homem não se empenhe nas tarefas temporais, na construção da história e da sociedade, afastando o interesse humano da realidade concreta, devido à espera de um quimérico mundo vindouro (SOUZA, 1994, p. 69).

Já que a religião afirma que todas as coisas boas são atribuídas e proporcionadas por Deus, que serventia tem, então, esse homem no mundo se o mérito de todas as coisas é atribuído ao divino? Até mesmo em relação às ações perante os outros a teologia coloca como produto de Deus, usa o homem apenas como instrumento.

Não é, pois, o mérito deles. Foi Deus que fez com que eles se inclinassem para mim, não seu próprio coração, não sua própria essência; Deus poderia me ajudar da mesma forma através de outros homens até mesmo mal-intencionados contra mim ou através de outros seres não humanos, sim, até mesmo diretamente sem intermediário (FEUERBACH, 2009, p. 184).

Tal afirmativa deixa latente a desvalorização que a teologia apresenta acerca do homem, pois aqui ele é apenas uma marionete das vontades divinas, age tal qual a vontade de Deus. Ou seja, tudo deriva dele e tudo depois dele é supérfluo, assim é com o homem e assim é com a natureza, implicando que ambos são irrelevantes perante a sua existência. “De um Deus nada se segue, tudo além dele é supérfluo, vão, nulo [...]” (FEUERBACH, 2009, p. 164). Deus está acima de tudo e de todos.

Na religião o homem não precisa do outro, não precisa da natureza, chegando, até mesmo, a acreditar que também não precisa da cultura. Na segunda parte de “A essência do cristianismo” Feuerbach nos explica isso como manobra teológica para que o homem se

distancie ainda mais de sua essência, fazendo-o acreditar que tudo o que ele precisa encontra estritamente em Deus. A cultura necessária para o crente é apenas a cultura da religião, o anseio da vida eterna, do paraíso, do céu na Terra.

Como já bem pontuamos, os questionamentos não são bem-vistos no âmbito religioso que aceita a incompreensibilidade, tanto nos milagres, quanto na persona de Deus, como da criação, enfim, posições religiosas que são disseminadas pelas instituições. Assim, quando falamos em negação da cultura, vemos a importância de inserir o debate em torno da educação, sendo essa o fio condutor para os questionamentos. Pela possibilidade de servir como instrumento para ir de encontro com discursos arbitrários, a reflexão crítica é deixada de lado.

A contradição teológica aparece ao passo que todas as coisas são derivadas de Deus, porém, o mesmo não acontece com as ações ruins. A religião atribui isso ao livre-arbítrio, e chega, até mesmo, a admitir a existência de um ser paralelo a Deus, o ente mau, o Diabo. Se Deus é onipotente e onisciente, onde se encontram tais atributos nos momentos das ações ruins? Por que Deus, com a capacidade que tem, não interfere nessas questões? Para Feuerbach, se a religião afirma que todas as coisas são provenientes de Deus, “Se as coisas reais, naturais são apenas instrumentos de Deus, então elas o são, fazendo o bem ou o mal” (FEUERBACH, 2009, p. 185). Porém, a narrativa religiosa afirma que as más ações são de responsabilidade apenas dos indivíduos. Em verdade, tanto as ações boas quanto as ruins não são de mérito isolado dos indivíduos, mas produto deles com as suas relações sociais e educacionais.

Ainda sobre o livre-arbítrio, vale ressaltar que se caracteriza enquanto momento que os indivíduos têm a capacidade de poder optar por seguirem ou não os desígnios de Deus, de acordo com a religião, eles são livres para tanto. Porém, em contrapartida, afirma-se que, caso não sigam os mandamentos divinos, não terão garantidos seus lugares no paraíso. Tal premissa serve como recurso para que a humanidade abdique de sua essência, daquela parte que faz referência aos seus instintos naturais. Ou seja, ao mesmo tempo em que a religião afirma não existir uma obrigatoriedade em seguir a doutrina divina, rechaça aqueles que não creem e/ou não a seguem. “Ser cristão significa ser amado por Deus, não ser cristão ser odiado por Deus, ser um objeto da ira divina” (FEUERBACH, 2013, p. 251).

Portanto, chegamos aqui à conclusão que a ideia de um ser apartado e superior ao homem é o que fundamenta a alienação religiosa. Não é apenas a diferença do indivíduo com outra essência, mas sim o estranhamento da humanidade com a essência que é naturalmente sua, ao passo que, afirma Deus, nega o homem. Então, o homem só será reafirmado quando atingir a autoconsciência livre da religião.

A religião, portanto, leva à redução e à multiplicação, constituindo num processo de alienação e depauperamento do ser humano. Apresenta-se claramente como auto-estranhamento e auto-alienação, não de Deus, mas de cada homem individual. Na medida em que o homem se torna religioso, aliena-se de sua humanidade, adorando Deus como tesouros de sua própria interioridade (SOUZA, 1994, p. 70).

Portanto, Feuerbach defende o ateísmo enquanto alternativa para ressignificar a falsa religião, o ateísmo humanista enquanto reencontro do homem com sua essencialidade. A afirmação do homem só será possível mediante a negação de Deus que furta seus atributos, que adquiriu racionalidade por meio da teologia cristã, que faz a negação proposital da humanidade, pois aqui a religião já saiu do seu estágio inofensivo.

3.2.1 A fé enquanto produto da teologia

Assim como o sentimento está para a religião, a razão está para a teologia²². Entender a conceituação dos âmbitos religiosos e teológico é de suma importância para compreendermos, respectivamente, enquanto positivo e negativo. A religião faz referência à fé verdadeira, enquanto a teologia às doutrinas religiosas. A segunda se sobrepõe à humanidade de maneira racional e proposital. Dessa forma, Serrão (1999, p. 58), em conciliação com Feuerbach, afirma-nos que a teologia:

[...] apresenta-se como uma religião hesitante e insatisfeita que transforma a ordem vivencial num sistema de dogmas, cânones e argumentações, e contribui para separar o crente do seu Deus ao instruir um Deus abstrato determinado por predicados exclusivamente metafísicos; enquanto justificção racional da fé, a teologia é a censura do sentimento religioso, a *fé morta*.

A fé teológica é egoísta, separa o homem da comunidade, pois tira dele a capacidade de valorizar o outro “[...] ela limita o homem; ela lhe toma a liberdade e capacidade de valorizar devidamente o outro, o que lhe é diverso. A fé é presa em si mesma [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 247), enquanto o amor é o sentimento originário da religião, que faz com o homem se identifique com o seu semelhante e com Deus. O amor é o momento livre de teologia, já a fé é instrumento para a submissão dos indivíduos, pois esvazia-os, priva-os da liberdade, pois lhe é incumbido determinar o certo e o errado através da figura de Deus.

Enquanto amor é abrangente, para todos, a fé é exclusiva, para poucos, somente para aqueles dignos de serem salvos. Ela aparece, inicialmente, como uma característica simples de diferenciação entre aqueles que creem e não creem em Deus, porém, tal diferenciação vai dando espaço também para uma hierarquia, em que os crentes, além de serem

²² Serrão (1999) afirma a razão presente na teologia como uma razão impura, estranhada, pois seus dogmas são desenvolvidos a partir da fé, a partir da religião.

dignos de salvação, são os detentores dos sentimentos e predicados bons. A Igreja, enquanto instituição que serve para a propagação dos dogmas teológicos, afirma que aqueles que não têm fé terão contra si Deus.

Crer significa o mesmo que ser bom, não crer o mesmo que ser mau. A fé, limitada e presa, empurra tudo para a intenção. O descrente é para ela descrente por teimosia, por maldade, um inimigo de Cristo. Por isso a fé assimila para si somente os crentes, mas os descrentes ela repudia. Ela é boa para com os crentes, mas má para com os descrentes (FEUERBACH, 2013, p. 250).

E aqui fica latente o que citamos no momento anterior, sobre o homem digno. No cristianismo, digno é somente o homem que crer, digno da piedade divina é aquele que segue os mandamentos religiosos. Digno de compaixão, para o homem religioso, é aquele que compartilha da sua crença.

Nesse momento, a fé já não conserva mais nada da religião em sua origem, sendo simples egoísmo, não tendo nada de alteridade, pois a sua verdade é a única que conta. Basta vermos na História a quantidade de conflitos causados por conta da fé, as guerras santas. Na teologia, ela é apenas individualidade e egoísmo com contornos de medo, está carregada de dogmas da moral religiosa. “Abençoado, querido de Deus, participante da eterna felicidade é o crente; amaldiçoado, expulso de Deus e repudiado pelo homem é o descrente, pois o que Deus repudia o homem não pode aceitar, não pode poupar; isso seria uma crítica ao juízo divino” (FEUERBACH, 2013, p. 251).

Como pode, então, o homem religioso amar o outro, aceitar as diferenças, se o próprio Deus, ideal de homem perfeito, em verdade, não aceita aqueles que não se dobram perante suas ordens? A teologia mostra que amor ao próximo pregado pela religião é apenas superficial, é um meio para garantir a vida eterna, e não amor pelo próprio sentimento, pois “[...] a fé anula a união natural da humanidade; ela coloca no lugar da unidade geral, natural, uma particular” (FEUERBACH, 2013 p. 251).

A moral cristã diferencia o crente do descrente. A face boa da religião só vale para aqueles que seguem as normas de Deus, para os que não seguem resta o castigo, “[...] somente o crente é o homem legítimo, normal, o homem como ele deve ser, o homem que conhece Deus” (FEUERBACH, 2013, p. 252). Quando a religião chega ao estágio de fazer diferenciação dos indivíduos entre si, ela já está carregada de teologia. É nesse momento que a fé perde a sua proposta inicial, ela se separa do amor, torna-se algo mesquinho.

A fé é, portanto, essencialmente partidária. Quem não é a favor de Cristo é contra Cristo. A meu favor ou contra mim. A fé só conhece inimigos ou amigos, nenhuma imparcialidade; ela só se preocupa consigo mesma. A fé é essencialmente intolerante – essencialmente, porque com a fé está sempre necessariamente ligada a ilusão de que a sua causa é a causa de Deus, a sua honra é a honra de Deus. O Deus da fé é em si

somente a essência objetiva da fé, a fé que é objeto para si mesma. Por isso se identifica também no espírito e na consciência religiosa a causa da fé com a causa de Deus. [...]. O que ofende a fé ofende a Deus, o que nega a fé, nega ao próprio Deus (FEUERBACH, 2013, p. 253).

A fé é por si mesma, ou melhor, pelo homem mesmo, para aquele que está a esperar. Seu teor é puramente egoísta. Se não para o homem em si, por alguma finalidade que lhe beneficie, ainda que sentimentalmente. O problema na fé cristã se encontra no egoísmo presente nela, na finalidade do desejo ou da ação²³.

Amor e fé, respectivamente, acolhimento e separação. O primeiro está presente enquanto algo inerente aos seres humanos, compõe sua essência; a segunda é apenas fruto da religião. Definir os indivíduos como bons e ruins por conta de suas orientações religiosas, ou até mesmo a ausência destas, é instrumento de ódio. As guerras santas, já citadas anteriormente, respaldam-se na fé, são oriundas e/ou amparadas pela religião. Porém, tomam para si apenas as benfeitorias. Um ato bom teve seu amparo na fé, foi respaldado por ela, no entanto, o mesmo não acontece com os atos ruins. Se estes foram denominados como atos de fé, logo, cabe à religião se posicionar afirmando que tais feitos não tiveram origem na fé verdadeira. Essas manobras são muito comuns na narrativa religiosa, pois a sua história é construída naquilo que lhe é conveniente.

Se a fé proporciona alguma virtude na humanidade, isso depende da moral individual de cada sujeito, pois a virtude tem origem no amor. Ou seja, o ato virtuoso independe dessa característica religiosa e se reverencia simplesmente ao sentimento. A fé é egoísta, pois ela visa um propósito individual de salvação. Feuerbach nos explica que “[...] não tem nenhum senso de virtude; ela deve necessariamente rebaixar a verdadeira virtude porque ela realça uma mera virtude aparente [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 259). Sua busca é simplesmente pelo mártir da salvação.

O amor constituiu, sim, a religião, serviu como sentimento originário dela, afirmar o contrário seria injúria, porém, perdeu seu espaço para a fé. Amor e fé não coincidem. O cristianismo, assim como nenhuma outra religião, é capaz de alcançar o amor em sua totalidade. Ele é subjugado a partir do momento que serve apenas como um instrumento para a figura de Deus. Não é o amor que possui Deus, mas sim este que possui o amor. Isso nos faz chegar ao entendimento que o amor só é enquanto parte integrante da essência divina. No momento positivo da religião, o amor é a religião dos homens, já aqui, é apenas um atributo existente na

²³ E neste ponto parece haver uma aproximação com a filosofia kantiana. Na crítica que o filósofo desenvolve sobre o agir por finalidades.

divindade, foi esvaziado do seu próprio sentido, pois o que importa à teologia não é o amor, mas Deus. Feuerbach o afirma enquanto um amor ilegítimo, pois não faz referência a si mesmo.

O amor não conhece outra lei a não ser a si mesmo; ele é divino por si mesmo; ele não necessita da sacralidade da fé, ele só pode ser fundamentado por si mesmo. O amor atado à fé é um amor estreito, falso, contraditório no conceito do amor, i.e., a si mesmo; um amor *pseudossagrado*, pois ele oculta em si o ódio da fé; ele só é bom enquanto a fé não for atingida (FEUERBACH, 2013, p. 260-261).

Entendemos até aqui a fé morta, enquanto produto da teologia, e chegamos ao entendimento que a face negativa da religião não diz respeito apenas ao esvaziamento do homem para com seus atributos, mas também o esvaziamento dos atributos em si perante Deus, como foi o caso do amor. O sentimento só faz referência a si mesmo, só tem conteúdo enquanto é conteúdo para si e para a humanidade. A teologia colocou Deus acima do homem e colocou a fé acima de todos os outros atributos da essência humana, dando ao crente a esperança de concretizar o seu maior sonho, o de nunca morrer, e a efetivação desse sonho pressupõe tão somente agradar a Deus.

A fé é um conceito que se constituiu essencialmente no âmbito da religião. Para Feuerbach, ela se desenvolve enquanto produto completamente egoísta. Quando os valores visam tão somente recompensas e salvações, já não são mais dignos do sentimento. A fé está para a teologia, pois a ela não compete à sensibilidade. As suas ações decorrentes são resultados dos medos, e fazem parte dos esforços de aproximação de Deus. À medida que se aproximam do Deus afirmado pela teologia, afastam-se dos seus semelhantes, ou seja, o próprio outro, o homem. A fé não é apenas egoísta, mas também exclusivista.

3.2.2 Filosofia especulativa enquanto teologia

Assim, chegamos ao fim de mais um pensamento desenvolvido por Feuerbach, a saber: o que ele caracteriza enquanto a face negativa da religião. Porém, faz-se necessário dizer que para esgotarmos esse momento precisamos falar da filosofia especulativa enquanto reprodutora da doutrina teológica. É nesse momento que nos debruçamos com mais atenção nos “Princípios da filosofia do futuro” para entendermos o projeto de uma nova filosofia que seja capaz de ocupar o lugar da religião na sociedade.

Para chegarmos ao ponto principal, a crítica à teologia, faz-se necessário entendermos a crítica à filosofia especulativa e por que esta serve como reflexo dos dogmas teológicos. A filosofia a qual está sendo referida em tal momento diz respeito àquela que negou e esvaziou a religião enquanto sentimento e produto do coração. É a filosofia da negação, da

negação vazia e não da ressignificação. A filosofia nos moldes que está sendo consumada não apenas se distancia da capacidade de ocupar o espaço da religião, mas também comete os mesmos erros da teologia. Portanto, uma filosofia com o intuito de ocupar espaço na sociedade deve estar a serviço desta, ou seja, que dialogue com as necessidades sociais de determinada época.

No estágio teológico, apenas a face negativa da religião é enxergada por Feuerbach, pois, de acordo com o filósofo, aqui se negou a razão e o coração, que são os princípios que aproximam o homem da essência religiosa, ou, como sabemos, que o aproxima de sua própria essência. Os princípios religiosos, e aqui o autor faz referência direta ao cristianismo, foram negados, pois já não suprem as necessidades da humanidade. Assim, a sua conservação acontece simplesmente por conveniência tradicional, pois os princípios cristãos nem fazem mais referência à realidade dos indivíduos, uma vez que já nem são mais reverenciados. Ou seja, o cristianismo foi suprimido, não satisfaz nem o coração e nem o espírito. Uma religião só se mantém enquanto sua essência é conservada, caso contrário se torna infiel a si mesma: “Uma religião só se mantém se se preserva no seu sentido inicial, originário” (FEUERBACH, 2002, p. 15).

Ainda assim, temos que afirmar que, nesse momento, a negação que é feita acontece de maneira inconsciente. No entanto, para a sua ressignificação, para atingir a sua face positiva e se tornar religião do homem, é necessária a negação de maneira consciente. Dessa forma, uma negação consciente da religião fundaria o motor para uma nova filosofia que não fosse refém dos dogmas e nem dos castigos religiosos. Para que isso ocorra é necessário a superação da filosofia especulativa, que, para Feuerbach, não é nada além do que um desdobramento da teologia. É preciso superar a vantagem que a religião tem em relação à filosofia perante à sociedade.

A filosofia toma o lugar da religião; mas é justamente por isso que também uma filosofia totalmente diversa entra para o lugar da antiga. A filosofia prevalente não pode substituir a religião; ela era filosofia, mas nenhuma religião era sem religião. Deixava fora de si a essência peculiar da religião, pretendia unicamente a forma do pensamento. Para substituir a religião, a filosofia deve tornar-se *religião* enquanto filosofia, deve introduzir em si mesma, de um modo a ela conforme, o que constitui a essência da religião, o que faz a vantagem da religião sobre a filosofia (FEUERBACH, 2002, p. 15).

A teologia nega o homem a partir do momento que atribui a Deus todos os predicados humanos. Ou, melhor dizendo, não apenas o fato de atribuí-los à divindade, mas por não os afirmarem enquanto originários na essência humana. Esse movimento provocado pela teologia faz com que a humanidade adore a própria essência, buscando-a em um ser perfeito.

Perante tal processo e a aproximação que o filósofo enxerga da mesma com a filosofia especulativa, Feuerbach desenvolve uma crítica ao filósofo Hegel, admitindo que suas teses estão carregadas de teores especulativos.

Assim como a teologia esvazia o homem, Hegel esvaziou o espírito finito em detrimento do espírito absoluto. Tal processo, perante Feuerbach, dá espaço para a existência de uma entidade, ou como o mesmo cita, “[...] um fantasma de nós mesmos existindo fora de nós” (FEUERBACH, 2002, p. 22). Esse processo colabora com a valorização do metafísico em relação ao físico, que muito pode servir como apoio para esvaziar o homem de sua própria essência, ao passo que essa se constitui sobre abstrações. Para Feuerbach, “[...] *a filosofia hegeliana alienou o homem de si mesmo*” (FEUERBACH, 2002, p. 22).

Uma das definições que aparecem na tese do espírito absoluto de Hegel é que a consciência de Deus é a autoconsciência dele mesmo. Já Feuerbach afirma que a consciência de Deus é a autoconsciência do homem. Respectivamente, enquanto um atribui a autoconsciência a Deus, o outro atribui ao ser humano. Assim como Hegel, enquanto filósofo especulativo, funda o pensamento na substância, o mesmo faz a teologia. Portanto, na teoria feuerbachiana “A lógica hegeliana é a teologia reconduzida à razão e ao presente, a teologia feita lógica” (FEUERBACH, 2002, p. 21). Ou seja, funda-se no pensamento, porém desemboca na abstração. O que é perceptível é que o pensamento chega a ocupar uma posição de entidade; se não de entidade, pelo menos de algo que é capaz de existir sem o ser humano. E como já foi bem explicitado aqui, espírito só existe em relação com o corpo. “O espírito absoluto de Hegel nada mais é do que o chamado espírito finito, abstrato, separado de si, da mesma maneira que o ser infinito nada mais é do que o ser finito, abstrato” (FEUERBACH, 2002, p. 22).

A teoria do espírito absoluto é uma contradição, pois o determinado não pode ser tirado do indeterminado, o finito não pode ser tirado do infinito. A verdadeira qualidade só parte da realidade e não da abstração. Não é o infinito que determina o finito, mas sim o contrário. É assim com a filosofia especulativa e é assim com a teologia, ambas partem do subjetivo e não do objetivo. “A filosofia especulativa tornou-se culpada do mesmo erro que a teologia – ter feito das determinações da realidade ou da finalidade determinações e predicados do infinito só mediante a negação da determinidade, em que elas são o que são” (FEUERBACH, 2002, p. 25). Tal movimento recai no que já colocamos no primeiro capítulo da nossa dissertação, a saber: tirar as determinações dos indivíduos é o mesmo que anulá-lo, anula-o ao atribuir as determinações humanas à entidade.

O caminho percorrido pela filosofia especulativa é o mesmo feito pela teologia – parte do abstrato para o concreto, do imaterial para o material – um caminho inverso, que através do mesmo nunca se chegará à realidade enquanto libertação da consciência, tampouco a uma filosofia que esteja a serviço da humanidade. Determinar o material a partir do imaterial é anular o objeto, pois o ser e as coisas concretas só existem no espaço e no tempo: “O espaço e o tempo são as formas da revelação do infinito *real*” (FEUERBACH, 2002, p. 27). Ou seja, o ser humano, enquanto um ser essencialmente constituído por corpo e espírito, só é passível de existência no tempo e no espaço, afirmar o contrário, segundo o filósofo, é tolice²⁴.

Dessa forma, afirmar tanto a criação do físico a partir do não físico, quanto a existência de seres concretos em um plano imaterial, são argumentos não só inconsistentes, mas tolos. Além disso, o filósofo admite a existência simultânea de espaço e tempo, um só é em relação com o outro e têm o mesmo grau de importância. Hegel não admite a mesma importância que dá ao espaço ao tempo, ele “[...] tem por forma de intuição apenas o tempo, mas não igualmente o espaço” (FEUERBACH, 2012, p. 25). Reconhecer-se enquanto pertencente ao espaço e tempo faz parte da primeira determinação do sujeito. “O espaço e tempo não são simples formas fenomenais – são condições do ser, formas da razão, leis tanto do ser como do pensar” (FEUERBACH, 2002, p. 88). Afirmer isso é dizer que espaço e tempo se constituem, também, enquanto parte essencial da racionalidade.

Se a filosofia especulativa é, então, uma representação teológica, o que se faz necessário para a sua superação? Feuerbach nos explica que cabe a ela partir de uma antifilosofia, daquilo que a ela é diferente, isto é, o sentimento. Deverá partir do coração, só a partir dele é que se constrói uma filosofia verdadeira. Assim, como a face positiva da religião compete ao sentimento, a superação da filosofia especulativa também deve ter seu ponto de partida nele. O coração é avesso à religião, tem sua origem em si mesmo e não se relaciona com o ser metafísico. Perante isso, Feuerbach nos afirma que “[...] o coração é justamente, no homem, o princípio puramente antiteológico, o princípio descrente, ateu, no sentimento da teologia. Pois não crê senão em si mesmo, crê apenas na realidade irrecusável, divina, absoluta, da sua própria essência” (FEUERBACH, 2002, p. 29).

Feuerbach faz, ainda, a diferenciação entre teologia ordinária e teologia especulativa, nas palavras do autor: “A teologia ordinária faz do *ponto de vista do homem* o *ponto de vista de Deus*; pelo contrário, a teologia *especulativa* faz do *ponto de vista de Deus* o

²⁴ “Sim!, o homem não é somente um ser espacial em geral, mas também um ser essencialmente terreno, inseparável da terra. Por isso, que tolice querer atribuir uma existência supraterestral e eterna a tais seres!” (FEUERBACH, 2009, p. 27).

ponto de vista do homem, ou antes, do pensador” (FEUERBACH, 2002, p. 43). Apesar de a teologia ordinária admitir um Deus que está para além da humanidade, o mesmo contém em si todas as determinações humanas, é em sua essência um ser humano, sendo assim ainda passível de reconhecimento. Já na teologia especulativa, Deus é um ser completamente apartado do homem, um ser puramente abstrato e contraditório.

Na teologia ordinária, o Deus supra-humano é somente uma flor de retórica edificante, uma representação, um brinquedo da fantasia; na filosofia especulativa, pelo contrário, é verdade e coisa terrivelmente séria. A contradição violenta com que deparou a filosofia especulativa deve-se apenas ao facto de ela ter feito do Deus que, no ateísmo, é apenas um ser da fantasia, um ser longínquo, indeterminado e nebuloso, um ser presente e determinado, e ter assim destruído o encantamento ilusório que um ser longínquo possui na bruma azulada da representação (FEUERBACH, 2002, p. 44).

Por fim, Feuerbach defende que a superação da religião deverá vir por meio da filosofia, porém, de uma nova filosofia, a do coração, que dialogue com o sentimento. A religião, pois, é necessária para os indivíduos enquanto produto do sentimento, assim também será com a filosofia que se fundará a partir dele. A humanidade precisa enxergar na filosofia o que ela enxerga na religião. Se o homem é objeto desta, deve ser ele também objeto da nova filosofia, mas objeto mediado pela sensibilidade. “Se a antiga filosofia dizia: o que não é pensado não existe, então, pelo contrário, a filosofia nova diz: o que não é amado, o que não se pode amar não existe” (FEUERBACH, 2002, p. 82). Em suma, da mesma maneira que a ideia de Deus está amparada através de um sentimento geral e do amor, assim deve ser com a nova filosofia, partir do amor, porém, um amor que esteja elevado ao nível da consciência e não um que esteja no plano das abstrações. O amor que seja autoconsciente e livre.

4 CONCEPÇÃO DE NATUREZA E CRÍTICA TEOLÓGICA

4.1 Noção geral de natureza em Feuerbach

A defesa da teoria do homem integral perpassa pelo alcance da autoconsciência; o reconhecimento de si enquanto seu próprio objeto; a superação da doutrina teológica que o esvazia. Agora, temos que entender que a defesa do homem integral também passa pelo seu reconhecimento como parte integrante da natureza. E ainda, é necessário que o homem chegue ao entendimento de que ele só é um ser completo à medida que está inserido no espaço e no tempo. Afirmar tal sequência é fazer uma defesa da importância do debate acerca da natureza na filosofia feuerbachiana.

Para introduzirmos a concepção geral de Feuerbach acerca da natureza, faz-se necessário afirmarmos que o mesmo a define enquanto primeiro objeto da religião²⁵, afirmação que será melhor desenvolvida ao longo da explanação. Apensar de termos entendido a filosofia feuerbachiana enquanto uma afirmação do homem e busca incansável de fazer com que ele se reconheça enquanto sua própria essência, aqui o ateísmo humanista dá espaço para a natureza, pois ela é indispensável para a completude do homem.

Para Feuerbach, a natureza não é apenas o primeiro objeto da religião, mas também a única capaz de se sobrepor à humanidade. Ela é causa primeira, porém, tal afirmação não o caracteriza enquanto um filósofo naturalista, e sim materialista, que faz uma análise objetiva da natureza. Essa sequência afirmativa será esclarecida ao passo que entendermos que não cabe à Feuerbach desenvolver uma religião da natureza, mas uma visão exclusivamente racional. No que tange ao aspecto central de sua filosofia acerca da natureza, segue-se a afirmativa de que esta não depende de nenhum transcendental, é causa dela mesma e não está mediada pela vontade, não sendo outra coisa senão ela mesma.

A natureza é, para Feuerbach, a pluralidade de todos os objetos e essências que realmente são. Sob esta condição é possível a natureza como a garantia da exterioridade mesma, como um ente existente fora de nós, que nada sabe de si e é em si e por si mesmo; por conseguinte, ela não deve ser vista como aquilo que ela não é, isto é, nem como divina, nem como humana (CHAGAS, 2019, p. 84).

Ao nosso ver, obras que melhor expressam a visão do autor acerca da natureza são “A essência da religião” e “Preleções sobre a essência da religião”, ambas fazem um apanhado geral acerca da mesma, não apenas na religião cristã, mas também nas religiões em geral. No

²⁵ “A natureza é o primeiro e original objeto da religião, como a história de todas as religiões e de todos os povos abundantemente prova” (FEUERBACH, 2008, p. 23).

decorrer do texto é possível percebermos a crítica que Feuerbach desenvolve a tais religiões que colocam a natureza em uma posição de inferioridade frente a Deus. A cristã, que já esvaziou o homem da sua essência e de sentido, agora também tem por alvo a natureza.

A afirmação de Feuerbach que a natureza se constitui enquanto o primeiro objeto da religião se deve ao fato de os homens pensarem a religião como produto do medo em geral, mas também do medo que a natureza exerce sobre eles. Porém, como já falamos anteriormente, é o sentimento de dependência que a assegura. O medo é responsável pela religião, porém, não se constitui apenas através dele. Serrão (1999, p. 264), em análise a Feuerbach, afirma-nos que: “[...] o medo é insuficiente como explicação para a origem das religiões, pois enquanto o sentimento de dependência é duradouro, o medo é uma emoção passageira; passado o medo, vem o alívio; desvanecida a angústia, fica a alegria; ao temor sucede-se a gratidão”.

O medo aparece no debate sobre a natureza, pois, é através desta que a humanidade vê a sua limitação de maneira escrachada. Além disso, mostra-se como algo que não é passível de dominação. A religião é, portanto, uma asseguarção de domínio sobre ela, se não por parte dos homens, que seja por parte de Deus, uma vez que, diferente da mesma, este está a serviço da humanidade.

Na religião existe um distanciamento não só do homem com a natureza, mas também da natureza com a sua própria essência. Enquanto que para Feuerbach esta é produto dela mesma, na religião ela é produto de Deus, e assim como o homem, também é criada por ele. Em resumo, a natureza material é criada por um ser imaterial para satisfazer as necessidades dos homens, sendo uma narrativa religiosa, principalmente em religiões de cunho cristão.

Paralelo à religião, Serrão faz, ainda, uma análise histórico-social acerca da natureza enquanto objeto para a humanidade. Explica-nos que as inseguranças que os homens sentiam frente à natureza perdem espaço à medida que se desenvolvem em sociedade. A humanidade, no seu estágio nômade, temia mais a natureza, pois estava mais suscetível à mesma. Com o desenvolvimento das sociedades e a vida em comunidade, a natureza se torna mais fácil de dominar, deixando de ser apenas amedrontadora para servir de instrumento para o desenvolvimento social. É a partir disso que os seus deuses começam a perder espaço para os deuses da humanidade.

A instituição do sedentarismo, como a formação de unidades sociais mais estáveis e o nascimento das cidades, atenua a insegurança face às forças naturais, substituindo-se gradualmente a dependência direta da Natureza pela dependência relativamente ao grupo social. [...] Para se poderem estabelecer, as primeiras comunidades lançam os deuses da Natureza próxima para o longínquo dos céus. A Natureza desdivinizada é enfraquecida e considerada como a base da subsistência; torna-se mais dócil e apta ao domínio; pode ser cultivada e é considerada como a fonte geradora da qual se retiram os proveitos necessários (SERRÃO, 1999, p. 265).

A humanidade começa a atribuir aos deuses o fato de conseguir se estabelecer na natureza, pois enxerga tal feito enquanto uma recompensa divina. As sociedades evoluíram à medida que foram conseguindo demarcar os seus espaços na terra, à medida que conseguiram fazer dela instrumento para o seu sustento. Frente a isso, foi se desenvolvendo uma visão de natureza para a humanidade, a serviço dos homens. Tal narrativa foi sustentada pela religião, afirmando Deus enquanto criador da mesma para a humanidade.

Porém, em contraponto com a afirmativa religiosa, Feuerbach nos diz que a evolução não dependeu de nenhum transcendental, e sim das condições materiais em voga na natureza. A evolução é produto das relações, não apenas do *eu* e do *tu*, mas dos homens com o meio, ou seja, com a natureza e com os animais, por isso a natureza se faz importante para entendermos a teoria do homem integral. A evolução, o desenvolvimento, não tem nada a ver com influências sobrenaturais, mas apenas com relações concretas, fisiológicas.

É pura fantasia a ideia de que o homem tenha podido emergir do estado de animalidade somente devido a providência, a ajuda dos seres sobrenaturais como os deuses, os espíritos, os gênios e os anjos. Mas, por outro lado, também é verdade que o homem não teria conseguido chegar a ser tudo o que é por si mesmo, por obra própria: para isto necessitou do apoio de outros seres. E estes seres não foram criaturas sobrenaturais ou fantásticas, mas sim reais e naturais [...] (FEUERBACH, 2008, p. 25, tradução nossa).

A natureza e suas manifestações não têm nada de místico: “A essência divina que pode se manifestar na natureza não é nada além do que a própria natureza que se manifesta, se mostra e se impõe ao homem como um ser divino” (FEUERBACH, 2008, p. 29, tradução nossa). Os acontecimentos são simplesmente acontecimentos naturais. Nenhum espírito e/ou ente sobrenatural são capazes de dominar a natureza. Se existe alguma fantasia, ela parte dos homens. Ou seja, esses inserem na natureza os seus anseios fantasiosos e atribuem isso à divindade. Imaginam coisas sobrenaturais no agir da natureza material.

Os movimentos existentes na natureza não são por acaso. Existe uma maestria na maneira que ela se comporta, um equilíbrio perfeito entre o orgânico e o inorgânico, de forma que um necessite do outro. A organicidade dela não é por acaso. Observemos, então, a evolução das espécies, as quais são compostas de tais maneiras que as anatomias dos animais se desenvolvem de acordo com seus habitats. Ou seja, a natureza dá as condições de sobrevivência para os organismos. “Onde for dada a condição ou o fundamento para alguma coisa, a consequência não pode faltar. Onde for dado o elemento, o material para a vida, a vida não pode faltar [...]” (FEUERBACH, 2009, p. 151). Ela é o singular das causas e efeitos.

Os deístas acreditam encontrar na teoria evolucionista uma brecha para afirmar as suas crenças, não aceitam formas de vida vindas diretamente da natureza. Feuerbach, enquanto um defensor das ciências, afirma que é necessário que sejam dadas as condições materiais tanto para a criação quanto para a evolução, o efeito só será concretizado se anterior ao mesmo existir uma causa. Se tal processo que existiu em determinado momento não existe mais, é porque as condições materiais não são mais as mesmas. Relacionado ao assunto, Feuerbach destaca:

Se antes a natureza criou homens e animais através de uma criação original, sem homens nem animais já existentes, por que isso não acontece mais? Eu respondo: porque tudo na natureza tem seu tempo, porque a natureza só consegue efetuar algo quando lhe são dadas as condições necessárias para tal; se então não mais acontece hoje o que já aconteceu antes, é porque antes havia condições que faltam agora (FEUERBACH, 2009, p. 197).

O que precisamos ter em mente é que a religião, de maneira geral, esvazia a natureza. Ainda que Feuerbach demonstre uma aproximação, uma espécie de simpatia com as religiões panteístas, ambas, tanto monoteístas como as religiões naturais, apartam o homem do mundo. Atribuir uma divindade à natureza já é um processo em si de distanciamento da materialidade, pois a coloca não só como passível de dominação, mas também como algo que possui antropomorfismos, ou seja, transfere características humanas para a natureza, que é simplesmente material. Uma divinização da natureza seria possível se junto a isso fosse excluído todo o teor transcendental que a palavra divindade possa ter. A saber, a natureza seria a melhor representação de uma entidade abrangente, pois seus elementos estão dispostos para todos²⁶. Portanto, se a proposta religiosa da figura de Deus faz referência a um ente que abraça a todos, a natureza cumpriria muito bem esse papel.

Aquilo que existe, que se caracteriza enquanto diferente do homem, que não possui características humanas, físicas e espirituais, não é nada além do que a natureza. Esta existe enquanto oposto e independente da humanidade, é autônoma e independe da consciência humana. Além de independente da consciência, a natureza é anterior, ou seja, “[...] ela é a primeira estrutura da existência e frente a ela se põe o entendimento como algo secundário” (CHAGAS, 2015, p. 5). Apesar de ser algo totalmente diferente do homem, ela é o que ampara a sua vida. A humanidade necessita da natureza, do espaço e, além disso, precisa estabelecer uma existência harmoniosa, no sentido de preservação dos elementos, para coexistirem.

²⁶ Tal afirmativa não leva em consideração o discurso econômico/social presente na modernidade acerca da distribuição de terras e insumos, mas apenas da natureza enquanto algo que abarca toda a humanidade.

Atribuir à natureza, enquanto objeto da religião e originária, não quer dizer que Feuerbach pretende a defesa de uma religião naturalista, e sim analisá-la enquanto objeto criador e não criado. Ele não leva em consideração os cultos que foram vinculados à natureza ou, ainda, essa como produto de Deus. É fato que ele realiza uma análise desses aspectos, mas faz enquanto necessário para desvendar o sentimento de dependência por trás dos cultos. Sua pretensão é falar acerca da materialidade da natureza, excluindo todo o misticismo que a religião lhe atribui. Perante a isso, afirma nas suas *Preleções* que:

A natureza não é para mim de modo algum uma entidade originária só porque a religião da natureza assim a encara e adora, mas, ao contrário, por ser ela algo original, imediato, deduzo que também deveria aparecer como tal ao sentido original, imediato dos povos, logo semelhante à natureza (FEUERBACH, 2009, p. 106).

Portanto, como já afirmamos, defende que não existe nada de místico na natureza. Feuerbach faz, sim, uma valorização dela, porém, não a mesma pretendida por alguns filósofos naturalistas. Na valorização feuerbachiana a natureza é vista como existência livre, que age de acordo com as suas próprias necessidades objetivas e não depende de nenhum ente criador. Ela não faz nenhum movimento planejado, pois a característica da consciência não compete à mesma.

Assim como Spinoza, Feuerbach não admite uma teleologia da natureza. Porém, à medida que se aproxima de tal filósofo, também se distancia, ao passo que acredita que Spinoza não conseguiu chegar a uma verdadeira organicidade. Nesse sentido, Chagas (2015, p. 43) nos afirma que: “A objeção de Feuerbach contra Spinoza consiste precisamente nisto, a saber, que a unidade de Spinoza não foi determinada suficientemente, porque falta a ela a realidade da diferença, da determinidade”. Além disso, o que Feuerbach rejeita da concepção de natureza spinozista é a afirmação de um carácter sobrenatural presente nela.

Entendo sob natureza o cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si como não humanas; entendo em geral sob natureza, como já disse numa das primeiras aulas, certamente como Spinoza não é um ser como o Deus supra naturalístico, que existe e age com vontade e razão, mas que atua somente conforme a necessidade de sua essência, mas por outro lado ele não é para mim um Deus como é para Spinoza, ou seja, um ser ao mesmo tempo sobrenatural, transcendente, abstrato, misterioso, simples, e sim um ser múltiplo, popular, real, perceptível com todos os sentidos (FEUERBACH, 2009, p. 108).

As causas e os acontecimentos da natureza têm fundamentos somente nela mesma. Não se originam de acordo com a vontade de nenhum Deus, e sim por agentes físicos. A busca de um misticismo na natureza acontece apenas por parte dos homens com a tentativa de explicar e adentrar em campos em que a razão não consegue habitar. Portanto, não é concebível existência alguma se não o homem e a natureza em geral, não existe ser fantasioso que determine as questões do universo.

O que é defendido nos escritos feuerbachianos é uma autonomia da natureza. Tanto em religiões de cunho politeístas quanto de cunho monoteístas, a natureza servia como instrumento de mediação da vontade divina. Fossem por questões malélicas ou benéficas à humanidade, o que iria classificá-las enquanto uma ou outra era o efeito que causaria aos homens. Porém, na análise do filósofo, os movimentos que acontecem na natureza não têm em si ambições por parte de Deus, tampouco por parte dela mesma, pois não é objeto de manipulação divina e por não possuir vontades determinadas.

A crítica de Feuerbach vai de encontro com as religiões que apartam o homem da natureza. Chega, até mesmo, a se aproximar do panteísmo, afirmando-o como religião verdadeira, porém, tal aproximação se faz apenas para se contrapor ao idealismo²⁷ e à religião cristã que nega absolutamente a natureza. A aproximação com o panteísmo se faz enquanto afirmativa que os homens só existem em relação com a natureza, de que suas vidas estão condicionadas ao mundo material.

Mas essa verdade é apenas que o homem é dependente da natureza, que ele deve viver em concórdia com ela, que mesmo em seu estágio mais elevado espiritual não se deve esquecer que ele é um filho e um membro da natureza, que ele deve adorar sempre a natureza, tanto como a base e a fonte da sua existência quanto como a base e a fonte de sua saúde espiritual e corporal, porque somente a através dela é o homem libertado de todas as exigências e desejos exagerados e doentios, como, por exemplo, o desejo sobrenatural da imortalidade (FEUERBACH, 2009, p. 51).

Ou seja, se deve a humanidade se reconhecer enquanto produto de algo, que esse algo seja a natureza objetiva, pois somente dela é ela dependente. Assim como o espírito não vive sem relação com o corpo, esse também não existe sem relação com a natureza. Mas, não cabe à natureza ocupar o lugar de Deus com todos os sentidos teológicos que tal palavra carrega, e sim que a humanidade se reconheça enquanto inseparável dela, entendê-la não enquanto entidade teológica, mas enquanto ser material que não possui sentimentos. “A libertação do homem relativamente a Deus não deve implicar a libertação do homem relativamente à Natureza. A condição emancipada de não súbdito não deve levar à situação de novo senhor” (SERRÃO, 1999, p. 285). Se o homem que se liberta de Deus pretende também se libertar da natureza, volta-se ao seu estágio de negação, um estágio diferente, mas ainda assim de negação. Sua integralidade também depende de seu reconhecimento com o âmbito natural.

²⁷ O idealista enxerga a natureza apenas como produto das suas determinações, ou seja, de acordo com suas impressões, como se essa fosse um organismo o qual impera a significação da humanidade. Concebia a natureza enquanto uma projeção de si. “O idealista dizia à natureza: tu és o meu *alter ego*, o meu outro eu; só que ele acentuava apenas o eu, de modo que o sentido do seu discurso era o seguinte: tu és a emanação, o reflexo de mim mesmo por ti mesma não é nada de particular [...]” (FEUERBACH, 2012, p. 49).

Feuerbach exclui não só toda a teologia que a religião deposita na natureza, mas também toda a humanidade. Serrão nos mostra uma definição detalhada acerca do tema quando interpreta o conceito de natureza na perspectiva feuerbachiana. Afirma-nos a natureza *não humana*, que é ela sem qualquer atributo humano, em que sua existência não independe só de Deus, mas também do homem. Caracteriza uma natureza sem temporalidade e diferente da humanidade. O outro diferente do homem não é Deus, e sim a natureza. “A Natureza é, face ao Homem, o radicalmente outro, o *não humano*” (SERRÃO, 1999, p. 273).

Não é o homem e nem Deus que fundamentam e atribuem valor à natureza, e sim o contrário, ela exclui qualquer divindade e fundamenta o homem. “A natureza é a essência que não se distingue da existência, o homem é a essência que se distingue da existência. A essência não distinta é o fundamento da essência que distingue – a natureza é, pois, o fundamento do homem” (FEUERBACH, 2002, p. 32). É o homem que depende da natureza e não o contrário, ela é a base de toda a existência.

Mas não sou um ser sobrenatural e nem mesmo supraterrrestre, porque a terra é o critério absoluto de minha essência; eu não só estou sobre a terra com as duas pernas, mas também só penso e sinto sob o ponto de vista da terra, só em conformidade com esta situação que a terra ocupa no universo [...]. Se então a Terra surgiu, devo, pois, o meu surgimento somente a ela, a seu surgimento; porque somente a existência da terra é a base da existência humana, somente sua essência é a base da essência humana (FEUERBACH, 2009, p. 110-111).

A natureza é o que é, a sua existência não pode ser buscada fora de si. Ela “Ultrapassa toda a significação humana, permanecendo para a nossa capacidade de conhecer um enigma do qual só nos poderemos nos aproximar hipoteticamente” (SERRÃO, 1999, p. 274). Feuerbach diz, ainda, que não pretende em sua filosofia encontrar o cerne da questão por trás do surgimento da natureza, mas afirmar que a narrativa teológica não é convincente. “Só podemos saber, pelo menos de modo determinado, que, assim como surgimos e somos sustentados por vias naturais, também aparecemos uma vez por vias naturais e que as explicações teológicas não nos convencem”. (FEUERBACH, 2009, p. 151).

O intuito do filósofo é afirmar a natureza enquanto responsável pelas contingências que causam os desenvolvimentos tanto de si mesma quanto da humanidade. Não se pode afirmar um homem livre da natureza, pois afirmar tal sequência acarreta uma desvalorização. A religião que afirmou que a humanidade só carecia de Deus, excluindo as relações com os outros, faz agora o mesmo com a natureza, principalmente quando nos referimos a religiões de cunhos cristãos. Assim como os indivíduos são produtos de suas épocas, também são produtos de suas terras. Apesar de ser um ser autônomo, pois tem em si a categoria da vontade, a sua vontade também é mediada pela natureza, pois está nela incluída.

Então, mesmo sendo o que sou também por minha atividade autônoma, por meu trabalho, por minha força de vontade, sou o que sou somente em conexão com estes homens, este povo, este lugar, este século, esta natureza, somente em conexão com estas ambiências, relações, circunstâncias, acontecimentos que perfazem o conteúdo da minha biografia (FEUERBACH, 2009, p. 187).

A natureza, na filosofia feuerbachiana, é considerada enquanto o absoluto, eterna, não criada, sem finalidades. É importante dizer, ainda, que ela não é Deus, pois a ideia de deste remete ao dualismo, ao criacionismo. A natureza só age de acordo com as condições que são dadas por ela mesma. Ela não age de acordo com a vontade de Deus, tampouco em consonância com a vontade do homem e ou dela mesma. Atribuir vontade à natureza é determiná-la, e o que existe, de fato, é uma natureza condicionada pela materialidade.

A natureza é condicionada por si mesma, pela sua organicidade e condições físicas. Porém, vale ressaltar que ela é condicionadora da humanidade, a saber: as ações dos indivíduos só serão possíveis se lhes forem dadas as condições naturais. Usamos como exemplo aqui o desejo da vida eterna. É a natureza responsável por condicionar a existência, o homem só vive enquanto ela dá as condições necessárias para o corpo existir. Ou seja, tanto a vida quanto a liberdade dependem da natureza. O homem não é um ser completamente livre, pois suas ações são produtos das contingências dele com o meio. Perante isto, faz-se necessária uma análise mais detalhada acerca do espaço da liberdade na natureza.

4.1.1 A vontade condicionada na natureza

Como já bem expomos nos capítulos anteriores, os homens só são através dos seus atributos, das suas categorias. A categoria da vontade cabe ao homem enquanto parte integrante da sua essencialidade, ou seja, não podemos fazer o estranhamento do sujeito com tal predicado. Quando Feuerbach nos afirma que a vontade é condicionada pela natureza, não quer dizer que esteja fazendo sua negação, mas que a encara enquanto dependente das leis naturais. Ou seja, ela não é somente por ela mesma, mas sim em relação com o tempo, o ambiente e o momento histórico, dentre outras coisas que constituem as determinações dos indivíduos. Assim, a vontade é mediada pelos objetos que estão ao redor dos homens.

Feuerbach não defende uma vontade indeterminada, “[...] nega a admissão e a ideia de uma liberdade, de uma vontade, de um querer, de um livre-arbítrio (*Willensfreiheit*) sobrenatural, ilimitado, independente, autônomo” (CHAGAS, 2015, p. 9). Ou seja, no geral, nega a existência de toda uma vida livre da natureza. Afirmar que isso poderia ser possível recairia no outro do homem defendido pela religião, Deus.

É possível observarmos a crítica que Feuerbach desenvolve aos filósofos especulativos, pois esses atribuem aos homens uma vontade e uma liberdade apartadas das leis da natureza. A vontade, enquanto desejo, pode carregar em si a ilimitação, pois os desejos são ilimitados. Porém, a efetivação dela só será possível se a natureza lhe oferecer condições propícias. É nesse ponto que entra a afirmativa de que a liberdade da humanidade não depende de nenhum transcendental, mas apenas da natureza. Para efetuar a sua liberdade o homem precisa analisar as condições que a natureza oferece a ele. Portanto, a liberdade não é absoluta, é produto da vontade e das relações com o meio.

Defendendo a tese de liberdade incondicionada, Feuerbach nos explica que alguns filósofos especulativos afirmam através do ato do suicídio. O homem é um ser completamente livre, pois pode até mesmo decidir pelo fim de sua vida. Porém, Feuerbach, em contraponto, afirma-nos que, paralelo à liberdade, está também a autoconservação. O homem só nega a vida quando a mesma não está oferecendo as boas condições para sua vivência, ou seja, no ato do desejo do suicídio ele também está sendo atravessado pelas contingências da natureza. A morte não seria uma escolha se a natureza, a sociedade e os objetos ao redor tivessem compostos de situações propícias.

Por conseguinte, o pressuposto ou a causa primeira da desistência espontânea, da renúncia voluntária à vida não é o querer, a vontade (*der Wille*), a liberdade (*die Freiheit*), mas, pelo contrário, a necessidade (*die Notwendigkeit*), a privação (*die Entbehrung*), pois, antes que o suicida se mate, estavam já a ele desaparecidas as possibilidades da vida, os meios necessários para viver. Portanto, um homem não se mata pelo simples fato de não querer morrer, pois a vontade para o suicídio, não é, de modo nenhum, livre, mas determinada pelas circunstâncias concretas da vida (CHAGAS, 2015, p. 13).

A vontade é mediada pela autoconservação. Se assim é, por que então o homem optou pelo suicídio? Pois o sentimento de autoconservação no em tal prática existe à medida que há a vontade de preservar uma vida boa, dessa forma, quando sua existência não oferece mais tais condições o mesmo pode recair no suicídio.

Assim, Feuerbach não aceita o suicídio como sendo uma representação da liberdade absoluta do homem, pois o ato de querer morrer não é pela simples liberdade de poder findar a vida, mas uma tentativa de acabar com algum sofrimento que está transformando a sua vivência dolorosa. Portanto, essa prática é tratada como um processo para acabar com uma vida degradante e de dor, não é um simples ato de morrer, por pura vontade, mas uma forma de encerrar com o sofrimento com a morte.

A análise feuerbachiana acerca do tema nos afirma, ainda, que sendo a morte parte integrante essencial à vida, decidir sobre ela não é uma questão de liberdade. Ou seja, seria a

morte um ato de liberdade absoluta caso uma vida livre da mesma fosse apenas uma opção do indivíduo. Portanto, como a vida finita não está nas condições dos homens, e sim nas condições da natureza, o suicídio não se configura como um ato de liberdade, pois a morte é um fato *a priori*.

Dessa forma, diferente da morte, a vontade não é *a priori*, e sim *a posteriori*, ou seja, é determinada de acordo com o espaço e tempo, é produto da história; é em relação com o “*eu*”, o “*outro*”, a realidade que está inserida e a natureza. É possível existir indivíduo sem vontade, mas jamais vontade sem indivíduo, ela só é enquanto atributo pertencente à humanidade, não é sujeito, mas predicado; é responsável por diferenciar os indivíduos, constituí-los em suas particularidades.

Por fim, como analisamos ao longo do texto, a vontade, os atos e as constituições históricas são produtos das relações entre sociedade e natureza. Ela se constitui enquanto primeiro objeto da religião, pois é a responsável por fazer o homem se deparar com a suas fraquezas. Quando Feuerbach admite na natureza tal sequência, não estaria ele depositando nela a personificação de um Deus, mas apenas a definindo enquanto ser objetivo e magnífico que é.

Não compete ao filósofo negar a religião e estabelecer uma teologia da natureza, mas fazer com que os homens se reconheçam enquanto parte integrante da mesma. Ou seja, não se trata de uma redução antropológica à natural, e sim o reencontro do homem com a aquilo que o constitui enquanto ser vivente. O que Feuerbach defende é um equilíbrio entre ambas as partes, e não apenas afirmar que a natureza é anterior ao homem e entender que ela existiu e existiria sem a humanidade. Ele defende que é necessário que exista uma harmonia entre ambos, para assim o homem superar o estranhamento que sente da mesma. Já que não existe sensibilidade na natureza, só o homem é capaz de inseri-la, pois através disso será capaz de sentir acolhimento.

Menos do que qualquer tentativa de reduzir o homem ao estatuto de ser natural, há a promoção de uma atitude renovada face à Natureza como exigência do homem integral. Ao contrário de um deslocamento do antropologismo ao naturalismo, que significaria a redução do homem ao estatuto de ser natural, a reflexão intensiva sobre a Natureza traz o complemento ao antropocentrismo numa Antropologia descentrada, a recuperação para a existência de um vínculo originário esquecido, mas não o deslocar ou o superar da Antropologia num naturalismo (SERRÃO, 1999, p. 288).

A filosofia feuerbachiana não se trata de limitar o homem a um ser natural, trata-se, para além disso, de definir o homem também como ser natural, mas que é consciente, que tem vontade, que sente e que está inserido na natureza. O entendimento de tal sequência é condição necessária para o ser integral.

O intuito de Feuerbach é demonstrar o homem enquanto parte integrante da natureza e também diferente dela. Porém, essa diferença não precisa inserir o desprezo, mas a diferença que completa, que admite o homem como o outro da natureza. Se o autor nos diz que é necessário superar a imagem de Deus para o homem se reencontrar com a sua essência, também se faz necessário superar a negação feita pela natureza, superar a fantasia que atribui a ela, superar a imagem da natureza enquanto monstruosa e/ou sua inimiga para que o estranhamento seja superado. A proposta não é substituir o Deus pessoal e inserir no seu lugar a natureza. Mas entendê-la enquanto ser material que oferece as condições essenciais e necessárias de sobrevivências.

4.2 Natureza no panteísmo e a aproximação de Feuerbach com as religiões naturais

A natureza se constitui enquanto o primeiro objeto da religião²⁸, afirmativa que já foi exposta no momento anterior. Aqui, vamos fazer uma análise das religiões panteístas e como Feuerbach se aproxima delas. As religiões naturais nascem frente ao estranhamento e medo que os homens sentem em relação à natureza. Com a tentativa de superar tal estranhamento, de maneira inconsciente, eles transferem sua essência para ela e, assim, postulam deuses capazes de promover uma harmonia homem/natureza.

Ou seja, no panteísmo o homem enxerga a natureza como sua semelhante, pois a entende enquanto parte integrante da sua existência, transfere a sua sensibilidade para ela. Ainda que exista a postulação de deuses, os mesmos não são como os deuses cristãos, pois não esvaziam a natureza, tem em si o intuito de aproximar a humanidade da natureza e não de apartar. Diferente dos deuses das religiões monoteístas, os pagãos são deuses reais, objetos presentes no mundo fisiológico, a maioria não possui a categoria da imortalidade, e se possuírem, não é algo que se estende para os homens.

O primitivo sente a Natureza como algo estranho, e é impelido a subjugar esse mundo inumado, silencioso e frio, nascendo deste modo a religião como resposta mais espontânea para aplacar as forças naturais e transformar o seu ser desconhecido e inquietante (*unheimlich*) num ser próximo e aprazível (SERRÃO, 1999, p. 263).

Feuerbach se aproxima das religiões naturais não por fazer uma defesa das mesmas, mas por enxergá-las enquanto necessárias para desenvolver a sua crítica em relação ao

²⁸ “[...] o sentimento de dependência é a base da religião, mas o objeto primitivo desse sentimento é a natureza, logo é a natureza o primeiro objeto da religião” (FEUERBACH, 2008, p. 37-38).

esvaziamento que as religiões cristãs fazem da natureza. Enquanto o cristianismo afasta o homem da terra, as religiões naturais preservam essa relação.

Só que no politeísmo o homem sacrifica-se à Natureza, dotando-a de “olhos e coração humanos”: o divino é colocado na Natureza (objetiva) como valor humano (subjetivo). Enquanto que no monoteísmo a Natureza é sacrificada ao homem; todo o poder e domínio são concedidos aos olhos e à ação dos humanos (SERRÃO, 1999, p. 268).

Porém, não nos deixemos enganar, ao mesmo tempo em que existe uma aproximação entre homem e natureza, o fato da postulação de deuses já gera o distanciamento da natureza com sua própria essência, pois assim se origina a sua divinização enquanto algo sacro.

A religião se funda no sentimento de dependência, que tem como princípio o medo. Nas religiões naturais os fenômenos da natureza eram causadores de medo, e tais causas físicas foram atribuídas às divindades. “A explicação da religião a partir do medo é confirmada sobretudo pela experiência, uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto da religião só ou principalmente os fenômenos aterrorizantes da natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 39). Contudo, não só as causas proporcionadoras de medo, mas os próprios elementos presentes na natureza, como o Sol, os mares, a Lua, eram passíveis de adoração.

Passado o medo como sentimento que fundamenta a religião, seria hipocrisia se também não atribuíssemos a ela o sentimento de libertação, pois muito provavelmente não se sustentaria somente no pavor. O medo é passageiro e carrega consigo o desejo de superá-lo, e tal superação implica o sentimento de alívio, o qual a religião precisa garantir aos indivíduos para conseguir se sustentar.

[...] ao medo segue-se um sentimento oposto, uma vez que o perigo passou, e esse sentimento contrário ao medo se prende ao mesmo objeto, bastando um pouco de atenção e reflexão para se perceber. Esse sentimento é o da libertação do perigo, do medo e da angústia, é o sentimento do arrebatamento, da alegria, do amor e da gratidão (FEUERBACH, 2009, p. 43).

Ao passo que adoram enquanto tementes, os homens também adoram enquanto gratos. A natureza não lhes atribui apenas inquietações, mas também prazeres, pois ela é a fonte da existência. “O sentimento da angústia é transitório, mas o da gratidão é permanente [...]” (FEUERBACH, 2009, p. 44).

No panteísmo, os homens se relacionam diretamente com a natureza e enxergam nela uma divindade, seja através de animais, plantas, rios, enfim. O teor de divindade acontece à medida que tais coisas servem para a sobrevivência humana, ou seja, a adoração acontece de acordo com a importância que representa para a humanidade. O panteísmo, enquanto uma religião politeísta, tinha em si a adoração de vários deuses. Isso acontecia, pois, as crenças se

determinavam através do que fundamentava cada povo, através de cada necessidade. Se os egípcios tinham no rio Nilo o seu ente sagrado, o mesmo não acontecia com povos de outras regiões, pois não exerciam relações com ele. “O homem concreto, este povo determinado, esta tribo, não depende da natureza em geral, não depende da terra em geral, sim deste solo e desta terra; não da água em geral, sim desta água, deste rio e desta fonte” (FEUERBACH, 2008, p. 25, tradução nossa). Ou seja, a adoração no panteísmo estava diretamente ligada à espacialidade, à territorialidade.

Dentre os seres e objetos passíveis de adoração, também aparecem nas religiões que cultuavam a natureza, e temos que afirmar que até mesmo ainda na modernidade isso acontece²⁹, os animais enquanto adoráveis. Ocuparam a posição de ente sagrado, pois contribuíram diretamente para a evolução e sobrevivência da humanidade. Já que a religião está ligada ao sentimento de dependência, com o princípio da adoração dos animais não seria diferente. “Para o homem os animais eram imprescindíveis, absolutamente necessários: deles dependia a vida e a existência do homem, e este o considerava seu Deus” (FEUERBACH, 2008, p. 26, tradução nossa).

À medida que algo era considerado indispensável para a sobrevivência, poderia carregar consigo a característica de divindade. Por serem necessárias aos homens, esses transferiram sua essência para inúmeras coisas que possuíam utilidade, como por exemplo, os animais. Os homens, ao adorá-los estavam a adorar a si mesmos. Na característica da adoração está inclusa a identidade de cada indivíduo, de cada povo.

O culto aos animais e a natureza em geral não nos mostra somente o estágio prático da cultura de um povo, mas também a sua natureza teórica, seu estágio espiritual em geral; porque enquanto o homem adora animais e plantas, não é ainda um homem como nós, identifica-se pois como os animais e as plantas, estes são para eles ora seres humanos, ora sobre-humanos (FEUERBACH, 2009, p. 63).

Ou seja, no momento das religiões naturais os homens depositam a sua essência na natureza, por isso se reconhecem nela. Os objetivos divinizados são colocados ao lado da essência humana, ou até mesmo acima.

No panteísmo a dignificação da natureza acontece à medida que essa apresenta utilidade para a humanidade. O povo que tem como divindade a chuva, espera-a para a reprodução de sua colheita, que é necessária para a sobrevivência, só assim a encaram, pois traz

²⁹ No hinduísmo, por exemplo, a vaca é um animal sagrado. Ela está relacionada com o Deus Shiva e acreditam os hindus que sacralidade do mamífero está representada em todas as vacas que habitam a terra hindu.

consigo um benefício. A abundância da chuva é um presente do Deus da chuva, a falta dela é encarada como castigo.

A diferença entre o paganismo e o cristianismo consiste no fato de que, na primeira, a utilidade dos deuses é desvelada, na segunda, é velada. A religião cristã se desfaz das religiões politeístas, coloca-as como inferiores por conta dos seus objetos de adoração. A utilidade no paganismo está diretamente relacionada com a concretude dos desejos, com a sobrevivência na natureza, enquanto que no cristianismo ela se finca no sentimento, na espiritualidade.

A Igreja cristã julga a adoração pagã não apenas por conta de fazerem dos seus deuses seres de utilidades físicas, mas, acima de tudo, pelo objeto de adoração não ser o mesmo dos cristãos. Os pagãos têm deuses através da natureza, na água, no ar, no fogo [...]. Já os cristãos têm um deus persona, sujeito. Enquanto aqueles tinham seus deuses em diversas representações presentes na natureza, estes projetaram tudo isso na unidade. Em contraponto a isso, Feuerbach nos afirma que ambas não se diferenciam quanto à essência, ou seja: “Mas por definição, isto é, no conceito da divindade em si, em princípio, ou seja, na essência ou no fundamento, não se distinguem dos pagãos” (FEUERBACH, 2009, p. 75).

Os pagãos personificam a natureza, atribuem às categorias sujeitos. Os gregos, muito conhecidos por seus deuses, fizeram a personificação de vários elementos naturais e, até mesmo, dos sentimentos, como, por exemplo: Poseidon, o Deus dos mares; Hélios, o Deus do sol; Atena, a Deusa da sabedoria. A humanização da natureza deixa claro para Feuerbach que ao fazer isso o homem está apenas adorando a sua própria essência, pois pensa os objetos de adoração como seres personas.

Deste modo se confirma a afirmação de *A essência do cristianismo* de que o homem na religião adora somente a si mesmo, de que seu Deus não é nada além do que a sua própria essência de homem; se confirma o fato de que nas formas mais toscas e inferiores de religião o homem adora as coisas mais distantes e diferentes de si: estrelas, pedras, árvores, inclusive as pinças do caranguejo e as conchas dos caracóis, porque unicamente adora coisas em que se transfere pensando que são seres como ele, ou que ao menos lhe corresponde uma semelhança com ele mesmo (FEUERBACH, 2008, p. 53, tradução nossa).

O sentimento de dependência, a necessidade, também foi responsável pela formulação das religiões naturais. A natureza é passível de adoração, pois a humanidade necessita dela. Se a mesma não tivesse urgência, não teria sido caracterizada enquanto objeto religioso. A necessidade faz o homem ocupar o lugar de servo e senhor na natureza, pois busca uma existência harmoniosa com essa, buscando, ao mesmo tempo, dominá-la, e é no momento do desejo de dominação que ocorre o completo estranhamento do homem com ela.

O desejo de harmonia dá espaço para o egoísmo, e as religiões naturais perdem espaço para as cristãs. A relação homem/natureza é essencial para se fundamentar a religião, pois o sentimento de dependência se desenvolve quando a humanidade se depara com algo diferente de si e sente a necessidade de se afirmar nesse espaço que o limita. Através disso, cria-se a noção de religiões com as figuras de deuses que se voltam para o homem, que se importam com ele, coisa que não existe na natureza material.

Sendo essa relação homem-natureza uma relação não recíproca, ou seja, o homem se relaciona com algo que, diferente dele, não possui sentimentos, não pensa, não ama, e por isso mesmo não retribui o que ele almeja ou necessita. Portanto, essa relação não recíproca se apresenta como um fator fundamental para a existência da religião (SANTOS, 2016, p. 85).

No panteísmo a natureza se mostrou para os homens enquanto divindade, sendo a responsável de causar neles a ideia daquilo que chamam de Deus, por isso também ela se constitui enquanto o primeiro objeto da religião. O Deus cristão tem em si todos os atributos que competem não só à essência humana, mas também à natureza. As categorias sensíveis que foram retiradas da humanidade dividem espaço com as categorias fisiológicas que foram retiradas da natureza. A defesa de Feuerbach ao panteísmo se faz por conta da valorização que ainda existe nos primórdios das religiões naturais, valorização que precisa ser recuperada. Não foi a natureza que surgiu de Deus, mas sim este que surgiu daquela. Assim é com o homem, que não deve a sua existência a Deus, mas tão somente à natureza material.

[...] o homem não deve atribuir sua origem ao céu, mas à terra; não a Deus, mas à natureza; que o homem deve iniciar sua vida e seu pensamento com a natureza, que a natureza não é o efeito de um ser diverso dela, mas sim, como dizem os filósofos, é a causa dela mesma, que ela não é uma criação, fabricada ou tirada do nada, mas sim autônoma, compreensível por si mesma, só derivável de si mesma [...] (FEUERBACH, 2009, p. 198).

Ambas as vertentes religiosas, tanto o politeísmo quanto o monoteísmo, desenvolvem suas crenças através da fantasia, da capacidade imaginativa que pertence à humanidade. Ambas adoram o espírito, porém, no politeísmo isso acontece de maneira indireta, enquanto que no monoteísmo é de maneira direta. Ou seja, no primeiro é atribuída divindade ao agir da natureza fisiológica através da fantasia humana; enquanto que no segundo a mesma fantasia personifica um Deus através da essência humana. Feuerbach nos admite, ainda, que em suas análises acerca de ambas as religiões, fez a passagem de uma para outra, do politeísmo para o monoteísmo, através da imaginação. A diferença delas se constitui na diferença dos desejos, por isso que são crenças diversas.

Como já afirmamos em outros momentos desta dissertação, a religião é a representação dos desejos humanos. Portanto, assim como os desejos são diversos – entre

indivíduos, crenças, épocas, enfim, entre realidades, os deuses também são, a depender de cada crença. No paganismo, por exemplo, que tem por si deuses projetados em seres reais, é comum que os desejos em tal religião também sejam reais, que não ultrapassem a natureza. Diferente do cristianismo, que tem Deus enquanto ente sobrenatural, que possui desejos de ilimitação. Feuerbach ainda nos explica que: “O deus dos pagãos estava preso à matéria porque os desejos e pensamentos pagãos estavam presos à matéria, ao conteúdo do mundo real” (FEUERBACH, 2009, p. 259).

Se os desejos no politeísmo são desejos que não ultrapassam os limites da natureza, os pagãos não têm em si o desejo da imortalidade. Algumas religiões naturais têm em si o conceito da imortalidade, porém, não é uma imortalidade que chegue até os homens. Como exemplo, os deuses gregos, os quais possuem a categoria da imortalidade, pois essa é idêntica à da divindade. Ou seja, para os deuses gregos, a imortalidade é algo inerente, mas que não chega à humanidade.

Para os pagãos, a natureza é objeto de adoração, não lhes cabendo tipos de questionamentos como “De onde veio a natureza?” ou “Quem a criou?”, pois se trata da própria divindade, e o que é divino tem o seu fim e o seu começo em si mesmo. Assim como não cabe aos cristãos o questionamento “De onde veio Deus?”, o mesmo acontece com os pagãos em relação à natureza. “A natureza tal como impressiona os seus sentidos é certamente surgida, gerada, mas não criada no sentido próprio, no sentido da religião, não é um produto da vontade, não é fabricada” (FEUERBACH, 2013, p. 129).

Enquanto as religiões cristãs incluem em si o egoísmo, as pagãs incluem a sensibilidade, no sentido de apreciação da natureza, de abertura para o mundo. “Por isso a ciência só surge no politeísmo, assim como a arte, porque o politeísmo é a sensibilidade aberta, sem preconceito, para tudo que é belo e bom indistintamente, a sensibilidade para o mundo, para o universo” (FEUERBACH, 2013, p. 131). É por conter em si a sensibilidade para com a natureza que Feuerbach se aproxima do paganismo, pois sensibilidade é também reconhecimento, é o que falta às religiões que esvaziaram a natureza. O pagão não vê a necessidade de se apartarem do mundo, pois tudo o que carece, inclusive seus desejos, encontram e se realizam na natureza.

O momento das religiões naturais se faz necessário, pois as religiões monoteístas se sucederam a elas. Estranhou e apartou o homem da natureza. O reencontro com a essência do panteísmo é necessário enquanto reencontro do homem com aquilo que o determina enquanto ser que existe somente no tempo e no espaço. O estranhamento com a natureza, do

homem com sua fisiologia, é que faz com que temam o curso natural da vida, que temam a morte. A superação desse medo só será possível do homem alcançar através de si mesmo em relação com a natureza, a superação desse medo é o caminho a ser percorrido pelo homem integral. Cabe ao pagão buscar a libertação não apenas fora de si, na natureza, mas sim em si e com ela. Precisa aceitar a sua limitação frente à natureza: “Na análise de Feuerbach, quando o homem chega à consciência de sua finitude e mortalidade, alcança coragem e confiança para começar uma vida nova puramente terrena, ou seja, no interior dos limites da natureza” (CHAGAS, 2016, p. 31).

A análise acerca das religiões naturais tem por intuito demonstrar que o seu deus é a própria natureza, que a essência é a sensibilidade humana projetada em seus objetos. Que a humanidade não deve buscar a sua essência apartada dela, mas que se reconheçam enquanto seres que dependem e que são capazes de coexistirem. Feuerbach demonstra uma simpatia com o paganismo, pois a relação que nele o homem desenvolve com a natureza é essencial para a libertação do homem com aquilo que lhe causa medo e o faz se apartar dela.

4.3 A concepção de natureza nas religiões cristãs

As religiões pagãs vão perdendo espaço para as monoteístas ao passo que as inquietações humanas começam a se voltar mais para o espírito do que para o físico. Os desejos que se relacionam com a natureza passam a ser desejos que se relacionam com a moral. A vontade de viver bem passa a ser a vontade de viver infinitamente. Aqui, vamos demonstrar a visão que Feuerbach tem de natureza no âmbito das religiões monoteístas e, em especial, da religião cristã.

Os anseios que estavam fincados na natureza material passam a transcender para o espiritual, o metafísico. Quando isso acontece a natureza começa a perder o seu espaço e a sua importância, pois ela se torna insuficiente para resolver as questões dos crentes. Os deuses, que anteriormente eram tão só objetos presentes na natureza, ou ela mesma, vão dando espaço para o Deus pessoal, que se relaciona diretamente com o homem. No cristianismo, a natureza é entendida enquanto instrumento de manobra do Deus cristão. Juntamente com a negação da natureza, também vem, conseqüentemente, a negação da materialidade, da finitude, do corpo, de tudo aquilo que caracteriza o homem enquanto ser fisiológico.

Nas religiões monoteístas dá-se finalmente a consolidação desta tendência de redução do natural a algo meramente físico, objeto de utilidade e fruição, exprimindo-se o máximo expoente de dominação em duas formas culturais típicas: uma, a subjugação da natureza pela ideia de criação primordial; a outra, o providencialismo inteiramente

antropocentrado da ideia de intervenção miraculosa. Para o teocentrismo de cariz essencialmente político do judaísmo, Deus é concebido como um chefe político nacional, rei, legislador e justiceiro, já separado do mundo natural e do mundo humano, o senhor do Céu e da Terra (SERRÃO, 1999, p. 266).

Nas religiões monoteístas a natureza se encontra subjugada à vontade divina. Deus a organiza de acordo com sua vontade. Se nas religiões politeístas o que existia de mais primordial era a natureza³⁰, nas monoteístas esse primordial é Deus. Diferente do politeísmo, no monoteísmo a imagem de Deus tem uma essência diferente da natureza. Ela se relaciona bem mais com a essência humana do que com a natural. As religiões de cunho cristão concebem a natureza sem vontade, termo esse utilizado como sinônimo de independência. Ou seja, no monoteísmo a natureza não é independente, pois esse Deus, que tem sua essência apartada dela, é seu possuidor, uma espécie de dono criador. Aqui já existe a diferença entre Deus e natureza, e alguns atos naturais já passam a ser concebidos como milagres. A partir do momento que a religião postula um ser apartado da natureza, incluem-se nela ações que são atribuídas somente ao divino.

No monoteísmo, é a essência de Deus concebida como uma essência diversa do mundo e sua essência, não obstante seja originariamente apenas a essência da natureza ou do mundo abstraída dos sentidos. Por isso sucumbe aqui a simplicidade poética e a jovialidade patriarcal do politeísmo (FEUERBACH, 2009, p. 167).

Quando os homens começam a tomar consciência das suas limitações, buscam uma alternativa para poder superá-las. Acarretado a isso, aparece-nos a imagem de um ente que possa garantir aos homens uma ilimitação. A natureza é responsável por fazer com que o homem se depare com sua finitude e, perante isso, as religiões naturais não servem mais, pois assim como a humanidade, os objetos presentes na natureza, enquanto seres individuais, também são finitos.

Feuerbach determina a natureza enquanto afirmativa e negativa dos seres, pois ela é a que garante a vida, e também a responsável por determinar os limites da existência. Chegando a tal conclusão, a adoração da materialidade dá espaço para a adoração do espírito, e os deuses naturais perdem espaço para o Deus cristão. Assim, a natureza vai perdendo espaço para as questões existenciais.

Feuerbach admite uma primazia na natureza, ela está antes do espírito, porém, não é isto que acontece nas religiões cristãs, que as afirmam enquanto produto da vontade de um ente espiritual. Nas religiões monoteístas, esse Deus é um ser que possui os atributos humanos e que organiza a natureza ao seu bel prazer. Em contraponto, a filosofia feuerbachiana nos

³⁰ Apesar da existência de entidades nas religiões naturais, as intencionalidades e as ações dos deuses não ultrapassavam a natureza, só se realizavam no âmbito natural.

afirma que: “No seu aspecto mais essencial, a natureza apresenta-se como o fundamento de toda a existência, que não deve a ela a sua existência a um ser distinto dela, sendo por consequência dotada de inteira independência” (SERRÃO, 2007, p. 145). Renega qualquer teoria que coloque a natureza como produto e/ou criação de algum ente externo a ela. Por isso, vai de encontro com as teorias idealistas e com o cristianismo, que argumenta uma natureza criada.

O cristianismo mostra desprezo não só pelas outras religiões, pois se coloca enquanto a única doutrina verdadeira, mas também pela natureza. Além de apartar o homem do seu habitat, também aparta a natureza de sua essência objetiva.

A religião cristã, por exemplo, vista no seu desenvolvimento histórico *dogmático*, é determinada como religião *absoluta* e para produzir essa determinação sublinha-se *unicamente* diferença da religião cristã relativamente às outras religiões, deixando inteiramente de lado o que é comum, a *natureza* da religião, que se encontra no fundamento de todas as diferentes religiões enquanto único absoluto (FEUERBACH, 2012, p. 25).

O objeto da religião cristã é o homem, e a natureza não a interessa. Postula-a unicamente enquanto produto, obra de Deus. A natureza é desprezada, pois limita os desejos humanos, é a barreira do corpo e dos desejos do espírito. “O Cristianismo é uma religião na qual se revela um completo desprezo à natureza, pois nele foi consumado o espírito como imaterial, não-sensível, e Deus como um ser que existe para si, absoluto, personificado, externo e estranho à natureza” (CHAGAS, 2010, p. 58). Ou seja, por admitir uma existência imaterial, não faz defesa da natureza enquanto necessária.

As religiões, os teístas, têm uma visão contrária à visão ateísta de Feuerbach. Enxergam a natureza como marionete de uma entidade. A teoria criacionista já anula a natureza por atribuir a ela um começo, e mais, um começo que vem de uma abstração. No cristianismo, Deus vem antes de tudo, antes do homem e, até mesmo, da natureza, ele a cria com o intuito de servir de morada para os homens. Se ele a cria, ele também a manipula.

A defesa de seu valor intrínseco ressalta claramente o confronto veemente, muitas vezes polêmico, com o leque de posições religiosas e filosóficas que lhe atribuem um estatuto de ser secundário, ou mesmo negativo. E são elas, por um lado, o criacionismo, que a coloca no estatuto de derivado do ato criador, por sua vez arbitrário, de uma subjetividade absoluta (SERRÃO, 2007, p. 145).

Se à natureza fosse atribuída alguma criação, essa só poderia ter vindo de outro material tal qual a natureza. Um ente espiritual, como no caso de Deus, jamais poderia criar algo que não faz parte de suas determinações. Se não tem em si a categoria da materialidade – pois só existe no espírito, e além do mais, renega a materialidade, também não pode supor algo material. Feuerbach já nos demonstrou que a ideia de Deus não é nada além do que a essência

do homem, e agora nos mostra também que junto a ela se insere a essência da natureza. “Entretanto, é consequência da minha doutrina que não existe nenhum Deus, ou seja, nenhum ente abstrato, suprassensível, diverso da natureza e do homem, que decide sobre o destino do universo e da humanidade a seu bel prazer” (FEUERBACH, 2009, p. 37).

Ou seja, um mundo criado estaria submetido à vontade do seu criador, logo, a sua existência seria tão somente arbitrária aos desejos desse, concluindo, assim, que poderia deixar de existir a qualquer momento já que é tão somente produto de uma vontade. Para Feuerbach, isso é anular a existência, pois é a afirmativa que o mundo e tudo o que nele existe é um mero produto do desejo de um ser transcendental.

A existência ou não existência depende somente da vontade. A vontade de que ele exista é ao mesmo tempo a vontade (pelo menos a vontade potencial) de que ele não exista. A existência do mundo é, portanto, uma existência momentânea, arbitrária, insegura, i.e., exatamente uma existência nula (FEUERBACH, 2013, p. 120).

O cristianismo renega a natureza, pois não se preocupa com ela, a sua doutrina está voltada para o espírito, para o desejo de superação da materialidade. Ela não só não é interessante para ele, como também é a barreira para os seus desejos. O homem tem consciência de natureza enquanto algo diverso de si, e assim se depara com a sua limitação. Através disso, encontra-se entre o impasse de ser limitado e desejar a ilimitação, a vida eterna, a infinitude. Com isso, surge a ideia de um ser que lhe garanta a realização de tais desejos, e é através disso que a religião cristã se finca com a promessa de dar ao homem a ilimitação que a natureza priva dele. Pois, a vida no mundo material é uma espécie de castigo, uma passagem para a humanidade se redimir de seus pecados.

No Cristianismo, o homem se concentra apenas em si, pois ele desliga-se da conexão com a natureza e faz de si uma essência absoluta e sobrenatural. A separação da natureza é, por conseguinte, o ideal essencial do Cristianismo: o cristão desdenha do mundo; ele nega a natureza, pois esta significa a finitude, a transitoriedade e nulidade de sua existência (CHAGAS, 2010, p. 58).

A natureza não é só criada por Deus, mas objeto mediador de suas ações. A religião cristã admite a providência, que não é nada além do que dizer que “[...] diante dela todo o poder da realidade nada é [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 121), que a natureza nada é frente a Deus, pois ele está acima de qualquer lei física. Assim, reverencia a criação a partir do nada como providência divina. Sendo a religião cristã a expressão do egoísmo humano, a providência se relaciona primeiramente com ele, ou seja, ela é para a humanidade. Sempre coloca o homem em primazia frente à natureza fisiológica, o Deus cristão sempre dará preferência ao homem, porém, sempre afirmando a sua superioridade.

O valor que é atribuído ao homem só é possível mediante a vontade de Deus. Porém, a importância que Deus dar ao homem não é nada além do que a importância que esse dar a si mesmo, é o amor-próprio endeusado. O desejo de preservação é tão somente desejo humano, é então a autoconservação. É assim com a ideia de criação da natureza. Se Deus a cria, e esse Deus dá sempre primazia ao homem, é a teoria da natureza criada pelo sentimento de autoconservação humana.

Ao dizeres: o mundo foi feito do nada, imaginas o próprio mundo como um nada, retiras da tua cabeça todas as limitações da tua fantasia, do teu espírito, da tua vontade, porque o mundo é a limitação da tua vontade, do teu espírito; só o mundo oprime a tua alma; somente ele é a parede que te separa de Deus, o teu ser feliz e perfeito (FEUERBACH, 2013, p. 127).

Dar ao homem ilimitação, imortalidade, pressupõe tirá-lo da natureza. Feuerbach vai de encontro com essa ideia em dois momentos. Primeiro, admitir tais categorias ao ser humano é prever sua existência fora do tempo e do espaço, pois jamais seriam possíveis no âmbito da natureza; ou seja, as categorias citadas não são categorias que compõem o homem integral, pois negam a sua fisiologia. Segundo, ao fazer isso, a religião retira da natureza a sua importância enquanto algo essencial à vida humana, tirando a sua importância faz o desprezo dela. Retirar o homem da natureza é retirar dele a sensibilidade. A doutrina da imortalidade é, em si, egoísta, pois nela o homem se preocupa apenas consigo. Diferente do paganismo, em que os homens se importavam com a coletividade, valorizam as relações; no cristianismo o homem se importa somente consigo mesmo. Portanto, a salvação, a imortalidade, diz respeito somente à sua salvação individual. “Os antigos sacrificavam os indivíduos ao gênero; os cristãos o gênero ao indivíduo” (FEUERBACH, 2013, p. 163).

A vida do cristão é uma busca eterna pela existência no além, na eternidade, no paraíso, esse que nada mais é do que este mundo, o aquém, livre das limitações da natureza, das perdas, da dor. Ou seja, assim como o homem se nega por meio da religião e se reencontra em Deus, o mesmo acontece em relação à natureza quando prioriza o além em detrimento do mundo real. Porém, Feuerbach nos explica que essa negação só serve para reafirmar a necessidade que o homem tem da natureza. De maneira mais detalhada, o religioso vislumbra um além cheio de ilimitações, assim, nega o mundo real, no entanto, esse além nada mais é do que o próprio mundo, livre das condições naturais.

O homem se separa de si na religião, mas somente para voltar sempre ao mesmo ponto de onde saiu. O homem se nega mas só para se afirmar novamente, e agora numa forma mais suntuosa. Assim também condena ele o aquém, mas somente para no fim estabelecê-lo novamente (FEUERBACH, 2013, p. 188).

A imortalidade nega não apenas a natureza, mas também o corpo humano, pois uma vida longe da materialidade pressupõe uma vida longe do corpo. Na narrativa religiosa, na vida pós-morte, o corpo será descartado, e essa existência será somente em espírito. Porém, como vimos em outros momentos, espírito não existe sem relação com o corpo. A imortalidade do homem só acontece na memória daqueles que o conheceram, através das suas contribuições morais e estéticas, por meio de suas obras e de seus ensinamentos. “A imortalidade espiritual, ética ou moral é a única que o homem possui e que possui através de suas obras” (FEUERBACH, 2009, p. 28). Admitir uma vida longe do corpo e da terra é anular não só a natureza, mas também o próprio homem.

O corpo, a corporeidade do homem, não é negado apenas na atribuição de uma vida no além, mas também quando a religião renega as categorias naturais da corporeidade humana. É o que aconteceu na concepção de Jesus Cristo através de Maria, por meio de um corpo virgem. Tal afirmativa vai de encontro com as leis físicas da natureza e com a fisiologia.

Através de tal negação, a religião estabelece a onipotência divina. Logo, algo que não é passível de explicação racional, é atribuído como milagre. Afirmar um nascimento sem pressupor um ato sexual nega não só a natureza, mas também a sensibilidade humana. O nascimento de Cristo não passa pelo ato sexual por ser esse encarado como impuro. “O Cristianismo exclui do paraíso todos os limites e todas as adversidades que estejam ligados com a sensibilidade, com a natureza” (CHAGAS, 2010, p. 60). Apesar de a igreja cristã não defender a castração física, observa-se presente a castração moral e psicológica. Não à toa que aos padres da igreja não foram incumbidos do casamento, suas sexualidades foram castradas indiretamente.

É através da sua relação com a natureza que o homem se depara com a fragilidade do seu corpo, fazendo-o encarar a sua limitação. Ela não está para agradar a humanidade e nem é passível de manobra. É por essas e outras conclusões que o cristianismo tem aversão à natureza. O ser humano deseja “[...] que não exista nenhum mundo, porque onde existe mundo existe matéria e onde existe matéria existe opressão e choque, espaço e tempo, limitação e necessidade” (FEUERBACH, 2013, p. 127). Por isso quer aceitar a narrativa de natureza criada e manipulada. O homem deseja ser tal como Deus, ilimitado, livre da matéria. Por isso, “O homem cria Deus para que este crie a Natureza, mas de tal modo que crie em função dele próprio” (SERRÃO, 1999, p. 267). Se deparar com algo que não consegue explicar causa desconforto perante a humanidade, e o fato de não entender se relaciona diretamente com o fato de não aceitar.

Se a natureza é causadora de sofrimento, cabe a Deus garantir uma outra vida longe da mesma, pois o Deus cristão é bom e justo, trabalha para o bem-estar da humanidade. Ele não deixaria seus filhos viver somente uma vida de sofrimento, uma existência sem sentido. Pensar um Deus que não almeje e não garanta uma vida melhor para os homens não se encaixa no cristianismo. De que serviria Deus se essa fosse a única vida possível? Muito provavelmente de nada serviria, pois o maior desejo dos homens, do homem sã, é conservar a sua vida.

Se não existe uma vida melhor, Deus não é bom e justo. A justiça e a bondade de Deus é então dependente da continuidade dos indivíduos; mas sem justiça e bondade Deus não é Deus – a Divindade, a existência de Deus é, portanto, dependente da existência dos indivíduos (FEUERBACH, 2013, p. 182).

Na religião cristã não existe culto à natureza, pois a humanidade não tem necessidade dela. Necessita e depende somente de Deus. Observemos aqui, que diferente das religiões naturais, no cristianismo não existe o culto aos animais. O culto é voltado somente para o ente celestial, para o espírito. Acreditam aqui que “[...] a existência do homem não depende da natureza e sim da vontade de um ente independente dela [...]” (FEUERBACH, 2008, p. 26, tradução nossa). Cultuar outro que não Deus é até mesmo encarado como pecado, pois o Deus cristão é egoísta.

Portanto, somente através das chamadas leis positivas, isto é, arbitrarias, surge a diferença entre culto a ídolos e a Deus. Não deveis confiar nos homens, mas em mim; não deveis temer fenômenos naturais, mas somente a mim; não deveis adorar as estrelas como se a vossa salvação e o vosso bem viessem delas, mas somente a mim, que criei as estrelas para o vosso serviço, assim fala do Deus Jeová, o deus monoteístas no geral, a seus servos, afim de protege-los contra a idolatria (FEUERBACH, 2009, p. 255).

A afirmação nos traz uma crítica direta às religiões naturais e mostra o egoísmo presente na doutrina cristã. Não se deve adorar os astros, os objetos, os fenômenos, mas antes, apenas Deus, apenas o Jeová, apenas o Deus cristão.

Feuerbach desenvolve algumas formas de atuação de Deus, nas religiões monoteístas se encaixa a despótica ou absolutamente monárquica, que ele designa enquanto o segundo modo de atuação, o primeiro compete às religiões naturais. A forma despótica faz relação ao Deus apartado da natureza que a manipula de acordo com a sua vontade, pois nesse estágio religioso a natureza teve negada de si a sua autonomia, a sua liberdade. Não só sua autonomia foi negada, mas também sua essência, sua estrutura física.

Deus pode atribuir à natureza qualquer movimento, até mesmo aqueles que não seriam possíveis se ela fosse tão somente um ente material. Como, por exemplo, o Deus cristão que transformou a água em vinho, ou ainda, que abriu passagem através dos mares. Essas narrativas são “[...] apenas a consequência da crença de que Deus tudo pode, de que tudo é

possível para Deus e de que, conseqüentemente, nenhuma necessidade natural se mantém diante da vontade de Deus” (FEUERBACH, 2009, p. 169). O agir de Deus em relação a algo que normalmente não aconteceria na natureza por si mesma, a religião explica como um milagre.

É preciso fazer uma diferenciação entre milagre ou maravilha com as maravilhas da natureza. Maravilha natural não é a mesma que maravilha religiosa. A primeira é tudo aquilo que pode causar admiração, como, por exemplo, observar a beleza do pôr do sol ou, ainda, a pelagem de um pavão. Já as a segunda, os milagres, é aquilo que ultrapassa os limites da natureza. Feuerbach nos diz sobre as maravilhas naturais: “As maravilhas da natureza são coisas que provocam nossa admiração e espanto porque ultrapassam o círculo de nossos conceitos restritos, de nossas experiências e concepções próximas e habituais” (FEUERBACH, 2009, p. 263). E segue falando dos milagres: “Mas as maravilhas deísticas, religiosas, ultrapassam as capacidades da natureza; elas não têm sua base na essência da natureza, mas contradizem-na; são provas, são obras de um ser diverso da natureza, de um ser extra e sobrenatural” (FEUERBACH, 2009, p. 263).

As maravilhas religiosas não têm a sua base nem em Deus nem na natureza, pelo contrário, originam-se no homem, pois são as representações dos seus desejos, ou melhor, de suas fantasias. Atribui no agir natural uma transcendência, ou ainda, atribui uma transcendência em algo que não conseguiu explicar racionalmente, pois a natureza ultrapassa até mesmo a razão humana. “A diferença entre ambas maravilhas já se mostra claramente pelo fato de que a maravilha natural é algo inteiramente indiferente para o homem, enquanto que na maravilha religiosa o homem é interessado, dela participando o seu egoísmo.” (FEUERBACH, 2009, p. 264). Portanto, é sabido que enquanto a maravilha na natureza tem sua origem na própria natureza, a maravilha religiosa (milagre) tem sua origem no próprio homem. Assim, os milagres se constituem enquanto um instinto de conservação, pois se caracterizam enquanto vontade para benefício próprio.

Não devemos atribuir aos desejos a categoria do egoísmo. Eles fazem parte da essência humana. Os desejos são egoístas quando visam tão somente um benefício individual. O que diferencia os desejos dos cristãos dos desejos dos pagãos é que nestes eles se realizam na natureza, enquanto que aqueles pressupõem um rompimento com a natureza para serem possíveis de realização, só se realizam na abstração. O desejo mais abstrato é aquele que o homem tem de não morrer, e aqui voltamos para a discussão acerca da imortalidade. Ela jamais se sustentaria na natureza, ela entraria em colapso se os seres não morressem. No ciclo perfeito da vida tem que estar incluída a morte.

Se os homens não morressem, provavelmente não imaginaria um Deus tal qual o Deus cristão, pois só a ele cabe a condição de realizar a vida eterna. Não existe conciliação entre imortalidade e natureza, por isso a ideia de Deus surge, uma vez que só ele pode garantir a realização de tal desejo, pois ele realiza este desejo fora do âmbito da natureza. Mas, se ele quisesse, também poderia realizar na natureza material, pois ele é o criador dela. A religião é cheia de possibilidades, mas a natureza tal como é, produto de si mesma e não de um criador, é castradora dessas possibilidades que ultrapassam a materialidade. Por isso, o cristianismo a despreza. A natureza não necessita da imortalidade dos seres, deixando isso latente no ato da procriação, “[...] colocar no mundo vários seres iguais a si, de sua espécie, anula ele a exclusividade e com isso a necessidade de sua própria existência” (FEUERBACH, 2009, p. 296).

Quem morre terá o seu lugar ocupado por um semelhante. É por isso que os cristãos se impõem contra a natureza. Através da ilimitação da consciência e da imaginação ele chega até mesmo à imortalidade, porém, a natureza o traz de volta para a realidade. “Quem quer escapar a morte, a consequência da necessidade natural, deve escapar também ao motivo da morte, que é a própria natureza. Quem não quer acabar, perecer com a natureza, não pode também começar, ter início na natureza, mas sim num Deus” (FEUERBACH, 2009, p. 303).

Quanto mais a natureza é negada, mais o crente encara a sua subjetividade como ilimitada. É claro que o homem não religioso, o homem livre, pode ter em si aversões à natureza, as quais são apenas passivas, ele não encara a natureza como algo que deve ser negado e/ou superado. Já a aversão presente na religião é elevada a escalas infinitas, ao ponto de postular um ente digno de adoração que o dê a promessa de saída da natureza, de superação. Para o crente adverso a natureza, “Tudo aquilo que não lhe agrada, que ofende a sua sensibilidade sobre ou antinatural, não deve existir” (FEUERBACH, 2013, p. 151).

Feuerbach, por outro lado, pretende, sim, demonstrar a natureza como distinta do homem, mas também quer que esse se enxergue enquanto parte integrante dela. Ele retira a divindade da natureza e retira a passividade que a religião cristã desenvolve sobre ela. Dessa forma, o filósofo afirma a sua autonomia. No cristianismo tudo de positivo foi atribuído a Deus (as categorias do gênero, a ilimitação) e tudo de negativo foi atribuído à natureza (limitação do corpo humano, a morte), sendo essa simplesmente física, e não moral, pois a moralidade não lhe compete, ela é amoral.

De acordo com Feuerbach, a natureza é, como ela é realmente, ou seja, ela é factual, “imparcial” e “fria”, e ela faz o que ela faz não intencionalmente, de propósito, não com saber e querer, mas necessariamente (tal qual a necessidade natural); isto é, porque ela é, é ela necessariamente como ela é (CHAGAS, 2014, p. 86).

Portanto, chegamos ao entendimento de que a quimera de um ser infinito e ilimitado é explicada pela necessidade que o homem tem de transpor as barreiras da natureza. O homem cria um ser místico, Deus, que é o causador e criador de todas as coisas. Através da negação da natureza é que o homem busca superar os limites do corpo, como a morte. É a tentativa de alcançar o mundo perfeito, a infinitude, a vida após a morte, o ser humano ideal. O homem postula a natureza enquanto criação de Deus, pois deseja que ela esteja disposta aos seus prazeres.

O caminho que Feuerbach percorre quando conceitua a sua noção de natureza em obras como “A essência da religião” se constitui enquanto continuidade para a teoria do homem integral, para a ressignificação da religião que desenvolveu ao longo de toda “A essência do cristianismo”. Para ele, tudo o que existe fora do homem é e pertence à natureza. A evolução e desenvolvimentos humanos não dependem de nenhum transcendental, mas, tão somente, da natureza.

Para Feuerbach, se algo deseja se caracterizar enquanto inseparável do humano, algo que o homem é verdadeiramente dependente, isso deveria ser a natureza e não um ser metafísico. Nenhum espírito é capaz de dominar a natureza, se existe alguma fantasia essa é proveniente do próprio homem que imagina coisas sobrenaturais no agir material da natureza que não tem nada de místico. Ou seja, se [...] a natureza é verdadeiramente possuída por um espírito, porém este espírito é o do homem, é sua própria fantasia, sua própria alma que involuntariamente se introduz na natureza e faz dela um símbolo e um reflexo da sua própria essência humana” (FEUERBACH, 2008, p. 30, tradução nossa).

Assim, o intuito de Feuerbach não se caracteriza em destruir o deísmo e a teologia e acrescentar novos ídolos, não se trata de endeusar o humano e nem a natureza, mas enxergá-los em suas totalidades e contradições. Fazer com que o homem tome consciência de que é um ser físico, material e que necessita da natureza para sobreviver. Entendê-la como o outro do qual ele verdadeiramente precisa. “Ela é para a filosofia, para o pensamento em geral, a alteridade não redutível ao pensar, o elemento vivificante de um pensar que recusa a abstração e aspira a permanecer na conexão com o ser” (SERRÃO, 2007, p. 147). Entender que ela não tem necessidade de nenhum transcendental para ser criada ou para mediar as suas ações, pois ela é em si e por si. Atingir a compreensão da materialidade da natureza, entendendo que a ela não competem as categorias da sensibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hermenêutica de Feuerbach se constitui como uma crítica dos clássicos da religião. Através da explanação acerca do método histórico-filosófico, observamos que o autor leva em consideração as contribuições que dizem respeito à religião em sua origem. Para o filósofo alemão, o cristianismo clássico é o único digno de ser estudado, o que merece a dedicação do seu tempo, pois ainda o causa inquietação. Se a religião fosse desinteressante para o autor, é certo que ele não tomaria seu tempo com uma discussão que acreditaria já estar superada.

Assim como Feuerbach nos demonstrou que as discussões acerca da religião não haviam sido esgotadas, o presente trabalho teve como intuito destacar que as teorias feuerbachianas aqui trabalhadas também não estão esgotadas. Antes, possuem em si discussões que se fazem fundamentais, não só para a academia, por entendemos que o autor ainda merece um maior destaque nas rodas filosóficas; mas também para a sociedade, que está sendo permeada pelas doutrinas teológicas que excluem o valor das relações.

Visando uma contribuição filosófica, no âmbito acadêmico, mas também uma contribuição social, no âmbito vivencial, vimos a importância de trazer a cabo a discussão da teoria do homem integral. O presente trabalho levou o leitor a identificar, de maneira objetiva, a existência da defesa do homem integral pretendida por Feuerbach, mas antes de chegar a tal conhecimento, foi necessário entender o que compõe tal teoria, o que compõe a essencialidade do homem integral.

O homem completo só é em relação consigo (*eu*), sua essência ou gênero (*tu*) e natureza. Ou seja, a teoria do homem integral defende o indivíduo enquanto ser autoconsciente, ser sensível e ser natural. A antropologia de Feuerbach pressupõe uma visão crítica da religião, por isso, se há pretensão de fazer uma análise da sua teoria humanista, deve-se passar por sua visão de religião. O encontro do homem consigo mesmo depende da resignificação da religião, o que foi exposto no nosso texto como a redução.

Teologia é antropologia, a partir de tal sequência ficou claro que uma defesa da antropologia de Feuerbach deveria antes conter uma análise da religião. O conteúdo da religião é humano. O filósofo excluiu todo e qualquer misticismo que aparece nos escritos religiosos. Para ele, o misticismo presente ou diz respeito à resignificação da essência humana feita pela religião ou à imaginação dos indivíduos. No geral, concluímos que a essência religiosa é a essência humana.

Após a análise do nosso texto, o leitor pode concluir que não pretende Feuerbach uma negação da religião, mas, como bem explicitamos em vários momentos da nossa contribuição, uma ressignificação, a qual tem como pressuposto desvendar a verdadeira essência religiosa, que é a essência genérica. A religião é construída sobre os atributos humano, que são furtados pela teologia e estranhados ao homem. O homem integral não é sem seus atributos; razão, vontade e amor são os três pilares primordiais de sua essência. É através do alcance da autoconsciência que o indivíduo entenderá que esses pilares não podem ter origem em nenhum ente sobrenatural, pois o seu veículo é a humanidade.

Ao afirmamos que Feuerbach enxerga duas faces na religião, a positiva e a negativa, a antropológica e a teologia, chegamos ao entendimento que não pretende ele uma negação da mesma, mas antes, uma ressignificação da religião e uma negação teológica. A teologia é a parte da religião que está envenenada pelos dogmas. A anulação do homem foi se constituindo de tal maneira a ponto de chegar a ser feita de maneira proposital. Isso acontece, pois, a religião que se distanciou do seu sentido inicial começou a perder o seu propósito.

A religião só se conserva se nela existe preservada sua origem, se assim não for, torna-se desinteressante para a humanidade. A teologia provoca a diferenciação de maneira proposital, pois é justamente tal diferenciação que está agarrando o homem. Se esse acredita que tais atributos ele só encontra em Deus, e não em si mesmo, e tem a necessidade de tais atributos, ele irá continuar se agarrando a Deus.

A superação da teologia se faz necessária no momento contemporâneo, não só para homem se consumir como ser integral, mas também para que o mesmo não aja por finalidades. As promessas religiosas são cada vez mais egoístas e cerceadoras de grupos. O homem religioso acredita estar em posição de superioridade em relação aos demais indivíduos. No cristianismo, acreditam ainda ser superiores tanto àqueles que não creem quanto em relação àqueles que creem em outras crenças, como bem observamos na crítica que direcionaram às religiões panteístas.

Para a superação da teologia, Feuerbach admitiu a filosofia, porém, que não esteja encarnada de teologia, mas sim a filosofia verdadeira. O nosso autor afirmou ser necessária uma reforma da mesma, para, com isso, instalar uma nova filosofia, livre não só da teologia, mas também da especulação. Pretende com tal filosofia uma que seja capaz de ocupar o lugar da religião na sociedade.

Concluimos, ainda, que a importância do debate da natureza existiu não apenas para completar a teoria do homem integral, mas também para explicitar como surge a ideia de Deus.

A noção de entidade surge ainda nas religiões naturais, através do sentimento de dependência da humanidade. Ou seja, o sentimento de autoconservação que apareceu no homem se depara com sua fragilidade frente à natureza.

O sentimento de dependência continua presente nas religiões de cunhos cristãos, mas agora existiu a mudança não só da personalidade divina, como também dos desejos. Enquanto nas religiões naturais os desejos humanos se relacionavam com aquilo que poderia ser efetivado na natureza, nas religiões monoteístas começaram a se relacionar com o espírito, com questões que já não podiam ser efetivadas no âmbito natural.

Justamente pelo homem reconhecer sua inferioridade frente à natureza, é que suas crenças passam a ser crenças que contenham a negação da matéria. Afirmar a existência longe da materialidade é se afastar do homem completo. O ser integral precisa se reconhecer e aceitar a sua existência na natureza para atingir a sua completude.

Com isso, a teoria do homem integral visa não apenas a completude do ser individual, mas a completude da comunidade livre da alienação religiosa que está afirmando uma humanidade sem humanidade, ou seja, está afirmando e construindo uma sociedade que não se reconhece na esfera social, na comunidade, que não vê interesse nas relações.

Com a defesa do homem integral, o objetivo do nosso trabalho foi o de atribuir valor às relações humanas, e isso só é possível se começarmos pelo reconhecimento do homem consigo mesmo, como sendo o seu próprio objeto. Atingir a consciência livre é se despir das determinações teológicas, é estabelecer um bem-viver em comunidade, é se reconhecer na natureza e assegurar sua preservação para uma vida boa. É entender a importância da vida por ela mesma, é aproveitar as oportunidades da realidade, pois elas serão as únicas possíveis. Viver em detrimento de uma possível vida eterna, é se castrar das oportunidades da vida concreta.

REFERÊNCIAS

- ALBINATI, Ana. Feuerbach: fundamentos para uma ética da sensibilidade. **Revista Dialectus**, n. 6, Fortaleza, 2015.
- AQUINO, João. Feuerbach e a fundamentação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação eu-tu. **KRITERION**, n. 129, Belo Horizonte, 2014.
- CHAGAS, Eduardo F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. **Philosophos**, v. 15, n. 2, Goiânia, 2010.
- CHAGAS, Eduardo F. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. **Revista Dialectus**, n. 4, Fortaleza, 2014.
- CHAGAS, Eduardo F. A vontade livre? Natureza e ética em Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**, n. 6, Fortaleza, 2015.
- CHAGAS, Eduardo F. **Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx**. Campinas, Editora Phi, 2016.
- CHAGAS, Eduardo F. **Consciência, natureza e crítica social em Hegel, Feuerbach e Marx**. Eduardo Ferreira Chagas; Renato Almeida de Oliveira (Org.). Editora Phi, Porto Alegre, 2019.
- CHAGAS, Eduardo F. A experiência da consciência na “introdução” à fenomenologia do espírito de Hegel. *In*: CHAGAS, Eduardo Ferreira. (Org.). **Reflexões sobre a fenomenologia do espírito de Hegel**. Fortaleza, Edições UFC, 2008.
- CHAGAS, Eduardo F. A natureza como base da ética em Ludwig Feuerbach – a determinação natural da vontade. **Revista Síntese**, v. 42, Belo Horizonte, 2015.
- CHAGAS, Eduardo F. A natureza como negação da imortalidade da alma no jovem Feuerbach. **Princípio**, v. 16, n. 26, Natal, 2009.
- COSTA, José. **O conceito de homem em Ludwig Feuerbach (a partir da crítica à religião cristã)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2013.
- ESPÍNDOLA, Arlei. Sentido da crítica à religião no pensamento de Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**, n. 6, Fortaleza, 2015.
- FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da filosofia do futuro**. Tradução de Artur Mourão; Lisboa, Edições 70, 2002.
- FEUERBACH, Ludwig. **La esencia de la religión**. Tradução de Tomás Cuadrado; Madrid, páginas de espumas, 2008.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão; Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. **Para a crítica da filosofia de Hegel**. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão; São Paulo, LiberArs, 2012.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão; Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

LIMA FILHO, José Edmar. **Antropologia, Ética e Política em “A Essência do Cristianismo” de Ludwig Feuerbach**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2017.

MACHADO, Luís. **Homem, religião e natureza: a materialidade no projeto da filosofia do futuro de Ludwig Feuerbach**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2017.

MELO, Regiany Gomes. **Homem e sensibilidade em Ludwig Feuerbach: crítica à teologia cristã e à filosofia especulativa**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polémica**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Renato A. Feuerbach e a crítica ao abstrato-especulativo na fenomenologia do espírito de Hegel. *In*: CHAGAS, Eduardo Ferreira. (Org.). **Reflexões sobre a fenomenologia do espírito de Hegel**. Fortaleza, Edições UFC, 2008.

SAMPAIO, Benedicto Arthur. **Dialética e Materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, João. A religião como contraponto à natureza e ao mundo da sensibilidade em Ludwig Feuerbach. **Diaphonía**, v. 2, n. II, Paraná, 2016.

SERRÃO, Veríssimo A. Da razão ao homem ou o lugar sistemático de *a essência do cristianismo*. *In*: MOURA, José Barata; MARQUES, Viriato Soromenho. (Org.). **Pensar Feuerbach**. Edições Colibri, 1993.

SERRÃO, Veríssimo A. **A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SERRÃO, Veríssimo A. **Pensar a sensibilidade: Baumgarten – Kant – Feuerbach**. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

SERRÃO, Veríssimo A. Feuerbach e a apoteose da vida. *In*: CHAGAS, Eduardo Ferreira; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (Org.). **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.

SOUSA, André. **Questão de método em Ludwig Feuerbach: Da carta a Karl Riedel aos Princípios da Filosofia do Futuro**. Tese (doutorado), Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PCRS), Porto Alegre, 2013.

SOUSA, Karla. A filosofia do futuro como filosofia da sensibilidade em Ludwig Feuerbach. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, v. 3, n. 2, Brasília, 2016.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

SOUZA, Crisostómo J. Feuerbach, crítica da religião, crítica da modernidade. *In*: CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes. (Org.). **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.